

JESS LISLEY

INCANSÁVEL

Coração

"NADA UNE TÃO FORTEMENTE COMO O ÓDIO!"





Índice

<u>PRÓLOGO</u>	
	<u>CAPÍTULO 01</u>
<u>CAPÍTULO 02</u>	
	<u>CAPÍTULO 03</u>
	<u>CAPÍTULO 04</u>
<u>CAPÍTULO 05</u>	
<u>CAPÍTULO 06</u>	
<u>CAPÍTULO 07</u>	
	<u>CAPÍTULO 08</u>
<u>CAPÍTULO 09</u>	
	<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>	
<u>CAPÍTULO 12</u>	
<u>CAPÍTULO 13</u>	
<u>CAPÍTULO 14</u>	
<u>CAPÍTULO 15</u>	
<u>CAPÍTULO 16</u>	
<u>CAPÍTULO 17</u>	
<u>CAPÍTULO 18</u>	
<u>CAPÍTULO 19</u>	
<u>CAPÍTULO 20</u>	
<u>CAPÍTULO 21</u>	
<u>CAPÍTULO 22</u>	
<u>CAPÍTULO 23</u>	
<u>CAPÍTULO 24</u>	
<u>CAPÍTULO 25</u>	
<u>CAPÍTULO 26</u>	
<u>CAPÍTULO 27</u>	
<u>CAPÍTULO 28</u>	
<u>CAPÍTULO 29</u>	
<u>CAPÍTULO 30</u>	
<u>CAPÍTULO 31</u>	

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras Obras!](#)



INCANSÁVEL *Coração*

"NADA UNE TÃO FORTEMENTE COMO O ÓDIO"

JESS LISLEY

Incansável Coração

Jess Lisley

Copyright © 2020, Jess Lisley

Idealização de capa: Duda Franco

Revisão: Ana Caroline dos Santos Neto & Josefferon Kaff Tavares Chaves

Diagramação: Ana Caroline dos Santos Neto

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

LISLEY, Jess.

Incansável Coração

Paraná, 2020.

1- Literatura brasileira 1-Titulo

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma, ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processo xerográficos, incluindo ainda o uso da internet sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Direitos autorais do texto original © 2019 Jéssica Lisley de Souza.
Todos os direitos reservados

Certificado de Registro n°:

AVCTORIS1f91ef837800a9c63ec62bdb0aadb47807be4e2b56d3616d33bad5fd921141ft

“Para uma mente turbulenta, onde a escrita salvou dias de desespero e criou uma grande bagunça, descobrindo um dom que jamais imaginou que teria”.

PRÓLOGO

Anos atrás

— Pegue as duas crianças e as tire de casa, leve para algum abrigo bem longe do país e escreva uma carta entregando as meninas para adoção, use o avião da empresa, não vão suspeitar de nada.

— Mas chefe...

— Sem mais nem menos porra, já está tudo esquematizado, faça o que eu mando, não sou tão cruel a ponto de matar duas crianças ainda posso usar isso a meu favor.

— Mas...

— Pare de me questionar e vá fazer o que eu mandei, Elisa e Andrei estão na festa de inauguração da nova empresa, segundo meu informante na casa só estão a babá com as crianças e alguns seguranças, leve alguém com você e não cometa erros, não esqueça de criar uma cena de dar arrepios no quarto das meninas.

— Sim senhor.

Isso não vai ficar assim, se Andrei pensa que eu nunca iria me vingar da morte do meu filho César está muito enganado, vai sentir na pele a dor de perder um filho querido.

— Nada mais justo que um filho pelo outro!

CAPÍTULO 01

Vitória

— Venha Vitória, quero te apresentar a alguns amigos.

— Pai, é mesmo necessário?

— Claro filha, é sempre bom ter contatos.

Meu pai tinha razão, o velho e conhecido cardiologista Isaac Hale, mesmo com seus cabelos grisalhos ainda continuava lindo, conseguia arrancar suspiros até da mais nova mulher que estivesse por perto, confesso que depois que minha mãe partiu nunca mais o vi nem mesmo interessado em outra mulher, ele sempre dizia que minha mãe foi o grande amor de sua vida e que nunca encontraria alguém que tivesse o poder de substituí-la.

O relacionamento dos meus pais foi o mais lindo amor que tive o prazer de presenciar, todo o cuidado e proteção que um tinha com o outro, eu desejava do fundo do meu coração viver uma história tão linda quanto à deles.

Mas qual mulher que não deseja isso um dia?

Posso dizer que a probabilidade seria mínima.

E de fato era, viver um conto de fadas e encontrar um príncipe é o sonho de toda mulher, pelo menos era o que eu imaginava. Até hoje nunca consegui me relacionar com uma pessoa por mais de seis meses, e havia motivos e eu poderia listar eles como problemas e empecilhos que eu mesma acabava criando.

Primeiro, que os rapazes no qual me envolvi pareciam ter medo do meu pai. Segundo, uma mulher na qual nunca tinha tempo para nada nem sempre era bem vista e terceiro nenhum desses homens foi capaz de prender tanto a

minha atenção a ponto de me fazer questão de dispensar um plantão exaustivo no hospital para sair fazer um programa a dois, era engraçado, pois eu sempre preferia ficar no hospital, e nunca sentia falta de uma companhia masculina.

Exercendo minha profissão, sentia-me realizada, a única coisa que me faltava era o colo da minha mãe, que sempre foi tão amável, carinhosa e compreensiva e sempre tinha todas as respostas que eu precisava.

Enquanto caminhávamos entre a multidão de congressistas meu pai, o imponente Doutor Hale deu-me o braço como um perfeito cavalheiro para irmos conhecer algumas pessoas que diz serem importantes, sempre gostou muito de participar desses eventos médicos, o nível de aprendizado era enorme, e eu sempre saía deles cada vez mais certa de que escolhi a profissão dos meus sonhos.

Logo chegamos a uma roda de homens engravatados, era bom para variar um pouco a vestimenta na qual estávamos acostumados, o famoso "jaleco branco" tinha ficado no armário hoje para todos os médicos aqui presentes.

— Doutor Hale, que prazer em vê-lo!

— O prazer é meu Doutor Shane! - os homens trocaram um aperto de mão — Essa é minha filha mais velha Vitória Hale, também está trilhando os passos da oncologia.

— Prazer em conhecê-la Vitória, fico feliz em saber que eu consegui recrutar mais uma guerreira para lutar contra o câncer.

— É uma honra Dr. Shane, e sim tenho essa especialidade como um desafio, e estou certa de que vou conquistá-lo.

— Vejo que é uma moça de fibra, parabéns.

Conhecer o grande oncologista Eduardo Shane era como ganhar na loteria, o cara era um gênio, inúmeros artigos científicos publicados, ganhador de diversos prêmios de medicina, não era a toa que hoje lecionava em uma das maiores universidades do país. Enquanto meu pai e ele

conversavam amenidades senti alguém tocar meu ombro e me chamar.

—Doutora Hale, Vitória Hale — enfatizou quando disse meu nome, olhei para trás e ali estava ele, Rafael Willians.

— Doutor Willians, que surpresa, já faz tanto tempo!

— Sim, já faz o que? Uns quatro anos ou mais?

— Acho que é isso mesmo. — Sorri sem graça, ele sempre me despertou interesse como homem, mas nunca me fez sentir aquela coisa sem explicação, revê-lo depois de tanto tempo descobri que ainda me chamava atenção.

— Quer sair mais tarde? Poderíamos jantar e depois quem sabe estender a noite em alguma boate — mais direto que isso impossível.

— Claro, porque não! Mando-lhe o endereço e você me pega as nove. Certo?

— Combinado — tirou seu cartão do bolso do terno e entregou- me no pedaço de papel azul escuro estava escrito seu nome e ali constatei que seguiu os passos do pai na Cardiologia, e isso era um tanto curioso.

Rafael sempre foi um homem que chamava atenção e agora ainda mais, seus olhos claros em tom azul, cabelos loiros escuros e o rosto liso pela barba bem feita, maxilar marcado, alto e esguio, um padrão de masculinidade difíceis de encontrar.

Olhei-me ao espelho e estava satisfeita com o que via, vesti uma blusinha de manga longa soltinha e um short jeans curto e salto, e uma maquiagem leve, ao sair do quarto encontrei meu pai no corredor que me olhou erguendo as sobrancelhas com aquele ar desconfiado.

— Aonde vai?

— Pai, eu não sou mais uma criança — e sem querer revirei os olhos.

— Sempre vai ser a minha menina, você e sua irmã são tudo o que tenho então não me culpe por me preocupar tanto.

— Me desculpe — Ele sempre encontrava palavras que me faziam me sentir culpada e o abracei para me desculpar — Vou sair com um amigo, não se preocupe,

— Um amigo?

— É papai, um amigo, Rafael Willians.

— O filho de Wagner?

— O próprio.

— Só espero que ele mantenha aquilo que tem no meio das pernas dentro da calça.

— Pai! — fiquei espantada e ao mesmo tempo envergonhada com sua colocação, mas meus lábios se seguraram para não rir, pois sei que suas palavras foram ditas com toda seriedade do mundo — Eu vou indo, vê se descansa.

— Cuide-se minha filha.

— Pode deixar papai — ele beijou minha testa e retribui com outro abraço.

Encontrei Rafael na entrada de casa, morávamos em um condomínio fechado, meus pais sempre prezam pela segurança da nossa família, Rafael estava encostado em seu carro um SUV branco, as mãos estavam no bolso da calça e as pernas cruzadas uma na frente da outra, vê-lo me deixou nervosa, estava lindo, usava uma camisa azul marinho com o colarinho aberto, calça jeans, e um terno azul um pouco mais escuro que a camisa, um homem clássico.

— Boa noite Vitória! Está linda! — ele me deu um beijo no rosto e colocou a mão em minha lombar enquanto caminhávamos em direção à porta do carro que ele educadamente abriu para que eu entrasse.

A noite foi tão agradável quanto à companhia, Rafael era gentil e um

verdadeiro cavaleiro, depois do jantar seguimos para uma boate muito conhecida aqui no estado de Washington, e estendemos a noite perdidos no meio de uma multidão de corpos que dançavam a nossa volta, a certa altura eu já estava alta por causa da quantidade de drinques ingeridos.

Rafael se aproximou cada vez mais e enlaçou minha cintura com seus braços colando nossos corpos que se moviam no ritmo da música, retribui o abraço colocando meus braços em volta de seu pescoço e não percebi em que momento nossos lábios se tocaram e começam a se mover no mesmo ritmo.

O suor excessivo que escorria pela minha nuca me dizia que estava na hora de dar uma pausa, mas o desejo e a necessidade falavam mais alto e eu não tinha a mínima vontade de sair dali.

— Eu queria isso há muito tempo — ele disse no meu ouvido por causa do barulho.

— E por que não fez antes?

— Acho que tudo tem a hora certa de acontecer.

— De fato!

Continuamos ali, entre beijos e abraços, seguindo o ritmo da música alta, a certa hora da noite aquela tontura causada pelo álcool se intensificou, estava na hora de voltar para casa, não sei como meu pai ainda não se manifestou com ligações continuas pedindo que eu retornasse, avisei Rafael que precisava ir ao banheiro antes de sairmos e ele me respondeu dizendo que aguardaria na saída.

“Minha bexiga gritava por alívio”, a fila estava grande, mas eu não aguentaria segurar até chegar em casa então resolvi esperar. Quinze minutos depois saio do banheiro e uma mão grande me segurou pelo braço fazendo meu corpo inteiro se retesar, quando me virei na direção da pessoa que me empunha dei de cara com os olhos mais impressionantes que já vi na vida.

CAPÍTULO 02

Kevin

— E as garotas?

— Não tive contato ainda, com nenhuma delas!

— Por que não?

— Pai, fique tranquilo, sei o que estou fazendo!

— Eu sei meu filho, espero mesmo que saiba e não me decepcione, não demore está na hora!

Encerrei a ligação e joguei o celular no sofá, segui para o banheiro tomar um banho. Localizar as filhas de Andrei Ruschel não foi fácil com as poucas informações que tinha, eu era uma criança quando aquele filho da puta matou meu irmão mais velho, e depois disso uma rivalidade que já existia cresceu ainda mais entre as famílias Collins e Ruschel.

O esquema de lavagem de dinheiro e o comércio ilegal de armas foi o que mais causou alvoroço, até certo ponto o respeito era mantido entre ambos, até Andrei matar César em uma negociação com uma bala na cabeça.

O ódio que eu nutria por aquele verme sempre foi bem alimentado pelo poderoso Lucio Collins, o que serviu para me motivar dia após dia, junto à jura de vingança que meu pai fez há mais de vinte anos atrás quando sequestrou as filhas pequenas de Andrei e as despachou para os EUA sem deixar nenhum vestígio.

Há meses venho investigando o paradeiro das meninas que foram adotadas por um casal, a mais velha Vitória Hale, hoje se tornou uma médica que aparenta viver debaixo da barra da saia do pai adotivo que também é médico, sendo totalmente submissa às vontades do pai bem sucedido e Beatriz Hale, a caçula, é mais independente, não parece ser tão apegada ao

pai, perderam a mãe adotiva há algum tempo e o médico redobrou a atenção em cima de suas crias.

Por que meu pai as deixou vivas não sei, mas a sede de vingança era cada vez maior. Andrei procurou as meninas por anos, demitiu todos os seguranças que trabalhavam para ele na época e que estavam de plantão naquele dia, pela incompetência de não ter feito o trabalho direito e terem perdido seu tesouro mais valioso, logo restabeleceu sua frota de seguranças dobrando o número de homens e de armas, contratou um dos melhores investigadores da Alemanha para saber sobre o paradeiro das meninas, mas o que ele não sabia é que meu pai tinha aquele investigador na sua folha de pagamento, até que pela falta de informações consistentes desistiu de procurar e as duas foram dadas como mortas.

Foi um escândalo enorme e a pose de bom moço que vivenciei por anos foi intensificada, uma lápide com o nome de cada uma foi feita e ornamenta um buraco vazio no cemitério de Hamburgo. Mas tínhamos um trunfo nas mãos e estávamos prestes a usá-lo.

O estúpido se achava um rei, sua pose de empresário bem sucedido e de bom homem estava prestes a acabar, era só uma fachada, não passava de um maldito verme que escondia toda podridão da sua verdadeira face por trás da família exemplar que tinha, sua hora estava chegando e eu faria questão de olhar para a cara daquele velho e dizer palavra por palavra que ele iria morrer pelas mãos de um Collins com um tiro bem no meio da testa, e ele se lembraria do motivo.

Quando terminei o banho e sai do banheiro com a toalha enrolada na cintura, a ruiva que dormia na minha cama acordou, alongando seu corpo cheio de curvas, fui até o bar e servi de uma dose de whisky em um copo, o líquido âmbar desceu queimando meu esôfago, eu não via a hora de acabar com toda essa palhaçada e voltar para casa.

Sentei-me na mesa do escritório que ficava anexa ao quarto e Bárbara se levantou enrolada no lençol, ficou atrás de mim e enlaçou os braços no meu pescoço toda melosa, essa mulher estava começando a me dar nos nervos, na mesma hora fechei meu laptop com força e segurei seus braços evitando que ela me tocasse.

— O que você quer?

— Vamos sair hoje?

— Estou ocupado!

— Você está sempre ocupado. Por favor, amor! — disse fazendo bico, o que me causou asco.

— Pare de me encher Bárbara, vista suas roupas e vá embora daqui.

— Credo, às vezes você me dá medo!

— Não quero que tenha medo de mim, quero que me obedeça.

— Só porque sou uma boa garota! — ela saiu pelo quarto se vestindo.

— Não quero você enfiada no meu apartamento vinte e quatro horas, já te disse isso!

— Tudo bem chefe! — fez sinal como se estivesse batendo continência — Te vejo mais tarde na boate então?

Acenei confirmando com a cabeça e tomei mais um gole do whisky e logo ouvi a porta da frente bater, Bárbara era uma boa puta, me obedecia e entendia que meu humor variava muito, e não ficava fazendo perguntas toda hora, mas sua presença nem sempre era bem vinda, pois conseguia ser insistentemente irritante quando queria.

Liguei o computador e abri os arquivos que continham as informações das irmãs, tão logo eu precisava me aproximar e iniciar o plano que meu pai arquitetou por anos, era hora de mexer as peças do tabuleiro e dar o xeque mate.

Mais tarde na entrada da boate encontrei com Bárbara, a ruiva usava um vestido marrom camurça justo, curto e de mangas compridas, como sempre estava chamativa e vulgar, seu decote era tão profundo que se esbarrar-se em alguém o tecido da roupa saíria facilmente do lugar a deixando com os seios

de fora, se agarrou em meu braço marcando seu território e entramos.

A boate estava lotada, ficamos no camarote de sempre e entre um gole e outro de bebida Bárbara se esfregava em mim como uma cadela no cio toda essa insinuação estava me dando nos nervos. Mulher chata do caralho!

Desvencilhei-me dela para pegar outra dose no bar, e tive a impressão de que um dos meus alvos estava no mesmo local que eu, sem nem ao menos eu planejar, tive quase certeza de que era Vitória Hale indo em direção ao banheiro, só havia visto por fotos que meus homens me mandavam quando estava investigando seu paradeiro, não tinha cem por cento de certeza, mas essa eu iria pagar pra ver.

Como sempre Bárbara estava atrás de mim e essa era à hora de usá-la para alguma coisa que fosse útil de fato.

— Bárbara, quero que você vá ao banheiro retocar a maquiagem!

— Porque meu bem?

— Só faz o que eu estou mandando, e para de fazer perguntas!

Ela como a boa cachorra que é obedeceu, e fiquei livre dela por alguns minutos. Ali na espreita para ter certeza se realmente era a garota Ruschel esperei por uns quinze minutos e logo ela saiu do banheiro, com os cabelos amarrados em um coque frouxo, usava uma camisa branca de mangas compridas e um short jeans cintura alta que mal cobria suas pernas bem torneadas e um sapato de salto alto preto, sem conseguir conter a fúria que cresceu dentro de mim quando ela passou na minha frente agarrei seu braço com firmeza, na mesma hora os pelos do meu braço se eriçaram de ódio, ela se virou para mim e olhou dentro dos meus olhos, sua íris azul não deixou nada a desejar, a garota é linda.

Ser sensato não fazia parte das minhas qualidades, nem sempre a razão prevalecia sobre minhas atitudes, à prova disso era minha mão segurando com força seu braço, uma menina que parecia ser tão inocente quanto uma criança.

Ela não desviou os olhos, o contato visual só é interrompido quando Bárbara saiu do banheiro e me puxou chamando atenção, uma corrente de adrenalina percorreu meu corpo antes de soltar a garota a minha frente, a minha vontade era de pegar a ruiva e estrangulá-la, finalmente eu estava cara a cara com o inimigo e nem precisei me esforçar muito para olhá-la nos olhos.

CAPÍTULO 03

Vitória

O caminho para casa foi feito no mais absoluto silêncio, Rafael até tentou puxar conversa comigo algumas vezes e eu respondia apenas com monossílabos, até ele perceber a distância que criei entre nós, mas inesperadamente procurou pela minha mão e entrelaçou nossos dedos durante todo o caminho.

Quando chegamos à frente de minha casa ele desceu e veio abrir a porta do carro para mim, como um verdadeiro cavaleiro segurou na minha cintura e me acompanhou até a porta e plantou um beijo doce em meus lábios.

— Eu não sei o que aconteceu, ficou distante de repente, mas pretendo mudar isso!

Retribuo-lhe com um sorriso singelo, dando-lhe um beijo casto, esperei ele sair com o carro para fechar a porta, depois subi correndo as escadas pulando os degraus de dois em dois com tamanha pressa que eu tinha de tomar um banho para poder tirar de mim toda essa instabilidade emocional que me consumia.

No meu quarto tirei a roupa e fui direto para o banheiro tomar um banho, quando a água quente bateu nas minhas costas a tensão causada em meus músculos por aquele estranho foi se dissipando, encostei as mãos na parede e abaixei a cabeça fechando os olhos, e sua imagem se materializou em minha cabeça nitidamente.

Nem sei quanto tempo fiquei ali com a água escorrendo pelo meu corpo, quando desliguei o chuveiro e abri o box o ar gélido da madrugada me arrepiou, o tecido felpudo da toalha não foi suficiente para amenizar o tremor que percorreu meu corpo, me troquei rapidamente e penteei o cabelo recém-lavado, logo me enfiei debaixo das cobertas, agarrei meu travesseiro e lembrei de Rafael, um sorriso bobo apareceu no canto da minha boca, mas

como em um comando exógeno meu pensamento foi brutalmente substituído por aquele estranho, um homem enigmático, que sem querer despertou algo dentro de mim.

Mais uma vez sua lembrança tomou conta dos meus pensamentos sem permissão, ele tinha os cabelos castanhos claros penteado para trás, os olhos verdes tão penetrantes que eu não conseguia encontrar uma explicação plausível, uma barba farta cuidada e bem desenhada, que fazia um conjunto perfeito com seu rosto simétrico, seus lábios eram convidativos, tinha um estilo despojado, usava um jeans surrado e camiseta preta que abraçava perfeitamente seus bíceps esculpidos, a pele de seus braços era revestida por tatuagens coloridas que iam até a altura no punho com desenhos aquarelados que eu não consegui decifrar quais eram, e quando sorriu para mim mostrou uma fileira de dentes brancos e perfeitamente alinhados e foi pensando naquele estranho que mal percebi quando o sono chegou fazendo-me sonhar com sua imagem.

Minhas férias terminaram e era hora de voltar ao trabalho, o *Medstar* me acolheu de braços abertos, meu pai era o chefe de cirurgia e estava reformulando alguns setores do hospital, principalmente as equipes da parte administrativa.

Enquanto eu passava visita aos meus pacientes, me deparei com uma surpresa no corredor, Rafael, fiquei curiosa com sua presença no hospital. No dia seguinte ao nosso encontro recebi um buquê lindo de rosas brancas e um bilhete dizendo que havia adorado tudo e que seria de seu agrado se eu pudesse dar a chance de um segundo encontro, depois disso conversamos apenas por mensagens e apesar das suas investidas frequentes achei melhor não dar sorte para o acaso.

— Que surpresa boa doutor Willians!

— Oi Vitória — me beijou no rosto — surpresa boa digo eu, quando vai aceitar meu convite para sairmos de novo?

— Qualquer hora dessas doutor! Mas me diga o que faz aqui no *Medstar*?

— Seu pai me contratou, agora eu integro a equipe de cardiologistas

desse hospital.

— Que maravilha, uma ótima notícia — sorri um pouco envergonhada lembrando da noite em que saímos — Preciso terminar de passar minhas visitas, nos vemos por aí.

— Até mais doutora Hale.

— Até mais!

Me despedi já indo direto para a ala pediátrica, o projeto “Raíssa Montenegro” que foi criado por minha mãe estava cada vez mais atuante e com mais atividades sendo executadas para todas as crianças internadas neste hospital, depois que ela se foi o projeto foi batizado com seu nome e logo consegui expandir o atendimento, então não apenas as crianças com câncer recebiam aulas e atendimentos extras, mas todas que estavam no hospital sejam por pequenos períodos ou longos, o número de profissionais aumentou muito para essa finalidade e só tenho a agradecer meus pais por proporcionarem isso aos pequenos.

Já passava um pouco do horário de almoço quando vi meu pai de longe com um grupo de homens engravatados, ele mostrava as alas do hospital, na certa para angariar fundos e investidores para pesquisas científicas e estudos clínicos, aonde vinha tentando investir pesado desde que assumiu a chefia do hospital, dizia que muitas vidas poderiam ser salvas com essas pesquisas e buscar investimento para tal era primordial.

Enquanto terminava de preencher alguns prontuários o grupo se aproximou e o grande Isaac Hale parou chamando a atenção para mim.

— Essa é uma das oncologistas do nosso hospital, tem alguns estudos com células tronco que estão no papel há algum tempo só esperando o investimento dos senhores para poder iniciar a pesquisa, não é mesmo doutora?

— Claro doutor Hale! — Confesso que fiquei sem graça, enquanto meu pai conversava com o grupo sem querer permaneci no meio da conversa, e quando ergui meu olhar minhas pernas ficaram bambas e o sangue se esvaiu

do meu rosto, o oxigênio do ambiente parecia que havia sido drenado por um duto gigante de ar.

Ali estava ele, o cara da boate, vestia-se tão formal de terno azul feito sob medida, camisa branca e gravata da mesma cor do terno, era praticamente impossível dizer que esse homem na minha frente e aquele de duas semanas atrás eram a mesma pessoa, mas eu não me enganava tão fácil, era ótima para guardar na memória a fisionomia das pessoas.

O dia estava recheado de surpresas, e eu não estava sabendo lidar com nenhuma delas.

Voltei a atualizar meus prontuários, como um mecanismo de defesa para fugir do olhar daquele homem que sentia me queimar enquanto meu pai explicava sobre a fonte de renda do hospital entre outros assuntos pertinentes, o que mais doutor Hale tinha era lábia pra arrancar dinheiro desse povo podre de rico e os estudos dos médicos do *Medstar* dependiam disso para sobreviver.

— Doutor Hale eu gostaria de saber mais sobre a pesquisa com células tronco! — sem pensar ergui o olhar e a voz grossa que foi proferida penetrou tão fundo em meus tímpanos que quase me fez perder o fôlego.

Estar tão nervosa assim na presença de um homem nunca ocorreu comigo, minha cabeça gritava para que eu fugisse o mais rápido possível dali e me escondesse no primeiro lugar seguro que encontrasse, virando a chave para trancar a porta e só abrir para aqueles em quem confiava.

“Esse homem cheira a encrenca!”

— Claro senhor Collins, temos um cronograma a seguir, se não se importar a doutora Hale pode te dar todos os detalhes de que precisa sobre a pesquisa.

“Não pai, por favor!”

— De forma alguma doutor.

— Doutora Hale, por favor, acompanhe o senhor Collins ao laboratório e explique tudo o que ele deseja saber.

— Claro pa.. Doutor! — quase deixei escapar um papai, o que não ia pegar bem e sabia que depois iria levar uma bronca por conta disso.

— Me acompanhe, por favor, senh... — sou interrompida.

— Kevin! Não me chame de senhor, me sinto velho.

Apenas lhe dou um sorriso sem graça e sigo pelo corredor em sua companhia.

Quando destranquei a porta do laboratório Rafael passou por nós e me deu um sorriso que reluziu, tentei mesmo que minimamente retribuir, mas um par de olhos verdes cintilantes estava fixo em mim, me deixando totalmente sem graça e sem reação.

— Esse é um dos nossos laboratórios de pesquisa, vou lhe mostrar a documentação e a fundamentação teórica e científica que foi usada para embasar o início da pesquisa, sem um co-financiamento nós não conseguimos dar início.

— Fique a vontade doutora Hale, estou todos ouvidos, mas antes se importa se eu fizer uma pergunta?

— Claro que não.

— A senhorita e o Doutor Hale tem o mesmo sobrenome, são parentes?

— Doutor Hale é meu pai.

— Que surpresa! — Esse homem estava começando a me deixar sem ar, tanto pela sua presença imponente quanto pelas perguntas.

— Bom senhor Collins, as células tronco são células que ao se multiplicarem tem a capacidade de dar origem a vários tipos de células que formam os diferentes tipos de tecido do corpo humano, por essa característica, as células-tronco são capazes de regenerar órgãos e tecidos,

existem várias fontes de células-tronco, como o cordão umbilical, a medula óssea, o tecido adiposo e a polpa do dente de leite.

— Como é feita a coleta dessas células? — Ele debruçou os cotovelos em cima da mesa apoiando o queixo nas mãos unidas, o que fez com que a manga de seu terno subisse proporcionando-me uma pequena visão de suas tatuagens coloridas.

— A coleta do sangue pelo cordão umbilical é feito na hora do parto, o sangue é transferido para uma bolsa coletora sem causar qualquer risco para a mãe ou para o bebê.

— Interessante!

Fiquei ali explicando sobre meu estudo, ele me fazia perguntas retóricas e por vezes entrávamos em algum debate, o que foi muito proveitoso, senti que ficou satisfeito, mal percebi quanto tempo passou até meu pai entrar pela porta nos interrompendo.

— E ai senhor Collins o que achou?

— Quero fazer uma doação direcionada doutor Hale.

— As doações ficam no fundo de pesquisa senhor Collins, e são destinadas conforme a necessidade dos cientistas.

— Quero investir na pesquisa da doutora Hale e quero acompanhar de perto a evolução.

— Creio que não seja possível, mas podemos negociar alguns termos. — via uma briga de gigantes sendo travada na minha frente.

— Ou é isso ou não é nada.

CAPÍTULO 04

Kevin

O jogo começou, o primeiro peão havia saltado duas casas no tabuleiro, a artimanha de tentar investir na pesquisa da Ruschel deu certo, depois de uma batalha travada com doutor Hale, o que acabou me deixando ainda mais obstinado, o cara só cedeu depois que eu tirei o talão de cheques do bolso e o preenchi com alguns zeros.

Realmente não teve como recusar!

A minha exigência de poder acompanhar a evolução da pesquisa de perto agora dependia da aceitação de Vitória, um contrato iria ser redigido nos meus termos, confesso que fiquei um pouco frustrado com o possível aceite, só me restava aguardar. Acredito que aprovação da garota não seria difícil, e com isso era mais um avanço.

Andrei ia saber logo que as filhas estavam vivas, e na certa mandaria investigar se a informação era real, era com isso que eu contava, fazer o cara ficar louco e meter os pés pelas mãos, o circo estava começando a ser armado e estava doido para vê-lo pegando fogo.

Mandei uma mensagem para meu pai informando sobre o fato e que tudo corria conforme o planejado, logo meu celular tocou e na tela um número que eu desconhecia.

— Alô.

“Senhor Kevin Collins?”

— Sim.

"Isaac Hale! Creio que o hospital não poderá aceitar sua proposta, e seu cheque será devolvido".

— E posso saber por quê?

“Doutora Hale não aceitou seu pedido de acompanhar a evolução da pesquisa e eu também andei pensando melhor, aceitar uma quantia tão alta para beneficiar apenas a pesquisa da minha filha pode fazer com que outros médicos pensem que eu esteja apenas favorecendo ela”.

— Doutor Hale, não me importa o que os outros médicos irão pensar! — precisei conter o tom de voz e apertei o cigarro que eu estava prestes acender entre os dedos o deixando em pedaços.

“Para mim importa, então senhor, agradeço seu empenho, mas infelizmente estou deixando a recusa na sua proposta, só vou aceitar se for nos termos padrões do hospital”.

— Creio que não seja um assunto a ser tratado por telefone, se me permite posso lhe procurar no hospital essa semana, por favor, verifique um horário em sua agenda lotada e me avise, realmente tenho interesse em colaborar com a causa e estou à disposição.

“Minha secretária entrará em contato”.

Desliguei o telefone com raiva, que raios esse homem pensa que é para recusar uma doação tão grande é certo que não tenho interesse nenhum na bendita pesquisa, meu foco era outro, aquela garota insignificante estava começando a me dar nos nervos, precisava reverter a situação o quanto antes.

Mais tarde descontei toda frustração no *MuayThay*^[1], sempre precisei de algo em que pudesse libertar meu lado animal esgotando ao máximo aquela energia feroz que me tomava, foi no esporte que aprendi a controlar o anseio de socar a cara de qualquer um que me tirasse do sério, a liberação de endorfina por vezes me livrava de ter sérios problemas me trazendo tranquilidade e controle das emoções.

Dois dias depois o médico marcou um horário em que pudesse resolver o assunto comigo, tive tempo suficiente para pensar em como me aproximar da doutorazinha, mas a recusa do dinheiro me deixou tão irado e a desconcentração pairou em minha cabeça, meu peão tinha voltado uma casa,

e eu precisava voltar para o jogo.

Minha mente trabalhava sistematicamente até conseguir chegar a uma conclusão, sozinho não seria capaz de convencê-lo, então teria que propor algumas alternativas para que eu pudesse ficar por perto sem ser de fato notado.

Quando cheguei ao hospital aquele cheiro de desinfetante e água sanitária queimou minhas narinas, caminhei por um corredor que parecia não ter fim, e logo à secretaria que me acompanhou anunciou o fim da linha, entrei na sala e doutor Hale olhava concentrado para a tela do computador, parecia não notar minha presença, pois nem ao menos desviou o olhar.

— Só um minuto senhor Collins!

Ignorar-me não ia fazer desistir!

Fiquei ali observando por alguns minutos, o semblante sério do homem que acabou entrando em uma confusão das grandes sem ao menos saber, mostrava o quanto era um homem de fibra, lembro-me bem do relatório que li sobre sua família, sua esposa foi submetida a um transplante de coração, e por conta da doença e dos medicamentos que fez uso durante a vida toda não pode ter filhos, e foram adotar logo as filhas de um bandido assassino.

Não demorou muito e a bonitinha entrou sem bater na sala sem aquele jaleco branco horroroso.

— Me desculpe papai, não sabia que estava com visitas.

— Por favor, Vitória fique! — Doutor Hale finalmente deu-me a devida atenção que eu esperava pacientemente.

— Se for sobre o dinheiro da minha pesquisa e aqueles termos absurdos não está em questão! A minha resposta ainda é "não"!

Ergo as sobrancelhas e fico surpreso com a reação da garota, parece que sabe se defender.

— Senhor Collins, desculpe minha falta de educação, por favor, sente-se

— notei certo pesar em seu tom de voz, não sabia se isso era bom ou ruim, mas parecia descontente com algo.

— Não se preocupe com isso doutor, estou aqui para negociarmos.

— Se os senhores me dão licença, preciso atender meus pacientes! — a garota saiu apressada batendo a porta com força.

— Me desculpe por isso. — Ele ajeitou alguns papéis em cima da mesa e juntou às mãos desviando o foco da filha.

— Pois bem! Como já lhe expliquei o hospital não pode aceitar sua proposta, Vitória é minha filha, e poderia parecer que esteja favorecendo o trabalho dela, e como pode ver ela não aceita sua vontade de querer acompanhar a pesquisa pessoalmente e ter acesso a todos os relatórios e para ser bem sincero nem sempre as pessoas tem conhecimento de todo protocolo que é tirar dos dados do papel e iniciar a fase de uma pesquisa usando material vivo, o que custa muito caro, e é por isso que o *Medstar* sempre marca essas visitas com empresários para que possamos angariar fundos e dar sequência em nosso trabalho, agradeço seu empenho.

— Eu entendo a importância disso tudo doutor Hale, o que me deixou descrente é saber que um hospital desse porte recusar uma doação para uma pesquisa tão importante, compreendo sua colocação sobre o grau de parentesco, o que acredito ser uma grande bobagem não me deixar investir.

— Senhor Collins...

— Não terminei! — o interrompi — Tenho uma proposta a fazer se estiver disposto a me ouvir.

— A essa altura — ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Vamos organizar uma festa para angariar fundos, convidando toda a nata da sociedade dessa cidade e da região, mostre a eles tudo o que se faz nesse hospital, acredito que o verdadeiro show muita gente não conhece e mostrando isso garanto que vai conseguir uma grande quantia em doações, apresente as pesquisas científicas dos seus médicos e o quais os benefícios

que elas podem trazer, ganhe esse pessoal pela curiosidade.

— Uma festa tem alto custo.

— Ficarei feliz em arcar com todos se o senhor e sua equipe organizarem tudo.

— Por que tanto interesse especificamente na pesquisa sobre células-tronco?

— Porque foi à única que conheci que me fez acreditar em algo que realmente possa dar certo, também quero saber se o meu dinheiro está sendo bem investido e realmente acredito que pode dar certo e ser um avanço na história da medicina.

— Dessa forma não há o que questionar senhor Collins — me olhou desconfiado — Iremos organizar essa festa.

— Diga à doutora que não vou interferir, mas que não garanto nunca aparecer por aqui e conferir o andamento da mesma.

Ele se levantou e estendeu a mão direita para mim, onde apertei firme e com a mesma firmeza ele retribuiu e me olhou desconfiado.

— Não há nenhum interesse a mais do que somente a pesquisa?

— Não! Nenhum! Tem minha palavra. — mentir sobre isso me fez engolir seco

No estacionamento do hospital, tirei um cigarro do maço e quando estava prestes a acendê-lo o clique do isqueiro é interrompido com uma repreensão.

— Pelo que vejo, não é do seu feitio seguir algumas regras simples! — Disse Vitória.

— E quem se importa?

— Se foram estabelecidas, é porque há certa necessidade de serem seguidas.

— Você é bem insolente.

— Se não viu a placa de proibido fumar ali em cima, posso te julgar da mesma forma! Afinal de contas isso é um hospital.

Ela me deu as costas e saiu com as mãos no bolso do jaleco, bonitinha e desaforada, gostei disso, vai fazer o trabalho todo ficar mais interessante, e sem pensar chamei sua atenção.

— Doutora Hale? — ela parou e me olhou curiosa — Foi bom negociar com você.

Olhando-me como se um ponto de interrogação tivesse sido formado e estava visível em seu rosto, apertou os olhos como se estivesse com dificuldades para enxergar algo, sem conseguir conter sorrisos e lhe dei as costas acendendo o cigarro como forma de afrontá-la e o prazer em fazer isso foi indescritível.

CAPÍTULO 05

Vitória

Quando entrei na sala do meu pai mais cedo e vi aquele homem meu corpo tencionou, parecia que minhas pernas faziam uma força descomunal para aguentar o peso do meu corpo, estar no mesmo ambiente que ele me fazia suar frio, não sei por que, ele não me inspirava confiança e me deixava nervosa.

Não conseguia entender o porquê da sua insistência infundada de investimento em uma pesquisa médica, não sei o que faz da vida, mas não parecia se preocupar com nada além do próprio nariz. Arrogante, insolente e com talento nato para desafiar regras simples aplicadas a todos a sua volta, meus pensamentos naquele homem foram interrompidos com uma chamada para um atendimento de emergência.

Na sala de cirurgia uma criança estava prestes a dar o último suspiro, se a equipe médica não fosse rápida o suficiente para conter a hemorragia em sua caixa torácica causada por um aneurisma de aorta, Rafael trabalhava para conter o sangramento, o que não se esperava era que na hora de abrir o peito dessa criança iam encontrar metástases no pulmão em estágio avançado, realmente uma fatalidade.

Por fim não conseguimos salvar aquele garoto, meus olhos queimavam na certeza que de que fizemos todo o possível para salvá-lo, mas não foi suficiente, a essa altura do campeonato eu já devia aprender a não me emocionar tanto com a perda de um paciente, mas quando era uma criança que poderia ter uma vida inteira pela frente sempre me despedaçava em incontáveis pedaços.

Um diagnóstico tardio impossibilitava um tratamento preciso e eficaz, muitas vezes a falta de recursos financeiros das famílias era a principal causa, não poder arcar com os custos de um plano de saúde era desesperador para alguns pais, para famílias mais abastadas isso não era problema, mas também não era solução, o que sempre me levou a crer que dinheiro nem sempre é a

salvação de tudo, mas que muitas vezes resolvia a maior parte dos problemas.

Tentei esconder as lágrimas quando Rafael se aproximou, olhou desconfiado, erguendo meu rosto apoiando meu queixo em sua mão, nunca me acostumaria com isso, todos os dias eu e meus colegas perdíamos pacientes, mas perder uma criança realmente era difícil para mim.

— O que houve?

— Nada!

— Vem aqui — Rafael me abraçou e não consegui conter as lágrimas.

Ele ficou ali comigo até meu coração se acalmar e o choro cessar.

— Já devia ter se acostumado com esse tipo de coisa Vitória.

— Eu sei, mas perder uma criança é sempre tão difícil, que acho que nunca vou conseguir superar esse tipo de perda.

— Precisa descansar, seus olhos estão fundos e não é só por conta do choro.

— Meu plantão está quase no fim, obrigada Rafael.

Tentei me desvencilhar dele, mas em um movimento preciso ele encaixou meu rosto entre suas mãos e pareceu mergulhar no fundo dos meus olhos, o que me desestabilizou não sei se por causa da sensibilidade da perda de um paciente, ou se pela sua presença marcante, ele passou a língua nos lábios, sua respiração ficou pesada, fechei os olhos a espera de um beijo que não veio, ele simplesmente encostou os lábios na minha testa e me envolveu em mais um abraço forte.

— Posso passar na sua casa mais tarde?

— Claro, me avise quando sair do hospital.

Quando cheguei em casa ouvi uma voz feminina que me confortava, sai correndo indo de encontro as risadas altas e escandalosas de Beatriz que

estava fora do país a três meses dançando por uma companhia de dança Russa, fez mais nome que nossa mãe nesse mundo e eu estava totalmente orgulhosa.

— Então a caçula achou o caminho de casa?

— Vitória — fui ao seu encontro e a abracei com força, enquanto isso Joana se retirou silenciosamente — Que saudade.

— Eu também estava morrendo de saudade, você precisa me contar como foi sua estréia na Rússia.

— Mais tarde, porque agora estou faminta e morrendo de saudade do bolo de laranja da Joana.

Não demorou muito Joana apareceu com uma bandeja nas mãos, um café reforçado para a pequena Beatriz, Joana era mais do que nossa empregada, desde sempre ajudou minha mãe a cuidar de nós duas, aguentava os pitis do velho Isaac, seus cabelos grisalhos não deixavam nada a desejar, sempre achei lindo os cachos de seus cabelos, uma senhora de 62 anos, os olhos escuros e as rugas pronunciadas mostravam que foi uma mulher sofrida, tinha uma filha que se perdeu para o vício das drogas, ela tentava sempre esconder esse fato de todos nós e fingia que sempre estava tudo bem, só se abria com minha mãe, ela infelizmente também perdeu a melhor amiga e sua confidente, assim como nós perdemos o coração dessa casa enorme.

— Ainda bem que reforcei o café, menina Vitória parece cansada.

— Acertou em cheio Joana.

Ficamos ali na sala comendo os quitutes que Joana havia preparado e ouvindo algumas das histórias de Beatriz, sempre muito alegre e sorridente, após um breve diálogo contando a minha irmã sobre Rafael pedi licença as duas, Beatriz me lançou um sorrisinho satisfatório e aquele olhar que me dizia “vou invadir sua privacidade e quero saber de todos os detalhes sórdidos”.

Subi para meu quarto tomar um banho, meu corpo gritava por água

quente, quando liguei o chuveiro fiquei analisando meticulosamente a água cair e bater no chão respingando pequenas gotas no vidro fumê do box, enquanto tirava minha roupa como uma espécie de déjà vu vi duas crianças sozinhas dentro de um avião, o que me causou um misto de surpresa e incompreensão.

Depois de umas horas de sono acordei e fiquei fitando o teto, especificamente fixo na lâmpada apagada do meu quarto, pensando em coisas aleatórias até que o ogro do Collins invadir meus pensamentos sem permissão.

Levantei-me com pressa e vesti apenas um moletom por cima do pijama, desci a passos silenciosos até a cozinha, já estava tarde da noite e foi aí que me lembrei de que Rafael disse que viria, sem pensar duas vezes sai correndo pegar meu celular e como previsto três mensagens dele perguntando o horário em que poderíamos nos ver.

Respondi pedindo desculpas, remarcando para o dia seguinte, mas me surpreendi com a resposta.

"Está me enrolando há dias, e já estou chegando a sua casa em alguns minutos, não aceito não como resposta..."

Hoje não!"

Foi enfático quando disse "hoje não", sem querer um sorriso saltou em meu rosto, me olho no espelho em uma esperança vã de me ajeitar, pois estava de pijama e um moletom, quando consegui dar uma arrumada no cabelo o prendendo em um rabo de cavalo a campainha tocou, sem tempo para fazer mais nada desci as escadas para atendê-lo, e por um azar ou sorte, não sei dizer, Joana já havia aberto a porta.

— Me desculpe — disse descendo as escadas.

— Não se preocupe com isso, o que quer fazer?

— Sinceramente?

— Sinceramente!

— Vamos ficar por aqui e ver um filme ou uma série, estou sem ânimo para sair.

— Você que manda.

Joana me olhou com um sorrisinho bobo daqueles que diziam " eu sei o que você vai fazer mocinha", olhei sem graça para ela que entendeu meu pedido silencioso. Antes de irmos para a sala de TV, preparamos um lanche, coloquei pipoca para estourar, e sem conseguir resistir peguei uma barra de chocolate no armário.

Assistimos uma comédia romântica, e confesso que tudo aquilo me deixou com aquele friozinho na barriga, até parecia que era o primeiro cara com que eu estava fazendo um programa desse tipo, apesar dele estar de um lado e eu do outro do sofá, uma distância segura onde eu sabia que não iria atacá-lo e meu pai acabar nos pegando aos beijos, isso sim seria um problema.

Quando o filme terminou Rafael estava com o semblante cansado, horas exaustivas de plantão, entendia muito bem o que era o que tornava tudo mais tranquilo, se esse relacionamento fosse pra frente, realmente haveria a possibilidade de algo dar certo.

— Acho que já vou indo antes que eu durma no seu sofá.

— Acho bom! Doutor Hale sabe ser assustador quando quer. — brinquei.

— Disso eu tenho absoluta certeza.

O acompanhei até a porta e sem pensar ele se despediu de mim com um beijo que retribui sem pensar duas vezes.

Um programa mais clichê que esse eu desconhecia, mas às vezes era tão bom, que a permissão para ele entrar na minha vida foi dada sem nem ao menos eu perceber, só teria que tomar cuidado para ele não romper as barreiras do meu coração, não queria me envolver a ponto de sofrer por

alguém sem a certeza de que aquilo era realmente o que eu queria.

Era tarde da noite, quando voltei para meu quarto depois de arrumar a bagunça que fiz na cozinha, e uma sensação estranha me tomou, tinha a impressão de estar sendo vigiada, olhei pela janela do quarto e não percebi nada de anormal, havia apenas uma van preta passando pela rua, as árvores balançando conforme o vento soprava. Um calafrio impiedoso fez com que uma lágrima solitária escorresse pelo meu rosto, eu tentava formular algum questionamento significativo para aquilo que eu estava sentindo, mas não havia nenhuma resposta plausível para os saltos que meu coração dava.

Medo?

Eu não sei!

Pois eu só conseguia me sentir exposta e vigiada, e dadas às circunstâncias isso só podia ser coisa da minha cabeça.

Ou será que não?

CAPÍTULO 06

Vitória

O dia amanheceu chuvoso, a festa que meu pai tanto corria para organizar estava chegando, há dias vinha me sentindo vigiada, e a possibilidade de me consultar com um psiquiatra passava pela minha cabeça inúmeras vezes durante os últimos dias, não tinha nada de errado, mas aquela sensação não me abandonava, então tentei ignorar e foquei no que realmente importava.

Meu trabalho!

Dei início a minha pesquisa na última semana, e a coleta de material já havia sido feita, foi dada a largada para a primeira fase do estudo, agora não tinha mais volta, independente se os resultados forem positivos ou não tinha a certeza de que tentei e que vou continuar tentando incontáveis vezes até chegar ao resultado esperado.

Rafael passou por aqui mais cedo para me dar um beijo e me presenteou com um bombom trufado com nozes, o que só fez animar meu dia, quando ele saiu pela porta me deixou com um sorriso bobo estampado na cara, realmente eu gostava daquilo e pensando bem ser abordada com um mimo desses toda vez seria ótimo.

Quando retomei o foco no que fazia fui novamente interrompida com alguém batendo na porta com força, e quando pensei que não, meu dia acabava de piorar com essa visita inesperada, e logo a pessoa entrou sem permissão.

— O que faz aqui?

— Vim conferir como estão as coisas!

— Eu já disse que não autorizo sua presença nesse laboratório senhor Collins!

— E eu já falei para me chamar de Kevin.

— Está cheirando a cigarro senhor Collins.

— E qual o problema?

— Estamos em um ambiente estéril, se quiser acompanhar terá que seguir algumas orientações, já que pelo visto você não aceita um não como resposta.

— Não me venha com essa doutora, sou eu quem está bancando isso tudo.

— O dinheiro é seu, mas o estudo é meu, portanto as regras são minhas.

— Foda-se essas regras. — teimoso e insistente, resolvi ceder, caso contrário ficaríamos nessa discussão o resto do dia. — Qual o problema em eu ficar aqui? Não vou te atrapalhar, só quero observar.

— Não vai adiantar eu falar que não.

Dei de ombros e me virei voltando aos meus afazeres, mostrar ser uma mulher de atitude nem sempre foi meu forte, mas são nesses momentos onde a necessidade falava mais alto, confesso que por vezes era desgastante.

Kevin tinha alguma coisa que não sei explicar o que era, o cheiro da sua colônia masculina misturada ao do cigarro fumado recentemente ao mesmo tempo em que me enraivecía me causa um misto de curiosidade o que me confundia ainda mais.

— Nicotina é uma das maiores causas de câncer no pulmão. — disse sem pensar.

— É mesmo, aprendeu isso onde? — Deus me deu forças para não tirar esse homem daqui aos socos.

— Senhor Collins...

— Kevin — ele me interrompeu.

— Se veio para me insultar a porta está bem ali para que possa encontrar outra pessoa para encher o saco, — perdi a cabeça — tenho muito que fazer e esse seu comportamento infantil não vai ser tolerado, não foi permitida sua entrada aqui, mas como você parece teimoso demais para respeitar isso, então, por favor, pelo menos com a minha pessoa exijo o mínimo de respeito.

Ele me olhou curioso, colocou a mão no queixo e pareceu que ia esboçar um sorriso que não apareceu em seu semblante duro e frio.

— Pois bem senhorita me desculpe por ser tão imaturo, isso não vai mais acontecer.

— Assim eu espero, pois o dinheiro da pesquisa pode ser seu, mas nada me impede de te tirar daqui à força se for preciso.

— Continue seu trabalho e finja que eu não estou aqui, não vou incomodá-la.

— Obrigada.

Ele logo se afastou, mas não saiu do laboratório, fiquei inquieta e continuei o que estava fazendo redobrando a atenção, às vezes o vigiava discretamente e ele parecia inerte mergulhado em alguns livros que eu havia deixado em cima da mesa, por vezes sentia seu olhar queimar minhas costas.

Não podia negar sua aparência despojada e selvagem mexiam comigo mais do que eu gostaria de admitir, estava tão errado isso que me forçava pensar em Rafael e ao mesmo tempo em que os olhos azuis dele me vinham na mente eram imediatamente substituídos pelo verde cintilante de Kevin.

Mas que droga!

Trabalhar com esse homem no mesmo espaço que eu não vai dar certo!

Ele se levantou e saiu sem dizer uma palavra, agradeci por isso fazendo uma prece silenciosa e ainda fui imatura o suficiente para pedir que ele sumisse da minha vista. Não fui ouvida, pois ele voltou com dois copos de café e veio na minha direção e me entregou um.

— Eu não sabia como gosta do café, então eu trouxe um café preto.

— Obrigada.

Fiquei sem jeito de recusar, enquanto eu dava um gole no líquido fumegante parei para reparar nele, usava uma camisa xadrez azul e vermelha, uma calça jeans escura e botas, a camisa estava dobrada até a altura de seus antebraços, suas tatuagens apareciam o que lhe davam um ar ainda mais perigoso à barba longa e bem cuidada, cabelo bem penteado, usava uma pulseira de prata no braço direito com um símbolo desenhado em um pingente.

— Precisa de alguma coisa doutora — meus pensamentos são interrompidos, e confesso que me senti envergonhada.

— Preciso de espaço senhor Collins.

— Já disse para me chamar de Kevin.

— Me desculpe prefiro manter as coisas na formalidade.

— Uma grande besteira, mas vou respeitar isso.

— Se não se importa agora eu queria trabalhar sozinha, se preferir posso fazer um cronograma do estudo e encaminhar para o senhor, vou permitir sua entrada pelo menos uma vez na semana se assim desejar, é pegar ou largar.

— Sabia que seria bom negociar com você Doutora Hale.

Ele estendeu a mão para mim, apertei firmando nosso compromisso e de novo aquilo aconteceu, aquela energia pulsava entre nós, não consegui manter meu aperto firme e tentei me libertar de sua mão, o que soou quase como uma fuga impensada e sem sentido.

— Até a festa de arrecadação de fundos, doutora.

Apenas respondi confirmando com a cabeça, minha garganta estava seca e travada, não saia absolutamente nada.

Kevin

Afrontar Vitória pelo jeito estava se tornar um hábito, já que quanto mais ela me respondia mais vontade de discutir eu tinha. A tarde passou voando, discretamente tirei varias fotos e fiz alguns vídeos com o celular que mais tarde iam ser encaminhados para Andrei.

Ela deixava transparecer nervosismo na minha presença, e isso era bom, o que me restava agora era ganhar sua confiança. Depois de praticamente me expulsar de uma forma mais educada sai do hospital com o intuito de colocar o trabalho acumulado e ordem, chegando em casa Bárbara estava lá me esperando deitada no sofá com um vestido minúsculo.

— Já disse pra não vir sem avisar! — disse irritado batendo a porta.

— Credo amorzinho, estava com saudades.

— Qual a parte de não vir sem avisar que você não entendeu? Vou precisar desenhar?

Ela veio para cima de mim toda cheia de charme, o perfume doce ardeu minhas narinas, nunca havia me incomodado até então, mas naquele momento aconteceu.

— Vem, vou fazer você relaxar um pouco. — a segurei pelos punhos e a olhei o mais frio possível.

— Acho que essa tinta que você usa no cabelo esta afetando seu cérebro, não estou afim, vaza daqui agora.

— O que é? Conheceu outra puta? Quem é a vagabunda?

— Para de fazer cena, você sabe muito melhor que eu que esta aqui por causa do meu dinheiro e não por minha causa.

— Assim me ofende!— ela faz bico.

— Vá embora caralho, não vou mandar outra vez.

— Está bem amorzinho, quando quiser sabe onde me encontrar.

— Deixa a chave da porta que você tem em cima da mesa!

— Por quê? — me olhou assustada.

— Porque eu estou mandado porra!

Ela tirou a chave do meu apartamento da bolsa a contragosto e saiu, eu odiava ser pego de surpresa, e Barbara começava a ser uma pedra no meu sapato, tirei a camisa e sentei na frente do computador, carreguei as fotos da doutora e fui passando uma a uma.

Uma foto me chamou atenção, um momento em que prendeu os cabelos com uma caneta e seus fios castanhos desgrehados caíram por seu pescoço, seu rosto anguloso perfeito, olhos azuis penetrantes, e a boca tão carnuda que me fez respirar fundo.

Essa garota é linda!

Era impossível negar.

Fiquei admirando a foto, não usava maquiagem, os lábios rosados naturais, abaixo dos olhos a pele um pouco mais escura, olheiras, e olhos cansados, mas isso não deixava nenhum pouco a desejar, sua beleza era exótica, era diferente.

Anexei as fotos a um e-mail que não pode ser rastreado com os seguintes dizeres.

“Achou que suas filhas estivessem mortas”?

Mas não estão!

“Essa é uma pequena amostra do que está por vir”

Respirei fundo antes de clicar no enviar, e sem pensar duas vezes dei enter^[2].

Agora era só esperar surtir o efeito do veneno.

CAPÍTULO 07

Kevin

Agora que isca havia sido jogada, só me bastava aguardar o peixe a morder, o processo de espera era torturante e a manifestação repentina do meu pai em mandar reforço me deixou irritado, um de seus homens deveria estar chegando dentro de alguns dias.

Aproveitei para colocar o trabalho em ordem e organizar algumas entregas, todo nosso sistema de compra e venda de armas estava codificado dentro de um sistema que eu criei, sem a mínima possibilidade de rastreo pela polícia ou qualquer outro órgão de investigação do governo, só um nerd^[3] da computação seria capaz de hackear^[4] meu sistema.

Nossas empresas conseguiam suprir bem a necessidade daquele entra e sai grande de dinheiro sem levantar suspeita, é um negócio inteligente, mas também tinha seus riscos. Meu pai gerenciava tudo como presidente da empresa, e daqui eu também dava o suporte que era necessário, adequava uma coisa ou outra, e inseria de forma ilícita investimentos com nome de laranjas que supostamente estariam investindo dinheiro no nosso negócio.

É claro que para usar o nome das pessoas assim foi necessária uma negociação prévia e uma margem dos lucros eram repassados, um fantasma não poderia investir num negócio extremamente lucrativo e inteligente, então não abria suspeita para desvio de dinheiro e muito menos o lucro advindo das vendas das armas que era todo investido na empresa pelos supostos acionistas.

Um negócio sólido com uma administração eficaz!

Quando terminei notei que recebi uma resposta do e-mail que enviei para o desgraçado do Andrei.

“Só pode ser brincadeira!”

Não respondi, o peixe mordeu a isca, e agora eu iria cansá-lo. Até conseguir tirá-lo da água e fazê-lo morrer sufocado pela falta do oxigênio.

Agora faltava a aproximação com Beatriz, aquela ali ia me dar um pouco mais de trabalho já que vivia viajando por aí, mas soube que havia desembarcado na cidade há alguns dias, e ia ficar por um tempo, precisava buscar uma aproximação, e a festa do hospital seria a oportunidade perfeita, os dois cordeirinhos dentro do mesmo cercado.

Eu só precisaria ficar perto o suficiente, e só me restava convidar Vitória para me acompanhar. Iria ter que aguentar sua boca me jogando alfinetadas a todo o momento, o peso que carregava na tentativa de vingar meu irmão começava a diminuir, de certa forma era um fardo que eu não queria carregar, mas estava tão entranhado em mim que a obrigação falava sempre mais alto.

O ódio sempre estaria presente, e com isso aquele sentimento de admiração que tive pela beleza de Vitória acabava de ser enterrado, abri novamente suas fotos só para confirmar as olhei com desdém, dei play no pequeno vídeo que fiz, ela olhava no microscópio e trocava algumas lâminas, e fazia anotações copiosamente. Aí lembrei de que foi assim o tempo todo em que permaneci dentro daquele laboratório, o que achei que seria claustrofóbico ficar fechado dentro daquele lugar com cheiro de água sanitária acabou sendo mais fácil do que tirar doce de criança.

No dia seguinte fui novamente até o hospital, procurei pela Ruschel até ser informado que a garota estava na ala pediátrica de oncologia, fui a passos largos e impaciente até perder o rumo de tão grande que era o lugar.

Percebi que estava no lugar certo quando escutei gritos e risadas de crianças vindo de uma sala, parei na porta, umas cinco ou seis crianças, desprovidas de cabelo, com tubos anexados aos braços e outros com tubos acoplados no nariz, pareciam ser algo parecido com máscaras de oxigênio, todas sorriam, estavam em uma roda, duas crianças em um banquinho, três delas sentadas em cadeiras de rodas e uma no colo de uma moça, que usava uma peruca cor rosa neon ridículo, uma armação de óculos falsa brilhante e um nariz de palhaço, aquilo fazia a alegria das crianças, uma coisa boba e insignificante.

Haja paciência para aguentar esse monte de pirralho gritando na sua cabeça por horas.

Logo um cara loiro passou por mim e as crianças comemoram e uma delas disse.

— Nosso príncipe chegou!

O cara sorriu e deu um beijo no rosto da mulher vestida de palhaço, e mais uma vez ouvi comemoração por parte dos pequenos.

— Te pego as oito hoje? — ela confirmou e ele saiu por uma porta que havia do meu lado oposto.

Que bonitinho um casal apaixonado!

Só me dei conta de que aquela criatura produzida se tratava de Vitória quando sua íris azul focou em mim e veio em minha direção tirando o nariz e os óculos.

— Trabalho interessante esse.

— O que você quer?

— Te convidar para vir comigo a festa do hospital!

— Não vai ser possível!

— Posso saber por quê?

— Já tenho companhia.

— Mas já que estou ban... — me interrompi quando percebi a bobagem que estava prestes a dizer, esse não era o caminho se eu quisesse ganhar sua confiança — Eu gostaria muito doutora Hale que me acompanhasse.

— Me desculpe senhor Collins, acredito que mulher para acompanhar o senhor nessa festa não vai faltar.

— Como tem tanta certeza disso?

— Eu apenas tenho.

Virou e saiu, me deixando com cara de bobo no corredor.

Que garota difícil!

Mas não importava, era certo de que as duas estariam no mesmo lugar e seria um dos motivos para eu ter que suportar tanta falação em um único dia, fazer sala e tentar agradar as pessoas nunca foi do meu feitio, mas a necessidade falava mais alto nesse momento.

Olhei no espelho ajeitando a manga da camisa branca e coloquei uma abotoadura azul, optei por um terno de corte fino de três peças cinza, e camisa branca, mas me recusei a usar gravata, parecia que ela ia me sufocar a qualquer momento.

No caminho para a festa do hospital a monotonia pairava dentro daquele carro, liguei o rádio e *The Unforgiven*^[5] do *Metallica* quebrou aquele silêncio soando pelos alto-falantes, e de certa forma a letra daquela música me pesou.

O Imperdoável

*Sangue novo junta-se a esta terra
E, rapidamente, ele é subjugado
Pela constante e dolorosa desgraça
O jovem aprende as regras deles*

*Com o tempo, a criança é enganada
Este rapaz massacrado age errado
Privado de todos os seus pensamentos
O jovem homem aguenta e aguenta, ele é conhecido
Uma promessa a si mesmo
Que nunca a partir deste dia
Sua vontade lhe tirariam*

O que eu senti

O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca ser
Nunca ver
Não posso ver o que poderia ter sido

O que eu senti
O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca livre
Nunca eu mesmo
Então eu nomeio-o O Imperdoável

Eles dedicam suas vidas
Para tirar tudo dele
Ele tenta agradar a todos
Este homem amargo que ele é

Por toda a sua vida o mesmo
Ele batalhou constantemente
Esta luta que ele não pode vencer
Um homem cansado, eles veem não se importa mais
O velho homem então se prepara
Para morrer cheio de arrependimentos
Aquele velho homem, aqui sou eu

O que eu senti
O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca ser
Nunca ver
Não posso ver o que poderia ter sido

O que eu senti
O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca livre
Nunca eu mesmo

Então eu nomeio-o O Imperdoável

*O que eu senti
O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca ser
Nunca ver
Não posso ver o que poderia ter sido*

*O que eu senti
O que eu soube
Nunca refletiu no que eu demonstrei
Nunca livre
Nunca eu mesmo
Então eu nomeio-o O Imperdoável*

*Nunca livre
Nunca eu mesmo
Então eu nomeio-o O Imperdoável
Vocês me rotularam
Eu rotularei vocês
Então eu nomeio-o O Imperdoável*

*Nunca livre
Nunca eu mesmo
Então eu nomeio-o O Imperdoável
Vocês me rotularam
Eu rotularei vocês
Então eu nomeio-o O Imperdoável
(The Unforgiven - Metállica)*

Chegando ao local escolhido por doutor Hale estacionei meu Jeep próximo à entrada, minha intenção era aparecer um pouco, capturar as imagens que eu precisava e sair fora antes mesmo de acabar isso tudo. O tempo estava ameno a pelas nuvens carregadas uma chuva pesada estava por vir.

O salão estava esplendido, digno de uma festa de gala, pelo que fui

informado Dr. Hale optou por fazer o evento fora do hospital, pois o barulho poderia incomodar os pacientes, tive que concordar, esse salão afastado da cidade ia custar uma fortuna, e o proprietário o cedeu depois saber para qual causa seria todo esse circo, em suas palavras sua contribuição seria dada com a sessão exclusiva do salão de festas mais requintado e solicitado do país.

Fui até o bar e me sentei, pedi uma dose dupla de whisky e tomei aos poucos enquanto observava ao meu redor, vez ou outra apareciam algumas pessoas para me saudar e respondia na maior educação, mas sem um mínimo de vontade.

Busquei meu alvo com os olhos e não as vi em lugar algum, logo Doutor Hale se aproximou.

— Como vai senhor Collins? — apertou firme minha mão.

— Bem, espero que essa noite renda alguns milhões!

— Assim eu também espero! Tenho que atender algumas pessoas, se me dá licença.

— Fique a vontade.

Ele saiu sorrindo como se tirar dinheiro de um otário qualquer fosse fácil.

De longe observei à porta a espera do que procurava para acabar com isso logo e sair sem que ninguém percebesse, mas não estavam facilitando isso não aparecendo. Uma hora depois vi a garota entrar pela porta acompanhada pelo babaca do médico loiro e a irmã, Beatriz também não deixava nada a desejar, as duas foram muito bem providas de aparência.

Beatriz tinha os mesmo traços da irmã mais velha, os mesmos olhos azuis, os cabelos eram curtos, realmente pareciam muito com a mãe adotiva, que ironia não é mesmo?

Acreditava que não sabiam que não eram filhas biológicas do casal, já que na certidão de nascimento de ambas consta o nome dos pais adotivos, minha análise da realidade foi interrompida quando vi Vitória mais próxima

de onde eu estava, conversava sorridente com as pessoas, estava deslumbrante, não havia outra palavra que conseguisse descrevê-la.

Seus cabelos longos caíam em ondas perfeitas pelas suas costas, usava um vestido preto longo de mangas compridas, que deixavam seus ombros a mostra, com uma fenda que ia até altura da sua coxa, que dava muita abertura para minha imaginação fértil, bem diferente daquele uniforme horrível que usava no hospital.

Logo as garotas conversavam com um grupo de mulheres, e depois se afastaram e vieram até o outro lado do balcão do bar onde eu estava, fiz o que tinha que fazer discretamente e logo os olhos de Vitória encontrou os meus e me deu uma saudação contida e um sorriso sem mostrar os dentes, em resposta ergui meu copo e tomei um gole do líquido que desceu queimando minha garganta, só mais um pouco naquele lugar já era suficiente.

Fiquei as observando de longe, até que Beatriz saiu e Vitória veio até mim pegando uma taça de champanhe da bandeja de um dos garçons.

— Se divertindo senhor Collins?

— Só por hoje você poderia esquecer essa maldita formalidade.

— Se divertindo Kevin?

— Sim, claro, olhe a minha cara de quem está sorrindo aos quatro ventos.

— Só por hoje você poderia usar a educação! — respirei fundo, ela tinha o dom de me irritar.

— Não Vitória não estou me divertindo, e logo estou indo embora!

Logo um estalo alto foi dado do lado de fora e um clarão tomou conta do salão assustando algumas pessoas, Vitória sem querer ficou mais próxima e em consequência pude sentir seu cheiro que devo admitir era inebriante o que me fez fechar os olhos e apreciar.

A falta de luz temporária causada pelo tempo fez com que Vitória ficasse tensa e sem querer ela encostou em mim, eu estava sentado e ela de costas,

sem pensar passei a mão pela sua cintura, o que a deixou ainda mais rígida, estava nervosa e com a respiração descompassada, o que só piorou quando outro estalo mais forte foi ouvido.

— Calma é só uma chuva forte.

— Me desculpe senhor Collins. — se desvencilhou do meu toque o mais rápido que pode — não foi minha intenção, eu tenho muito medo desse tempo e...

— Não se preocupe é passageiro, é só um tempo ruim.

CAPÍTULO 08

Vitória

O estalo do raio me assustou de uma forma que meu coração saltava em batidas frenéticas e descompassadas, só em pensar no vento forte e na chuva barulhenta meus ouvidos zuniam, quando um segundo estalo mais alto aconteceu e a luz falhou minha garganta parecia ter se fechado e o ar parecia que ia faltar.

Sem querer cheguei ainda mais perto de Kevin que passou a mão pela minha cintura me deixando ainda mais nervosa, meu corpo se retesou, eu não conseguia me mover, era um controle que eu não tinha mais, minhas pernas não obedeciam ao meu comando.

Explicar meu medo bobo por temporais eu não conseguia, só sei que isso acontecia desde que eu era uma menina que não tinha consciência nenhuma do mundo lá fora, sempre que chovia forte e raios cortavam o céu rompendo com o barulho medonho dos trovões meus pais colocavam Beatriz e eu em seu quarto e dormíamos juntos na mesma cama, a proteção e segurança passada por eles foram fundamentais, no decorrer dos anos minha mãe vinha até meu quarto e dormia comigo, mas agora eu não podia me dar ao luxo da sua companhia que tanto me acalmava e até então eu não conseguia encontrar uma âncora que pudesse me ajudar nesses momentos.

— Calma é só uma chuva forte.

— Me desculpe senhor Collins. Não foi minha intenção, eu tenho muito medo desse tempo e... — Sai de perto fugindo do seu toque que parecia queimar minha pele.

— Não se preocupe é passageiro, é só um tempo ruim.

— Preciso achar meu pai e meu namorado.

Sai dali sem rumo e sem olhar para trás, e também sem saber para onde

estava indo, na minha cabeça parecia que batia um martelo constantemente em cima de uma bigorna de aço, fazia tanto barulho que não conseguia assimilar nada a minha volta.

Parei um pouco na tentativa de me acalmar me concentrando diretamente na minha respiração descompassada. “Inspire pelo nariz e solte pela boca Vitória, e repita quantas vezes achar necessário”, essa tática do meu pai nunca falhava e não seria dessa vez que esse medo iria me consumir.

Quando senti que estava melhor e meus batimentos pareciam ter se normalizado me guiei pelas luzes de diversos celulares acesos, até lembrar de pegar o meu dentro da pequena bolsa *clutch*^[6], rapidamente acendi a lanterna e consegui me situar dentro daquele salão de festas enorme e avistei meu pai, que me olhava preocupado.

— Como você está filha?

— Bem papai! Já passou fique tranquilo.

— Vou procurar o Rafael e vou para casa.

— Vá com cuidado e me avise quando chegar!

— Pode deixar.

Antes de respirar fundo e ir atrás de Rafael, encontrei Beatriz com um grupo de amigas.

— Bia! Estou procurando o Rafa, você o viu?

— Não, quer ir embora? — Somente fiz sinal com a cabeça confirmando e ela sabia muito bem que o tempo chuvoso havia estragado minha noite. — Tentou ligar?

— Sim, mas o sinal de celular ainda está fora da área de cobertura.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, aproveite a festa. — me despedi com um abraço.

Sai dali tomando um caminho incerto à procura do homem que desapareceu do mapa, mas nessa escuridão não ia encontrá-lo em lugar nenhum. Mais alguns minutos andando no meio da multidão e meu coração começou a acelerar novamente e como em um passe de mágica a luz voltou animando a todos e principalmente a mim.

Por hora resolvi deixar minha busca de lado e ir ao banheiro para conferir se minha maquiagem estava borrada pelo ato constante que tenho de esfregar os olhos quando estava nervosa. Quando entrei no luxuoso corredor que dava acesso ao toalete meus olhos travaram em uma cena pouco agradável.

Rafael estava aos beijos com uma moça loira, agora estava explicado o porquê do sumiço, na certa aproveitou a falta da energia para dar uma escapada. Enguli seco, Rafael que vá para o raio que o parta, do mesmo jeito que cheguei ali me virei rapidamente e fui em direção a saída.

Precisava de um táxi!

Não podia incomodar meu pai com isso, conhecendo seu lado protetor ao extremo ele seria capaz de esfolar Rafael vivo.

Qual é o meu problema?

Não conseguia nem manter um relacionamento, o cara deu um jeito de se esfregar com outra mulher por aí, eu devia ser um ser humano horrível!

Andei a passos rápidos em direção à saída sem olhar para ninguém, segurei o choro que tentava escapar pelos meus olhos.

Hoje não! Não vou chorar por alguém que não merece uma lágrima minha.

Como ia encontrar um táxi nesse fim de mundo? O vento frio passou por mim arrepiando-me por inteira, cruzei meus braços em uma tentativa vã de me aquecer, pelo menos as mangas daquele vestido serviram para alguma coisa! Evitar que eu congelasse a cada lufada de ar frio.

— Para quem tem medo de chuva o que faz aqui fora sozinha?

— Esperando um taxi. — sorriu debochado.

— Sinto muito lhe informar doutora Hale, mas acredito que por aqui você vai ficar esperando por muito tempo! — Kevin pegou um maço de cigarros do bolso, tirou um e o colocou na boca o acendendo em seguida — Estou de saída, se quiser uma carona, posso te levar!

— Quero! — disse sem pensar duas vezes, o que eu mais queria naquele momento era sair daquele lugar e não olhar para trás.

Enquanto caminhávamos juntos em silêncio até o carro gotas finas da chuva que ameaçava vir começaram a cair, olhei para o céu buscando encontrar algo que eu não sabia o que era, e fui interrompida com o barulho do alarme do carro de Kevin sendo aberto.

Abri a porta e me sentei em silêncio, puxei o cinto de segurança e encostei a cabeça no banco, respirei fundo, Kevin entrou e fez o mesmo, ligou o rádio e deu a partida e saiu, a música que tocava preenchia meus pensamentos desconexos, minha reação ao ver Rafael com outra mulher não parecia ter me impressionado, mas aquela sensação perversa de ter sido enganada ou trocada por outra estava ali me perturbando.

Um raio forte riscou o céu causando aquele clarão, logo em seguida o barulho veio com tudo assustando-me mais uma vez, agarrei o acento cravando as unhas com força, a nossa frente à estrada era escura e sem movimento algum, apenas as sombras das árvores assustadoramente criavam aquelas figuras medonhas que só existiam na minha imaginação.

A chuva forte começou cair e notei Kevin diminuindo a velocidade, o vento era forte que parecia balançar o veículo em movimento, a música alta começou a me afetar negativamente.

Conforme a densidade da chuva aumentava minha respiração ficava mais descompassada, notei que Kevin me olhava de canto tentando parecer indiferente a minha condição, até parecia que eu não existia e que ele estava sozinho.

Tentei várias vezes respirar fundo, mas era impossível, não conseguia mais conter o desespero ficando cada vez mais difícil, o caminho parecia ter ficado mais longo, cada clarão dado pelo tempo ruim era uma batida que falhava do meu coração.

E como se nada pudesse piorar um estouro fez com que Kevin parasse o carro.

— Droga!

— O que aconteceu? — falei com a voz embargada.

— Acho que furou um pneu!

— Meu Deus, agora não, por favor!

— Olha é melhor você se aguentar aí sem dar nenhum pití^[7].

— Mas eu...

— Mas nada Vitória, fica quieta aí caralho.

Ele desceu do carro e deu à volta no veículo e depois voltou a entrar todo molhado por causa da chuva.

— O pneu traseiro estourou, vou ter que trocar e você vai ter que me ajudar.

— Mas e essa chuva eu já estou apavorada, não vou conseguir.

— Vai ter que superar isso, e não me importa de que jeito o faça.

Ele tirou o terno e o colete cinza e os jogou no banco de traseiro, tirou as abotoaduras da camisa abrindo os botões e dobrando as mangas até a altura dos cotovelos, passou a mão no cabelo molhado tentando jogá-lo para trás e saiu, abriu o porta-malas e procurou algo.

Outro clarão e meu peito disparou, a chuva caía cada vez mais forte, a única luz do local era a dos faróis do carro.

— Vitória, preciso que você me ajude aqui, quanto mais você der uma de princesa, mais tempo a gente vai demorar nesse fim de mundo.

Meu Deus, por favor, não!

Estava na hora de eu engolir o medo, e fazer alguma coisa, respirei fundo contando até três, segurei com força a maçaneta e abri a porta descendo de uma vez, a chuva fria que caia nas minhas costas me arrepiava.

— O que você precisa que eu faça?

Kevin me olhava descrente, não acreditando que eu tivesse a coragem de descer para colaborar.

— Segure isso!

Ele me entregou uma pequena lanterna e apontou para onde estava o pneu, sua camisa branca estava ensopada, e em consequência a transparência da peça mostrava sutilmente os desenhos em sua pele.

— Da pra você prestar atenção no esta fazendo? Não deve ser tão difícil segurar uma lanterna.

— Desculpa.

Levei uma bronca bem dada, pela distração em olhar para onde não devia em um momento desses, enquanto ele desencaixa os parafusos da roda, eu apenas observava, logo ele colocou o step^[8] e com uma habilidade que não achei que tivesse recolocou todos os parafusos da roda no lugar.

Outro raio irrompeu o céu e dessa vez com mais força, o clarão foi tão grande que pude ver a íris verde Kevin me olhando, seguido do barulho ensurdecedor, a chuva ficou cada vez mais forte, sem querer derrubei a lanterna e levei as mãos no ouvido, aquele zumbido forte tomava conta dos meus ouvidos.

— Me desculpa Kevin eu não consigo mais.

Minhas mãos ficaram trêmulas, minha respiração acelerada, meu peito subia e descia, o ar parecia não chegar aos meus pulmões, o ar ficou denso, pesado, o frio era praticamente insuportável, estávamos ao ar livre e a sombra das árvores pareciam que iam me engolir, eu não ouvia mais nada, não enxergava mais nada.

Minhas pernas estavam prestes a falhar, minha cabeça doía, meu peito doía.

Outro clarão!

Tudo parecia piorar a cada segundo, eu não sabia diferenciar as lágrimas da água da chuva que escorriam pelo meu rosto se misturando.

— Vitória! Vitória! — Minha voz não saía, eu não conseguia responder, a voz de Kevin estava longe, como se ele estivesse a quilômetros de distância de mim.

— Não me deixa aqui sozinha, por favor! — falei em um sussurro.

— Você não está sozinha.

— Por favor, não me deixa aqui.

— Vitória, está tendo um ataque de pânico, se concentra na minha voz! Respire fundo.

— Não, é demais pra mim!

E como se um borrão passasse pela minha mente me mostrando duas crianças um bebê e uma menina de mais ou menos dois anos, o tempo parecia ruim igual ao de hoje, a menina chorava copiosamente.

Outro clarão.

— Não! — gritei.

Kevin segurou meu rosto me olhando nos olhos e me encostou no carro o usando como um apoio, eu estava ensandecida, sem controle nenhum dos

meus atos, estava apavorada, quase inconsciente.

E quando pensei que ia perder a noção de tudo ele fixou sua íris na minha e colocou seus lábios nos meus, me tirando do torpor do desespero, era como se ele pedisse permissão para ir mais longe, fazendo minha consciência dar um salto, meu coração que batia freneticamente foi embalado pelo ritmo constante da sua língua na minha.

CAPÍTULO 09

Kevin

A garota na minha frente parecia enlouquecida, tremia tanto que ao segurar seu rosto e olhar em seus olhos vi que seu desespero era real, escorriam lágrimas de dor, era impossível estar fingindo uma situação dessas, ou era simplesmente uma excelente atriz e estava conseguindo me fazer acreditar naquele teatro todo.

Aquela situação toda me deixou tão incomodado que não sabia o que fazer, aqueles olhos desesperados me fitando intensamente, senti que estremeceu, sua pele arrepiou debaixo do meu toque, e aquele olhar de medo foi como um convite para que eu me perdesse naqueles lábios carnudos, e sem pensar duas vezes beijei a garota que cedeu e parece ter se entregado ao momento.

Não a soltei, me aproximei ainda mais colando meu corpo no seu, minha língua pedia passagem, ela ainda estava com as mãos nos ouvidos e eu segurei ainda mais firme seu rosto, não ia deixá-la escapar, ela deslizou as mãos e segurou meus punhos me dando abertura, nossas línguas dançavam em um ritmo sincronizado, a água que caía do céu não impedia que aproveitássemos o momento, Vitória logo se afastou aparentemente mais calma.

Ela abaixou a cabeça e respirou fundo, ameaçando falar algo, mas a interrompi.

— Se vai falar alguma coisa, ou se desculpar me poupe.

— Não!

— Vamos embora, você está congelando! — meu tom de voz foi brando.

Entramos no carro em silêncio, observei ela passar o cinto de segurança a chuva ainda caía forte, estávamos ensopados e cheios de lama, Vitória tremia de frio, calada e distante olhava através do vidro com o olhar perdido na

estrada.

— Tem uma jaqueta minha no banco de trás, vista e tente se aquecer, ou vai acabar ficando doente.

Ela se virou e procurou pela jaqueta, mas pegou meu terno úmido, e se vestiu, tentei ligar o ar condicionado do carro em uma temperatura mais amena para que depois que saísse não tomasse um choque térmico tão grande e em poucos minutos notei que ela havia pegado sono.

Droga!

O que fui fazer beijando a garota, e pior ainda sendo gentil sem perceber demonstrando preocupação.

Realmente não sei o que havia me dado. Meu foco agora era chegar em casa tirar essa roupa suja e dormir para colocar a cabeça no lugar.

Mas eu estava em um impasse, como levaria a garota para casa sem que ela me questionasse por eu saber onde era? O jeito era acordá-la e pedir que me indicasse o caminho. Parecia quase que uma necessidade chamar sua atenção, era um remédio para meu mau humor do momento irrita- lá, aqueles olhos azuis ficavam ainda mais lindos quando estavam com raiva.

Sorri da situação e ao mesmo tempo me repreendi, esse era um jogo perigoso onde todas as fichas foram apostadas, e o jogo estava apenas começando.

Depois de uns trinta minutos a chuva deu uma trégua e agora só caía apenas uma garoa fina, mais alguns quilômetros e já estaríamos dentro da cidade, enquanto isso meus pensamentos me levaram as lembranças do meu irmão.

César era bem mais velho, eu tinha apenas seis anos quando aquele desgraçado o matou, ele foi o cara que me ensinou a andar de bicicleta e a me defender quando alguém brigava comigo na escola, meu pai sempre esteve lá por nós, mas nunca foi presente de fato, não como meu irmão foi, Lucio era um homem ocupado e seus negócios muitas vezes eram mais importantes.

Quando o perdemos tudo piorou, lembro-me vagamente daquele alvoroço em casa, os gritos da minha mãe eram nítidos em minha memória a palavra "vingança", Lucio Collins só sabia falar disso todos os dias, às vezes era até irritante mas comprar essa briga era meu dever, e eu defenderia minha família até o fim.

Meus devaneios foram interrompidos quando avistei de longe algo caído no meio da estrada, não consegui distinguir o que era mas quando me dei conta que estava tão próximo os freios não foram suficientes para parar o veículo e tudo aconteceu muito rápido, no calor do momento tentando buscar uma alternativa virei o volante de uma vez e depois disso só consegui ver meu carro caindo em uma ribanceira.

Vitória

O som do metal se torcendo foi pior aos meus ouvidos que o barulho estridente dos raios, despertei do sono leve com o grito dos pneus cantando no asfalto, a noite escura e a chuva ainda me assustavam, mas nada comparado ao cair em um barranco, a sensação era medonha, parecia que eu estava despencando em queda livre a mais de mil metros do chão e aquilo não acabava nunca, poderia ser facilmente comparado a um buraco negro. Não tinha fim e era desesperador.

Minha respiração parecia ter parado, não gritei, não esbocei nenhuma reação, apenas fechei os olhos e esperei.

Quando o carro finalmente parou bruscamente batendo em uma árvore meu coração disparou em batidas ainda mais fortes, não sabia se agradecia por estar bem e acordada, ou se surtava igual uma louca sem compreensão de nada.

Olhei para o homem ao meu lado, com o tronco e o rosto em cima do volante, tinha sangue em sua cabeça. Kevin estava desacordado, com muita dificuldade me soltei do cinto de segurança, a única luz do local era a do farol

do carro que por algum milagre não havia se quebrado, uma dor descomunal irradiou pelo meu braço esquerdo, na certa devia ter deslocado ou quebrado algum osso.

Estava na hora de eu fazer alguma. Caramba Vitória! Se acalme, que realmente não era hora de surtar e ter outra crise.

— Kevin? — o chamei já procurando a veia do seu pescoço para conferir se seu coração ainda batia, não era uma boa hora e eu não podia ficar naquele lugar sozinha. — Kevin, por favor, acorda. — supliquei baixinho.

Era aterrorizante! Eu sabia o que tinha que fazer, e eu precisava prestar os primeiros socorros, mas a aflição do momento não me deixava pensar com coerência e muito menos agir direito.

Se acalme Vitória! Você precisa fazer alguma coisa!

Eu repetia isso na minha cabeça incontáveis vezes.

Já havia passado da hora de acordar para vida e superar aquele medo bobo.

— Agora alguém precisa que você faça alguma coisa e tem que ser agora! — gritei.

Ignorei a dor e tentei mexer em Kevin o mínimo possível, os airbags^[9] não foram acionados com o impacto, e isso era bom, pois me dava mais espaço para me mover dentro do veículo.

Não tinha nada que eu pudesse usar para imobilizar o pescoço de Kevin, então preferi não mexer em nada, peguei meu celular na bolsa, a bateria estava quase no fim e também não tinha sinal, então o mais sensato era torcer para que alguém visse os sinais do acidente.

Liguei a lanterna do celular e verifiquei as pupilas do homem, ei mais aliviada quando vi que estavam reativas, chequei seu pulso que parecia acelerado, sua pele estava gelada, com cuidado tirei seu terno e coloquei sobre seus ombros, estremei com o frio e com a dor, precisava imobilizar

meu braço.

— Kevin? — o chamei mais uma vez, mas sem resposta.

Senti meu rosto molhado pelas lágrimas, eu não sabia o que fazer e chorar não ia resolver nada, aquela bagunça de sentimentos me assombrava.

Que noite mais desastrosa.

Pegar seu namorado se agarrando com outra bem no começo do relacionamento e ter um ataque de pânico no meio do nada na companhia de um estranho, isso realmente não estava nos planos.

Ouvi um gemido baixinho.

— Aí! Que Droga!

— Graças a Deus! — limpei meus olhos e foquei minha atenção nele — Você está bem?

— Uma dor de cabeça da porra e meu peito também dói!

O ajudei a se soltar do cinto de segurança e a encostar-se ao banco, sem pedir permissão levei a mão no seu tórax e desci pelo seu abdômen rígido.

— Pode ser que você tenha quebrado uma costela, você também apagou por alguns minutos.

— Caralho!

— Você precisa de um hospital agora, um neurologista precisa te avaliar e fazer uma tomografia.

— Para de falar! Você se machucou?

— Não! Estou bem — omiti a dor descomunal que sentia no braço.

Com dificuldade ele desceu do carro e gemeu de dor baixinho, levou a mão do lado esquerdo do corpo e segurou, ele observou a batida e olhou o

motor destruído do veículo.

— Precisamos sair daqui!

— Ficou maluco?

— Fiquei! Fiquei sim! Bati forte com a cabeça esqueceu?

— Por favor, não fale assim comigo, acabamos de sofrer um acidente e você não para de fazer piadas, podia engolir esse orgulho pelo menos uma vez na vida!

— Desculpa aí princesinha, — foi irônico — vou ser curto e direto! O carro está vazando combustível, uma fagulha de qualquer coisa e isso tudo pode ir pelos ares. Ainda quer ficar aqui?

Olhei para o banco de trás e peguei uma jaqueta de couro e a vesti sem pedir permissão, ficou gigante em mim, mas quem liguei para isso. Sai do carro sem dizer uma palavra.

— Meu celular acabou a bateria e o seu?

— A bateria está no fim, e não tem sinal, já verifiquei.

— Vamos subir ninguém vai nos ver aqui em baixo, e provavelmente não vão ver sinal nenhum do acidente, pelo menos não até amanhecer eu acho.

Respirei fundo e olhei para cima, não vi nada, meu corpo inteiro tremeu de frio, meu vestido longo ensopado começou a pesar, tirei os sapatos e joguei longe, não conseguia andar com eles naquele terreno irregular e pouco me importava minha condição, eu só quero sair dali.

Kevin subiu ao meu lado calado, pareci sentir fortes dores, a certa altura ele se apoiou em uma árvore e abaixou a cabeça, o que me preocupou, se esse homem resolvesse desmaiar ia rolar nesse barranco, pois eu com toda certeza não ia conseguir segurar.

— Precisamos parar, você não está bem, estou vendo isso.

— Cala a boca garota, você fez de conta que me examinou e fica aí dizendo asneiras.

Realmente me senti impotente e ofendida, minha preocupação com ele só aumentou, sua arrogância nesse momento parecia ser um mecanismo de defesa para um organismo que estava a beira de um colapso.

Estava tão escuro que não sei quantos metros caímos abaixo, e muito menos quanto faltava para chegar à estrada, a chuva tinha dado uma trégua, mas o frio castigava meus músculos, a adrenalina que irradiava tanto em meu corpo quanto no de Kevin ia baixar a qualquer momento e essa era minha maior preocupação.

— Parece que estamos perto! — ele disse num sussurro e com a voz cansada.

— Tomará — falei quase para mim mesma.

Quando finalmente enxergamos o asfalto Kevin acelerou o passo e eu fiquei para trás.

— Anda logo Vitória! — ele tentou me ajudar e pegou no meu braço e não consegui conter o gemido de dor que saiu da minha garganta — Está machucada?

— Não foi nada!

— Por que não me disse quando perguntei se estava bem?

— Porque eu estou bem, deve ter sido apenas uma torção.

Ele me fitou desconfiado fixando seus olhos verdes cintilantes nos meus, estávamos na beira da estrada e agora era só questão de tempo até alguém passar para pedirmos ajuda, logo ele levou a mão na cabeça e fechou os olhos com força, cambaleou e parecia procurar um apoio, dei alguns passos e segurei seu braço.

— Kevin?

— Eu estou bem caralho. - disse com grosseria.

Ele abaixou a cabeça e tentou manter-se de pé segurando em meus ombros, olhou-me nos olhos, respirou fundo, parecia ofegante.

Mas nada me iria me preparar para o que estava por vir.

Kevin desmaiou nos meus braços e quase que me levou junto, não conseguia suportar seu peso, respirei fundo e busquei toda força bruta que possuía e me ajoelhei no chão apoiando sua cabeça em minhas pernas.

Meu choro era constante, Kevin precisava de um hospital e tinha que ser naquele momento, pois não havia nada que eu pudesse fazer no escuro, na chuva e sem nenhum equipamento que sequer pudesse me apoiar em algo.

CAPÍTULO 10

Kevin

Aquele cheiro de hipoclorito queimou minhas narinas, abri os olhos e a claridade junto a minha visão turva me incomodaram, não me lembro de quase nada do que aconteceu, apenas alguns borrões, olhei em volta e ouvi o barulho de um bip, estava ligado a uma máquina que monitorava meus batimentos, uma agulha estava enfiada no meu braço e segui com os olhos até o soro pendurado no suporte, levei um tempo a me familiarizar com o ambiente e a perceber que aquilo era um quarto de hospital.

A primeira coisa que veio na cabeça era o rosto da garota que estava comigo, a lembrança de uma feição desesperada e olhos absurdamente azuis, a dor na minha cabeça era lancinante, eu não me recordava de como fui parar naquele hospital e nem sabia explicar aquele curativo imenso na minha cabeça.

Uma enfermeira entrou no quarto e sorriu para mim.

— Como se sente senhor Collins?

— Com dor de cabeça!

— Vou avisar o médico que o senhor acordou.

Ela saiu e em poucos minutos voltou com Vitória e um homem mais velho, que aparentava ter seus cinquenta anos.

— Bom tarde senhor Collins, quero que aperte meus dedos...

Ele me examinou minuciosamente, pediu que eu fizesse uma série de movimentos, enfiou uma luz insuportável nos meus olhos, filho da puta fez seu trabalho direito, mas me deixou atordoado, logo que recobrei totalmente a visão não consegui desviar a atenção de Vitória, que a todo o momento

permaneceu calada, usava aquele uniforme ridículo azul e um jaleco branco por cima, seu cabelo estava solto em ondas rebeldes, notei em seu supercílio direito um pequeno arranhão, uma tipóia imobilizava o braço esquerdo, e também notei a palma de suas mãos feridas.

Quando o médico finalmente terminou relatou que minha recuperação evoluía bem, quando ele e a enfermeira saíram Vitória permaneceu no quarto e me olhou acuada, deu dois passos ficando mais próxima do leito hospitalar, seus olhos azuis fixos em mim e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e aquilo me fez querer irrita- lá de alguma forma.

— Pode parar de me olhar assim, não estou morto, inclusive quero saber o que aconteceu!

— Não se lembra de nada? — Ela apertou os olhos curiosa.

— Lembro-me vagamente de algumas coisas. — dei de ombros e meu peito doeu como o inferno — Vai me contar o que houve, ou só vai ficar aí como uma estátua viva? — Ela revirou os olhos, e isso me fez conter o riso.

— Estávamos na festa do hospital, você me deu uma carona, chovia muito, você perdeu o controle do carro e caímos em uma ribanceira.

— Que merda!

— Você bateu forte com a cabeça e teve uma concussão cerebral, quebrou duas costelas, passou por cirurgia para conter a hemorragia, mas correu tudo bem, fomos socorridos a tempo.

— Agora está explicada a dor de cabeça infernal e a dificuldade de respirar. — realmente isso não era brincadeira.

— Não se esforce as lembranças vão voltar aos poucos e logo você terá alta e poderá ir para casa.

— Assim eu espero!

— Bom! Vou deixar você descansar, preciso passar minhas visitas, só passei para ver como estava.

Apenas acenei com a cabeça, e a observei indo em direção à porta, ela parou e voltou sua face para mim mais uma vez e saiu.

Tudo doía, meus olhos estavam pesados, meu corpo estava dolorido e o pior de tudo é que eu não tinha tempo a perder. Onde estava meu celular com as fotos das irmãs perdidas? Seria um retrocesso no plano, mas um backup resolveria isso por enquanto.

Não demorou muito para eu pegar no sono a medicação era forte e por mais que lutasse para me manter acordado foi em vão. Acordei com um barulho de saco plástico de abrindo e um cheiro horrendo de salgadinho de queijo.

— E aí cara?— Só podia ser brincadeira?

— O que faz aqui Klein?

— Seu pai me mandou lembra?

— Lembro, mas ele não disse quem iria vir.

— Sentiu saudades?

— Vá se foder!

— Acabei de ver a doutorazinha pessoalmente, e cara que pitelzinho! — disse passando a língua nos lábios.

— Fique longe da garota, Ruschel deve aparecer por aqui logo e nos ver aqui não será uma boa.

— Fiquei magoado! — Não sabia quem era mais inconveniente, Charles Klein com essa mania escrota de brincar com tudo, ou Lúcio Collins por mandar o cara mais idiota da sua equipe. — Mas me conta o que a bonitinha estava fazendo no seu carro?

— Esse acidente não estava nos planos Charles!

— Como não cara? — respirei fundo e contei até três, a sorte desse infeliz é que eu estava nessa cama, pois minha vontade era de socar a cara dele pois nunca gostei de questionamentos sem sentido.

— Bem obvio não é? Planejei um acidente onde quase morri? Muito inteligente!

— Tudo tem um risco! — Deu de ombros.

— Idiota.

Charles era meu amigo de infância, praticamente crescemos juntos, sua família tinha uma grande dívida com meu pai, e ele fazia questão de dizer que tudo o que faz é por agradecimento, pois sem nosso apoio sua mãe e suas irmãs teriam passado fome e morado na rua. Mais uma família que sofreu pelas mãos daquele assassino desgraçado.

— Onde está hospedado? — Mudei de assunto.

— No Homewood.

— Faz quanto tempo que está aqui?

— Cheguei ontem, fiquei sabendo do acidente pela notícia que saiu do jornal.

— Que merda! — levei a mão na cabeça já preocupado — Meu nome saiu nessa notícia?

— Você é um sortudo do caralho cara! A manchete focou apenas na filha do poderoso doutor Hale e seu acompanhante, descobri que era você porque busquei no banco de dados a placa do carro, desde que achar essas meninas se tornou prioridade fiquei ligado em tudo que envolvia o nome da família que as adotou.

— Fez bem! Agora vaza daqui.

Klein eu um sorriso maroto, enfiou a mão no pacote de salgadinho e colocou tudo na boca, me olhou desconfiado e virou as costas.

— Volto amanhã para verificar se a princesa Collins está bem! — soltou uma gargalhada estranha.

Respirei fundo na intenção de acalmar meus ânimos, mas aquela dor infeliz das costelas quebradas não me abandonava, logo senti que estava procrastinando nesse hospital, independente da dor lancinante o que eu mais queria era levantar dessa cama e ir para meu apartamento, havia muito que fazer.

Vitória

Visitei Collins pela manhã, e me segurei para não passar pelo seu quarto quando terminei de passar minhas visitas à tarde, o que passamos juntos não esquecerei jamais, olhei para a palma das minhas mãos feridas e lembro do trabalho que foi socorrer aquele homem.

Entrei no meu laboratório que foi insistentemente financiado por Kevin e meus pensamentos me levaram direto para a noite do acidente, se não fosse por aquele caminhão de madeira passar por ali àquela hora da noite ele teria morrido nos meus braços ou ficaria com graves sequelas pelo resto da vida. Sua teimosia nos fez sair daquele carro e chegar à beira da estrada, sem isso nem sei o que teria acontecido ou quanto tempo ia levar para que alguém desse falta de um de nós.

Eu tive apenas algumas escoriações leves, e uma luxação no ombro esquerdo, meu pai insistiu em uma série de exames e tudo estava bem, já Kevin sofreu mais com o impacto.

Mas apesar de toda aquela tribulação o que não saia da minha cabeça era aquele beijo que me tirou do torpor da ansiedade e da crise que tomou conta de mim, me sentei na frente do meu microscópio e olhando para a lâmina sentia minha concentração prejudicada pela confusão de sentimentos que eu experimentava.

Confesso que isso me amedrontava um pouco!

O que mais me perturbou por esses dias foi ter que fugir de Rafael, suas ligações insistentes me chamando de princesa e dizendo que estava preocupado me faziam revirar os olhos, o que ele não tinha era vergonha na cara, dizer que eu estava bem não bastava e se dependesse de mim ele nunca iria saber que o vi com outra, meu orgulho foi ferido e eu não me importava nenhum pouco com isso.

Logo sou interrompida por leves batidas na porta e quando olhei sem querer acabei revirando os olhos e voltando minha atenção para minhas anotações.

— Oi! Eu estava preocupado, só respondeu minhas mensagens com monossílabos e não atendeu minhas ligações.

Rafael me abraça por trás e beijou meu pescoço, precisei segurar a bile que subiu pela minha garganta.

O que senti foi asco.

— Rafael, precisamos conversar — falei ainda de costas tentando me desvencilhar do seu abraço.

— Estou todo ouvidos! Quero saber se está bem, ou se precisa de ajuda em alguma coisa aqui no laboratório?

— Aproveitou a festa do hospital? — tentei não ser irônica.

— Sim, uma pena que você não pode ficar até o final! — Quanto tempo será que levou para sentir minha falta?

— Pois é realmente uma pena. — a essa altura minha vontade era enfiar minhas unhas naqueles olhos azuis dele, me senti quase uma psicopata contendo o desejo de matar esse ser na minha frente.

— Pois é deve ter aproveitado mesmo, então Rafael, não creio que continuarmos juntos seria uma boa, preciso focar na minha pesquisa e nos meus pacientes, e não quero distrações.

— Sou uma distração tão boa assim? — me olhou com aquele ar safado e resolvi dar o que ele queria.

— Pois é, mas... — engoli seco para não despejar minha raiva em cima dele — acredito que não é hora para me envolver, eu sou uma pessoa ocupada e você também e acho que precisamos dar um tempo nisso que temos.

— Mal começamos um relacionamento Vitória, você saiu da festa com outro cara sem falar nada para ninguém e eu fiquei realmente preocupado.

— O que está insinuando?

— Nada Vitória, estou apenas dizendo que você poderia ter me procurado e eu te levaria para casa, não havia necessidade de pegar carona com um estranho.

— Olha Rafael, realmente eu não quero discutir, então respeite minha decisão e saia do meu laboratório. — de bandido passou a ser a vítima!

— É isso mesmo que você quer?

— Sim!

Virei-me lhe dando as costas voltando minha atenção para minha pesquisa, parecia que uma simples carona foi o estopim para uma crise de ciúmes, ou um orgulho ferido?

Bem engraçado! Se envolver com outra mulher no meio de um salão cheio de gente conhecida, e dar um pití² por causa de uma carona.

Estava ficando farta de tentar entender o ocorrido.

Eu só precisaria estabelecer algumas regras a mim mesma, começando a organizar a confusão de sentimentos e pensando e repensando em como resolver tudo, cheguei a duas conclusões.

A primeira manteria Rafael longe de mim e ele não saberia nunca que o vi com outra, meu desprezo era o que ele teria e tinha certeza que isso ia doer

mais. A segunda, eu manteria ainda mais longe, Kevin Collins, pois um homem como ele era mais do que perigoso ter por perto, enigmático, mal educado, e dono de uma beleza sem explicação que mexia comigo e mais ainda depois daquele beijo sem motivo, rezava para que ele não lembrasse a cena de filme que protagonizamos. Coisa que eu achava quase impossível de acontecer, pois ele não mostrava nenhum lapso de memória significativo e eu sabia melhor do que ninguém que as lembranças uma hora ou outra iam voltar.

CAPÍTULO 11

Vitória

Coloquei meu foco diretamente no trabalho, tive alguns avanços no tratamento de alguns pacientes o que me deixava feliz, mas como nem tudo são flores um paciente em especial me chamou atenção.

Um senhor de 78 anos, tinha um corpo franzino, de estatura mediana, rosto marcado pelo sol, com rugas bem pronunciadas, mãos ásperas, era a marca de quem trabalhou muito na vida, sua pele sensível ressecada, que deu entrada no pronto socorro do hospital na madrugada. Ele falava de um jeito bonito e simples, era morador de um abrigo para pessoas idosas que não possuem família e que não tem condições de prover sua subsistência, ou que simplesmente foram abandonados pelos filhos ingratos.

Jorge Custódio, era seu nome, veio acompanhado de uma cuidadora e uma funcionária do abrigo, em seu prontuário vi que apresentou fortes dores abdominais, também tinha uma ferida no braço que não cicatrizava e o médico do plantão sob as suspeitas de um diagnóstico ruim me chamou para uma avaliação e olhando os resultado dos exames não restava outra dúvida, esse senhor carregada consigo aquelas células que evoluíram para um câncer, restava apenas traçar um plano de tratamento e realizar algumas avaliações e infelizmente era a hora de dar a notícia.

— Como vai senhor Jorge? — não sei por que, mas esse caso me abalou demais.

— Pela sua cara minha filha, a notícia não é boa! — ele era uma pessoa sensata e esperta, acho que isso foi o que mais me chamou atenção.

— Então seu Jorge, desculpe pela demora, mas infelizmente não tenho boas notícias, minhas suspeitas se confirmaram o senhor tem um tumor, um câncer, já em estágio avançado.

— Por isso as fortes dores na barriga? — perguntou sua cuidadora

— Exato! Vou tentar explicar melhor — engoli seco — as ramificações do sistema nervoso, que são responsáveis por gerenciar as sensações dolorosas, podem ser afetadas por uma massa tumoral, resumindo, ela aperta os nervos e causa um desconforto constante, então a dor é contínua e não passa com analgésicos. O sintoma varia de acordo com a posição em que a doença se alastra. — tentei ser o mais sucinta possível — E essa ferida que o senhor tem na perna, não cicatriza por causa do tumor e não por conta do diabetes, pois o tumor interfere na coagulação do sangue e desestabiliza a cicatrização, por causa da idade sua pele é muito fina e sensível, então tem que tomar cuidado para não se cortar, ou se arranhar, que a cicatrização vai ser mais difícil. — Olhei para a cuidadora — E vocês lá no abrigo terão que ter um cuidado maior com ele e ficar de olho em qualquer outro sintoma e trazê-lo de volta para o hospital sempre que necessário.

Passei um tempo dentro daquele quarto explicando o plano de tratamento, as reações que a medicação forte poderia trazer e aquele senhor optou por não se tratar, me pediu com olhos cheio de lágrimas que eu apenas não o deixasse sentir dor, aquilo de certa forma me destruiu e prometi fazer o que fosse possível para honrar seu pedido.

Eu não podia prometer que ele não sentiria dores, às vezes as drogas usadas para amenizar não eram tão eficientes, logo ele teve alta, e pedi que voltasse para o hospital assim que precisasse, eu sabia que ia ser necessário e também prometi que visitaria o abrigo assim que fosse possível.

Jorge foi embora sorridente, apesar da notícia ruim que teve, manteve o sorriso no rosto, seu jeito gentil, parecia ser sábio, apesar de tê-lo conhecido agora senti uma afinidade imensa e meu coração doeu, pois seus dias estavam no fim, não era possível saber quanto tempo, talvez meses ou anos, mas prometi a mim mesma, que faria o possível para mantê-lo confortável.

Tomei o caminho para a sala dos médicos, meus olhos ardiam com a vontade de chorar, até que não me contive e deixei escorrer uma lágrima, não sei se de propósito mas minhas pernas me levavam até o corredor onde Kevin estava, quando me dei conta eu estava na frente de seu quarto com a porta entreaberta o observando dormir.

Sem pensar muito e deixando a promessa que fiz a mim mesma de manter distância eu entrei, fechei a porta, me deitei no sofá que havia no canto do quarto e chorei. Chorei até haver a necessidade de conter os soluços e pegar no sono, não me importei onde estava eu só queria desaparecer por um momento.

Acordei em um sobressalto, Kevin estava sentado na cama de braços cruzados me observando.

— Esses olhos inchados me dizem que andou chorando!

— Não é que... — não sabia o que responder — me desculpe invadir seu quarto assim, já vou indo — me levantei.

— Se quiser ficar, fique a vontade!

— Na verdade eu só queria fugir um pouco.

— E veio aqui por quê?

— Porque ninguém viria aqui me procurar.

— Bem esperta! — coloquei as mãos no bolso do jaleco e dei de ombros.

— Como se sente hoje?

— Um inútil!

— Logo vai para casa! — respirei fundo já indo em direção à porta.

— Quer conversar? — Eu ouvi direito? Esse homem pela primeira vez não tentou me irritar nem foi um ogro, o olhei pasma com sua atitude.

— É o Kevin Collins que está aí mesmo, ou foi abduzido por um extraterrestre? — brinquei.

— Não começa! Acho que podemos dar uma trégua e além disso, eu não tenho nada melhor para fazer. — Dei de ombros.

Esse homem me surpreendeu, por essa eu juro que não esperava.

— Não é nada demais, apenas um caso novo que mexeu um pouco comigo.

— Não vou sair daqui tão cedo, então pode começar!

Contei as minhas últimas vinte e quatro horas de plantão e o que me abalou tanto, ele me olhava concentrado, prestava mesmo atenção na conversa, quando acabei ele disse.

— É só um velho, doutora! Todos nós vamos morrer um dia.

Que todos vamos morrer eu tinha certeza, mas ser tão amargo a ponto de não se sensibilizar por algumas situações me causava estranheza, mas era como aquele velho ditado, nós não conhecemos o coração das outras pessoas, então não poderíamos julgar por elas.

— Com quem você aprendeu a ser tão insensível?

Na mesma hora seu semblante se fechou, um vinco se formou entre suas sobrancelhas grossas, ele respirou fundo e demorou um pouco a falar.

— Acho que puxei meu pai.

— Sendo bem sincera, sem querer ofender, as pessoas mudam Kevin, as vezes nos acontecem coisas que não sabemos explicar e isso nos faz enxergar a vida e as pessoas de outra forma.

Ele me olhou tão profundamente que eu não soube explicar o que foi aquilo, mas senti que me puxava fortemente para si, aquela coisa me abalou e mais uma vez vi a necessidade de fugir.

— Preciso ir.

— Não, Não precisa!

CAPÍTULO 12

Kevin

Ouvi atentamente tudo que ela dizia, não fazia diferença nenhuma para mim tudo aquilo, mas senti a emoção através de cada palavra que saía da sua boca. A delicadeza que tinha e que acabava vindo naturalmente, me fez admirar a doçura com que lidava com a situação, parecia frágil, mas ao mesmo tempo destemida.

Eu não queria admitir, mas aquilo me fez admirá-la de certa forma, ou era esse tempo atoa que estava me fazendo pensar bobagens. Quando disse que eu era um cara insensível não neguei, pois sabia melhor do que ninguém que nada me abalava e confesso que não estava nem aí para nada, fechei a cara e respirei fundo, lembrando o porquê tinha saído de Vancouver e admiti parecer com meu progenitor. A resposta que me deu foi única e confesso que me deixou abalado.

Ela me olhou com aqueles olhos grandes, tão azuis que eu poderia dizer que eram quase transparentes, que facilmente poderiam ser comparados com um lago de água cristalina e por um descuido desejei ter Vitória na minha cama, e saber se seu gosto era tão doce quanto sua personalidade.

Ela desviou o olhar, como se tivesse percebido algo e se adiantou.

— Preciso ir.

— Não, Não precisa!

Esforcei-me para levantar daquela cama de hospital, me sentir um inútil nunca esteve nos meus planos e eu não ia passar vontade agora, não era porque a garota era o alvo de uma história muito mais complicada, que eu deixaria de provar aqueles lábios carnudos.

— Não pode se levantar ainda — me questionou.

— Venha aqui me ajudar então!

Eu já estava sentado na cama quando ela se aproximou e sem pensar duas vezes enfiei minha mão em sua nuca e a puxei para mim, com a outra mão acariciei e segurei seu rosto, não a beijei de imediato, mas estávamos tão próximos que sentia seu hálito quente contra meu rosto, minha respiração ficou pesada, ela não se afastou, senti seu peito subir e descer em ritmo acelerado, e quando ela passou a língua nos lábios foi o convite que eu precisava para vencer a pequena distância e colar nossos lábios.

Segurei firme, não ia dar a chance dela querer fugir, Vitória colocou as mãos do meu pescoço, passei a mão direita em sua cintura e a puxei para ainda mais perto, fazendo-a se encaixar entre minhas pernas, o contato foi interrompido quando me apoiei na cama para ficar de pé, queria sentir seu corpo pequeno no meu, a puxei para ainda mais perto e intensifiquei o beijo, já louco de tanto desejo.

Senti as curvas de sua cintura fina através dos meus dedos retirei seu jaleco do caminho e enfiei a mão por baixo da blusa azul do seu uniforme ridículo, sua pele macia se arrepiou ao meu toque, nossas línguas moviam-se como em uma dança bem ensaiada, o entrosamento e conexão eram fortes, era notável e inexplicável.

Pequenas lembranças da noite do acidente voltaram, vi o rosto de Vitória estampado pelo desespero, beijei a garota na noite do acidente e aquilo fez com que ela acordasse da crise que teve, lembro-me que emoldurei seu rosto com as mãos e com a lembrança tão viva na minha cabeça me afastei devagar de Vitória entre respirações entrecortadas.

— Por que não me disse que eu beijei você naquela noite?

— Se lembrou?

— Sim.

Vitória parecia sem voz, abalada, tremia, estava corada, seus olhos mostravam uma confusão de sentimentos, era notável suas emoções a flor da pele.

— Senhor Collins, isso foi um erro, me desculpe, por favor, não faça isso novamente, vamos manter a relação que temos apenas no âmbito profissional, me desculpe mais uma vez, tenha uma boa noite. — falou exaltada.

Depois de falar como se tivesse dizendo um trava línguas, mantendo aquela formalidade toda como se fôssemos pessoas desconhecidas, se virou e saiu correndo batendo a porta do quarto.

Não sei o que aconteceu ali, fui tomado por um desejo sem explicação, ela era proibida para mim, todos aqueles anos lutando para vingar a morte do meu irmão e eu tinha dado um passo maior do que deveria, aquele pensamento irracional falava mais alto, não me arrependi de ter causado aquilo, logo tudo ia se resolver, e finalmente parei para pensar na vida que a garota levava aqui.

— Merda!

Fui interrompido com a presença do namorado idiota de Vitória.

— O que quer aqui doutor? — falei irritado

— O que você quer com Vitória?

— Está com ciúme ou se sente ameaçado? — fui indiferente.

— Ela estava no seu carro!

— Porque o namoradinho sem noção a deixou sozinha?

— Eu não a deixei sozinha! — Rafael fechou a mão, notei os nós dos seus dedos ficarem brancos e ele tomou uma postura defensiva.

— Olha cara, minha paciência é bem curta e além do mais eu não te devo explicação nenhuma, se quer saber mesmo o que aconteceu, vá perguntar a ela e pare de encher meu saco.

— Não me venha com cinismo, sei muito bem que tem interesse na minha namorada e é bom ficar bem longe dela.

— Por quê? Vai fazer o que? — falei em tom de ameaça.

Respirou fundo como se estivesse contente a raiva que pulsava dentro de si, estava morrendo de ciúmes e eu estava mais do que satisfeito com isso, gargalhando por dentro, sorte desse filho da puta que eu estava nessa cama, caso contrário já teria colocado o cara para dormir e ele seria só mais um pedaço de carne desacordado, não sou paciente e muito menos gosto de ficar dando explicações, ainda mais para um mauricinho metido a besta, se não soube segurar sua mulher a culpa não era minha.

— Não gosto de confusão, mas defendo o que é meu.

— E o que é seu? Não vi nenhuma placa com o seu nome!

— Pare de me provocar!

— Foi você quem entrou aqui atrás de confusão.

Fechei o semblante na intenção de tentar intimidá-lo e vi que seria uma boa briga, não era meu propósito arrumar confusão com esse loiro metido a besta, mas se continuasse assim eu daria tudo para não sair dessa briga.

— Você... — foi interrompido por Isaac.

— Boa noite, Rafael que surpresa encontrá-lo aqui.

Doutor Hale sem querer acabou acalmando os ânimos do mocinho a minha frente, mal pude conter o sorriso irônico que se formou no canto da minha boca.

Vai dar uma de bom moço agora idiota?

— Boa noite chefe, passei apenas para ver como estava o paciente.

Isaac o olhou desconfiado, na certa sabia que ele não era o médico que estava cuidando do meu caso, cruzou os braços e fechou a cara encarando Rafael, achei que iria falar alguma coisa, mas só o vi enfiar o rabo entre as pernas e sair de fininho.

— Eu não sei o que estava acontecendo aqui, mas senti a tensão.

— Não era nada doutor Hale, não se preocupe.

— Olha Kevin, quero agradecer por ter ajudado minha filha no acidente, apesar das circunstâncias Vitória é uma moça frágil e ela me disse que deve muito a você.

— Só fiz o que achei certo, não me lembro de muita coisa. — falei com sinceridade.

— Agora vou falar como pai. Quero que fique longe da minha filha.

— Não sei onde está querendo chegar com isso doutor.

— Só quero que mantenha distância, você deu seu apoio financeiro para a pesquisa dela e eu quero que pare por aí.

Droga, o velho sabia das coisas, mais do que eu imaginava.

— Fique tranquilo doutor, o que eu e Vitória temos é estritamente profissional, ela mesma me disse isso e eu também concordo com seus termos.

— Pois bem, vim aqui para agradecer, e espero que você melhore logo.

— Não há o que agradecer.

Isaac era um bom homem e mais uma vez pensar que adotou duas crianças filhas de um criminoso o fez entrar em um ciclo perigoso, haveria danos, e eles poderiam ser irreversíveis.

(...)

Sentia uma sensação contagiante de inquietação, passaram-se dias e eu ainda estava na merda do hospital, não vi mais Vitória, Dr. Hale passava vez ou outra para conferir se tudo estava bem, até que finalmente o médico responsável me deu alta, deixou uma receita de medicamentos para a dor e

pediu que eu retornasse dali alguns dias para fazer uns exames e uma nova avaliação, dizia que eu era forte e minha recuperação foi rápida, mas deveria me cuidar, pois tudo em excesso fazia mal, sei que disse isso já se referindo ao cigarro e o que eu ansiava mais era tragar a nicotina que contaminava e adoecia meus pulmões aos poucos.

Avisei Charlie que estava saindo do hospital e pedi que me esperasse no meu apartamento para colocarmos em dia algumas coisas. No corredor do hospital dei de cara com Vitória encostada em um balcão, olhava concentrada para a tela de um tablet^[10] e digitava algo, quando me aproximei ela se virou para mim, aqueles seus olhos azuis me desestabilizaram, tantos dias sem vê-la me causou certa estranheza.

Aqueles cabelos castanhos claros que emolduravam seu rosto simétrico e delicado, sua beleza tão natural, seus fios caíam pelos ombros como uma cortina, ela colocou uma mecha atrás da orelha e depois a outra.

— Soube que teve alta senhor Collins, melhoras! — abraçou o equipamento que segurava.

— Sim, mas preciso voltar para fazer alguns exames, e também tenho sua pesquisa para acompanhar.

— Me avise, por favor, quando for aparecer — me entregou um cartão contendo algumas informações, ali continha seu nome, seu telefone e o número do seu registro no Conselho de Medicina.

— Claro, até breve.

— Até senhor Collins — ela foi saindo já fugindo de mim, mas dessa vez não deixei, segurei seu braço sutilmente, ela fixou sua íris azulada em mim surpresa com a minha reação, olhei de um lado para o outro conferindo o movimento e cheguei bem próximo ao seu ouvido — Eu não esqueci o que aconteceu entre nós naquele quarto, toda essa formalidade de sua parte não vai adiantar de nada.

CAPÍTULO 13

Vitória

Minha semana foi curta e cansativa, fiquei agitada, pensamentos trabalhando a mil por hora, o ocorrido com Kevin na semana passada me deixou extremamente mexida, era como se um ímã gigantesco me puxasse com força para aquele homem.

Eu estava abalada e isso estava me afetando, em casa Joana percebeu que eu andava quieta, minha irmã já havia me perguntado algumas vezes se havia algo me incomodando, mas creio que por conta do acidente recente elas estavam me dando o espaço que eu precisava para lidar com o trauma, mal sabiam elas que minha verdadeira aflição tinha 1,80 de altura, peito forte e ombros largos e a pele ornamentada por incontáveis tatuagens que lhe deixavam ainda mais sexy.

Beatriz entrou na sala de TV e abaixou o volume.

— O que é isso Vitória? Esta Surda?

— Isso o que?

— Esta no mundo da lua — fechei os olhos me entregando e abaixando a guarda.

— Confesso — Bia se sentou do meu lado e abraçou a almofada.

— Desembucha logo!

— Lembra-se do cara que estava financiando minha pesquisa?

— Não! — revirei os olhos inconformada.

— Por Deus Beatriz, o cara do acidente!

— Ah claro, devia ter citado o fato mais impactante antes — era uma

figura mesmo — O que tem ele?

— Ele me beijou aquele dia da festa e depois de novo enquanto estava internado no hospital.

Ela abriu aquele sorriso lindo com seus dentes perfeitamente brancos e bateu palmas igual uma criança quando recebe um presente.

— Quero saber dos detalhes sórdidos — disse curiosa e eufórica — ele é um gato!

Rimos juntas, nossa cumplicidade era mágica, não me imaginaria em um mundo sem Beatriz para me apoiar, quando ia começar a falar à confusão que eu sentia ouvimos um barulho alto de pneu cantando no asfalto, minha irmã se levantou apressada e olhou pela janela afastando a cortina bege, fiz o mesmo quando seu semblante demonstrou preocupação, uma van preta saindo da frente de casa.

— Já viu essa Van aqui na frente?

— É a segunda vez. — falei intrigada.

— Pois é estranho, eu já vi mais de uma vez, você quase não para em casa, vou perguntar a Joana se já notou e avisar o papai.

Depois de termos avisado papai e ele tomado suas providências, fui direto para meu quarto, a conversa com Beatriz não rendeu muito e agradecia por isso, falar de Kevin me atordoava.

Tomei um banho quente, eu não estava preocupada com a situação, mas aquela sensação de estar sendo vigiada não me deixava, olhei pela janela e não vi nada, todas as portas estavam fechadas, deslizei pelo colchão macio e puxei o edredom até o pescoço, abracei o travesseiro e antes de pegar no sono imaginei os olhos verdes cintilantes de Kevin Collins me observando.

Acordei assustada com o toque estridente do meu celular.

“Emergência”

Acabou meu sono de beleza! Para terem me chamado a essa hora da madrugada a situação era séria, me levantei e corri para o banheiro escovar os dentes, amarrei o cabelo revoltado em um rabo de cavalo, peguei um moletom cinza no guarda-roupa vesti e sai procurando as chaves do carro na bolsa.

Quando cheguei ao hospital fui direto para a sala de emergência e para minha surpresa era o senhor Jorge, a medicação prescrita causava efeitos colaterais desagradáveis, se queixava de náuseas constantes, e dores praticamente insuportáveis no abdômen, estava mais emagrecido e com a aparência cansada, a doença progrediu e voltou a judiar, fiquei emocionada enquanto prestava o atendimento e quando um dos residentes me disse que ele exigiu ser examinado por mim me abalou ainda mais, um elo foi criado ali e a confiança estabelecida.

Olhava-me com aqueles olhos doces, vez ou outra sorria, e logo seu belo sorriso era contido pela dor, cheguei bem perto para que pudesse me entender.

— Nós vamos fazer alguns exames para verificar se a doença evoluiu, prometo deixar o senhor o mais confortável possível. — ele concordou com a cabeça, não conseguia falar por conta da dor, estava entorpecido pela medicação forte que não estava resolvendo.

Depois da bateria de exames que o cansaram ainda mais, prescrevi a internação, Jorge teria que passar alguns dias no hospital, quando já estava na cama, ligado ao soro com remédios o examinei novamente, coloquei o estetoscópio no ouvido e a outra ponta em seu peito, seu coração batia forte e barulhento, seus pulmões sopravam com dificuldade, sua saturação estava baixa, foi necessário colocá-lo no oxigênio e apesar de toda sua condição instável de saúde o sorriso doce não saía de sua face castigada pelo tempo.

Sai daquele quarto contendo a emoção que esse paciente em especial me causava, o dia estava quase amanhecendo, e resolvi não voltar para casa já que não faltavam muitas horas para começar meu plantão, enquanto caminho em direção a sala de descanso dos médicos dou de cara com Rafael no corredor, quando nota minha presença vem em minha direção, desconfortável com a situação, enfiei as mãos no bolso do jaleco e aperto a caneta que estava ali, não queria conversa e não estava pronta para isso, e pior que não havia

para onde fugir , mas fui salva pela voz imponente do meu pai chamando.

—Doutora Hale, preciso da sua opinião em um caso cirúrgico, pode me acompanhar agora?

— Claro doutor. — fui depressa junto com meu pai agradecendo internamente pela interrupção bem sucedida.

— Está assustada, aconteceu alguma coisa? — perguntou enquanto estávamos sozinhos no elevador, seu profissionalismo era impecável.

— Não é nada papai, estou bem!

Parecia ter se conformado com minha resposta, pois não disse mais nenhuma palavra. Nas horas seguintes só falamos a respeito do caso em que me pediu apoio.

Não era a primeira vez que eu participava de uma cirurgia com o grande Isaac Hale, mas era a primeira vez que o fazia como médica titular e não apenas uma residente, sentindo-me satisfeita por meu pai confiar no meu trabalho, no final disse baixinho que estava orgulhoso e que minha mãe também estaria se estivesse aqui conosco, meu peito ardeu de saudade, como era difícil lembrar de minha mãe e não poder chegar em casa e sentir seu abraço.

Eu estava apenas iniciando minha carreira, tinha um caminho árduo a percorrer e por ser filha de um grande médico muitos esperavam o mesmo de mim e eu estava disposta a lutar para ser merecedora desse reconhecimento.

Com o ânimo contagiante passei no refeitório para almoçar, não havia feito nenhuma refeição decente, optei por uma salada leve, arroz, creme de milho e peito de frango, enquanto comia meus pensamentos foram sem a minha permissão levados ao dono daqueles olhos verdes que tanto me impressionavam.

Que droga Vitória. Pare com isso!

Dividida pela euforia e a preocupação olhei no relógio dourado no meu

pulso esquerdo conferindo a hora, precisava rever alguns resultados da minha pesquisa.

Já em frente ao meu laboratório destranquei a porta e fui conferir se tudo corria dentro do previsto, um tempo depois concentrada mal percebi que alguém havia entrado no meu espaço, quando notei a presença imponente de Kevin sentado atrás da mesa, com os cotovelos apoiados e as mãos juntas embaixo do queixo, vi que sua barba estava mais aparada, o cabelo muito bem penteado, usava um jeans preto justo e botas, uma camisa social branca fechada até o colarinho com uma gravata de cetim preto e uma jaqueta de couro da mesma cor, aquele estilo único, entre o social e o despojado que lhe davam um ar ainda mais perigoso e chamativo.

O olhei sobressaltada com sua presença, ele apenas me olhou e fez sinal para que eu continuasse o que estava fazendo, voltei minha atenção para minhas anotações e tentei fingir indiferença, mas era difícil, eu sentia seus olhos me queimando, o homem presente ali comigo representava a luxúria em pessoa, seus poros pareciam exalar hormônios masculinos me atraindo para o perigo. Era impressionante como ele tinha a habilidade de me desestabilizar sem nem ao menos dizer uma palavra.

Passei a mão pelo rosto e pelo pescoço tentando enxugar o suor que escorria, junto o emaranhando dos meus cabelos e os preendi em um coque mal feito com uma caneta, tentei novamente me concentrar mas era praticamente impossível, minutos depois ouvi passos vindos em minha direção e seu perfume almiscarado invadiu minhas narinas me atormentando ainda mais.

— Está tão aflita por quê?

— Não estou aflita, estou trabalhando — tentei firmar a voz e não demonstrar meu nervosismo — Por favor, senhor Collins, está invadindo meu espaço pessoal — falei na defensiva.

— É mesmo? — o senti tocar meu ombro de leve com a ponta dos dedos.

— Por favor, pare! — não me atrevi a virar de frente para ele.

Olhei para o lado medindo a distancia que havia entre a porta e onde eu estava sentada, dividida entre a razão e o desejo cada vez mais crescente, com a plena consciência de que estávamos escondidos dentro daquele ambiente estéril.

Senti sua respiração pesada no meu cabelo, quase perdendo o controle que havia em mim naquele momento, Kevin passou uma das mãos na minha cintura e com a outra tirou a caneta que prendia meu cabelo, afastou as mechas que caíram pelo meu pescoço e depositou ali um beijo casto e demorado, senti o roçar de sua barba devagar pela minha pele desnuda me arrepiando por inteira.

— Quer mesmo que eu pare? — falou sussurrando no meu ouvido, voltou no mesmo lugar que beijou segundos antes e inalou o cheiro da pele suada.
— Você tem cheiro de fruta.

— Kevin, por favor. — falei quase implorando

— Seu corpo não esta pedindo isso doutora Hale.

Eu estava entregue a esse homem, ele colocou os dedos na altura do colarinho da minha blusa e foi subindo minha nuca até emaranhar sua mão no meu cabelo.

Leve e erótico!

E para minha surpresa fechou a mão ali segurando os fios rentes a raiz e me puxou levemente, quase que me imobilizando, não pude conter o gemido que saiu da minha garganta e devagar chegou bem perto e mordeu de leve o lóbulo da minha orelha e passou sua língua quente e molhada pela extensão da minha cartilagem derrubando qualquer barreira de resistência que eu havia criado e eriçando cada pelinho existente no meu corpo.

— Vai negar isso?

CAPÍTULO 14

Vitória

— Vou!

— Vai mesmo? — suas provocações estavam acabando comigo.

As palavras saiam da boca pra fora, eu ansiava por aquilo, sua mão na minha cintura me apertou, deslizou pela minha barriga e me enlaçou com o braço colando minhas costas em seu corpo quente, desceu distribuindo beijos pelo meu pescoço e me debrucei em seu ombro de olhos fechados apreciando cada toque.

Não! Eu não ia mais lutar contra.

— Alguém pode entrar aqui! — falei ofegante.

— Não vai, está trancada.

Olhei para conferir se as persianas estavam fechadas e foi meu fim, me virei para ele de uma vez, segurou minha face com as mãos e atacou minha boca, escorregou as mãos pelo meu pescoço até os ombros e tirou meu jaleco o jogando no chão, meu coração galopava a mil por hora, nossas respirações se misturavam e meu corpo clamava pelo dele.

Ergui as mãos e enfiei no seu cabelo tirando os fios bem penteados do lugar, ainda sentada naquele banco ele se enfiou entre minhas pernas e encostou-me sobre o balcão e tirou minha blusa me deixando apenas de sutiã, o que me deixou com aquela sensação de perigo e com medo de ser pega por alguém.

— Kevin, não podemos... — não consegui terminar, pois ele interrompeu me beijando ainda mais loucamente.

— Fica quieta!

Esse seu jeito mandão e dominador me deixava alucinada, a umidade e o calor que eu sentia entre minhas pernas comprovavam que não havia mais como fugir, eu estava irremediavelmente perdida, e completamente entregue.

Tirei sua jaqueta e puxei sua gravata já desfazendo aquele nó, quando abri o primeiro botão de sua camisa parte de suas tatuagens ficaram a mostra, minha boca se encheu de água com a vontade de beijar cada desenho que ele tinha pelo corpo, a expressão de Kevin estava carregada seu peito subia e descia com a respiração pesada, seu olhar escuro era de puro desejo, ele não me ajudou a abrir nenhum dos botões de sua camisa e ficou observando minhas mãos pequenas abrindo um por um.

Quando toquei seu abdômen definido fazendo o contorno com a ponta dos dedos em uma das tatuagens senti que enrijeceu, aquilo mexeu tanto com ele quanto mexeu comigo, era pele na pele, quente, queimando de desejo, Kevin passou as mãos pela minha cintura fina e acariciou toda lateral do meu tronco, seu toque eram como labaredas de fogo que consumiam minha razão.

Ele abriu o fecho do meu sutiã, abaixou uma alça e depois a outra espalhando uma trilha de beijos, quando me livrou da peça agarrou meus seios com as duas mãos, apertando-os e deixando meus mamilos intumescidos.

A voz da razão me falava, pare agora, mas eu estava entontecida pela luxúria, um turbilhão de emoções desconexas e até então desconhecidas e avassaladoras.

Eu não era tão experiente no assunto, mas nunca foi tão intenso com nenhum homem que me envolvi, Kevin exalava sexo.

Ele pegou minha mão e desceu pelo seu caminho da felicidade e a colocou sobre seu membro rígido dentro do jeans, apertei o volume o fazendo arfar.

— Está me deixando louco! — disse com a voz embargada pelo desejo — Quero você aqui e agora.

— É loucura — afirmei.

— Sim é... e eu não estou nem aí para isso.

Desceu a mão para minhas coxas e me tomou nos braços me erguendo daquele banco, fazendo-me enlaçar minhas pernas em sua cintura, deu alguns passos sustentando o peso do meu corpo e me colocou em cima do balcão que havia no meio do laboratório, encaixou o cós da minha calça e a tirou me deixando apenas com a calcinha de renda branca.

Fixou o olhar no meu corpo e voltou a me beijar com voracidade, um gemido saiu pela minha garganta sem que eu tivesse o controle e fui repreendida.

— Não faça barulho, ou seremos pegos.

Eu estava até imaginando o escândalo que seria nesse hospital se caso alguém entrasse por aquela porta e nos pegasse nessa situação um tanto constrangedora, eu até poderia perder meu emprego.

Nossas línguas dançavam como um tango ensaiado me deitou ali e foi descendo passando sua língua e seus lábios pela minha pele febril, queixo, pescoço, até enfiar um dos meus mamilos na boca e mordiscá-los com uma habilidade incrível, depois o outro, desceu pela minha barriga, e contornou meu umbigo com a língua, quando se aproximou da minha intimidade inalou meu cheiro e depositou um beijo por cima da minha calcinha fazendo-me contorcer.

— Por favor — implorei baixinho.

Tirou a calcinha de lado e passou um dedo de leve pela minha entrada, mordi meus lábios para conter os gemidos que saiam incontroláveis, minha pele estava arrepiada ansiando por mais. Ele olhou nos meus olhos e introduziu um dedo e depois outro, não consegui manter o contato visual com os movimentos de vai e vem que provocou, nunca senti algo tão intenso. Kevin os retirou de dentro de mim, e abri os olhos o fitando envergonhada quando levou os dedos até a boca e os chupou com vontade, um ato simples e extremamente erótico.

— Doce!

Ele agarrou minhas pernas e me puxou mais para a beirada da onde eu estava deitada e terminou de tirar minha calcinha distribuindo beijos na parte interna da minha coxa, me deixando ainda mais exposta. Não senti vergonha, não naquele momento! Kevin sorriu e abaixou a cabeça, assoprou minha intimidade me fazendo arfar, beijou meu clitóris, e logo depois profanou-me com volúpia.

Sou tomada por uma onda de excitação, sua língua fez maravilhas enquanto eu segurei seu cabelo mordendo o lábio inferior para conter os gemidos quase que incontrolláveis, sua língua fazia movimentos circulares e a pressão se acumulou dentro de mim enaltecendo todo resquício de sanidade que me restava, me levando a beira do precipício e me trazendo de volta com um clímax intenso.

Meus pulmões faltavam oxigênio e meu coração parecia que ia saltar do peito a qualquer momento com tamanha a agressividade do que sentia naquele momento, minhas pernas estavam tão bambas que o medo de descer desse balcão e não sustentar o peso do meu corpo era grande.

Kevin de um jeito devasso ajeitou seu membro rígido dentro da calça, sua íris fixou na minha, passou a língua nos lábios, sem dizer uma palavra, me fazendo entender que aquilo não tinha acabado e com a razão e o juízo prontamente restabelecidos sabia que não seria nesse laboratório que daríamos sequência na nossa insana conjunção carnal.

Enquanto vestia minha roupa notamos que o trinco da porta foi forçado e alguém bateu chamando meu nome, olhei assustada para Kevin que colocou o indicador nos lábios fazendo sinal de silêncio, fiquei nervosa procurando minha blusa, Kevin estava calmo, e parecia não ter pressa de abotoar a camisa.

Quando eu estava totalmente vestida era incapaz de olhar para o homem que estava ali comigo fui surpreendida por um abraço quente.

— Não se preocupe ninguém viu nada! — falou convicto.

— Como tem tanta certeza?

— Eu não tenho!

Depositou um beijo no meu rosto e terminou de se vestir, eu não tinha palavras para o que tinha acontecido e muito menos sabia o que estava acontecendo entre nós.

— Ninguém pode saber disso Kevin! Meu pai não vai gostar.

Eu só tinha certeza de uma coisa, eu estava perdida, nunca havia me entregado dessa forma, nunca deixei nenhum homem me tomar o controle assim, ele segurou meu rosto entre as mãos e me deu um beijo casto.

— Não se preocupe, Isaac já me deu o recado, mas eu nunca fui muito bom em seguir orientações, é um segredo só nosso.

Fechei os olhos e tive a certeza de que eu estava irracionalmente e terminantemente entregue e Kevin Collins seria minha perdição.

CAPÍTULO 15

Kevin

Observar Vitória trabalhando me deu tanta sede de seu corpo que quando me dei conta estava igual um leão feroz a caça de sua presa mais frágil, seu gosto adocicado ficou na minha língua, gozou na minha boca contendo os gemidos insanos que saiam pela sua garganta.

Caralho!

Eu tinha passado de todos os limites, jogá-la em cima daquele balcão tão entregue a mim me deixou enlouquecido e a única coisa que eu conseguia pensar era sentir se o gosto da sua intimidade era tão doce quanto o da sua boca, eu precisava prová-la pelo menos uma vez, seria um desperdício se não fizesse.

Quando me dei conta abracei a garota que me olhava com os olhos assustados por quase sermos pegos, eu não queria isso, perder a pouca confiança que Isaac tinha em mim poderia acabar com o contato que tinha com Vitória.

Esses dias que fiquei em casa acabei de encaminhar mais algumas informações clandestinas a Ruschel, mas dessa vez não tive nenhuma resposta.

Charles vinha me ajudando e vigiando a casa e os passos de Beatriz, o filho da puta só sabia falar em como era um desperdício as irmãs serem filhas do inimigo e não negava a vontade que tinha de se enfiar entre as pernas da caçula.

Despedi-me de Vitória e sai primeiro do laboratório e tomei o rumo da saída, meu pau latejava dentro da calça, vi Rafael mais à frente concentrado em algo, não pude perder a oportunidade de provocá-lo, quando de propósito esbarrei em seu ombro e ele derrubou a papelada que tinha nas mãos.

— Tá maluco?

— Acho que quem perdeu o juízo foi você quando foi me confrontar.

— Estou trabalhando cara, isso é um hospital — foi medo e surpresa que vi em seus olhos.

— Bem sutil! Um idiota completo.

Virei a costas e continuei indo em direção à saída, contendo o sorriso de deboche que saía da minha boca, o babaca ficou me olhando com cara de vítima, se um dia eu pegasse esse desgraçado na rua acabava com ele sem nem ao menos pensar.

Meu celular começou a tocar, enfiei a mão no bolso da jaqueta e o nome que vi na tela me deixou apreensivo.

— Oi pai.

"Como vai meu filho?"

— Estou melhor!

"Ruschel embarcou, meus homens ainda não conseguiram descobrir para onde, mas pegou um vôo internacional, fique de olho!"

— Pode deixar.

Droga!

Mandei uma mensagem para Klein me encontrar em casa, era preciso obter informações, eu não poderia e nem queria ser pego de surpresa, já era esperado que aquele filho da puta viesse pessoalmente averiguar as informações, mas não tão rápido assim.

Se ele no mínimo desconfiasse de quem possa estar fazendo isso, é capaz de colocar um exército atrás de mim e do meu pai, já era certo de que haveria alguma desconfiança e uma ameaça foi feita desde o primeiro contato, trabalhar sem deixar pontas soltas não era uma tarefa fácil e estabelecer um

protocolo seria fundamental, pois tudo ia conforme planejado.

Bom! Nem tudo.

Em casa enquanto eu lia a ficha de Andrei, uma das fotos anexada ao dossiê me irritou, ele e a esposa, a mulher segurava um bebê, e ele com a garotinha de olhos azuis no colo, típica foto de família feliz, e olhando aquela menina senti meu peito arder em ódio, joguei aquela pasta longe com tanta força que os papéis voaram por todo apartamento.

— Que droga!

Levei as mãos na cabeça e puxei o cabelo para trás em uma tentativa de me acalmar, tamanha foi à besteira que fiz de violar minhas próprias regras e acabar beijando a garota, e quase fodendo com ela, só de lembrar meu membro ficou duro dentro da calça, não tinha culpa se a mulher era sexy pra caralho e contendo os gemidos em cima daquele balcão enquanto eu tirava dela tudo aquilo que tive vontade me deixou em êxtase.

Isso tinha que acabar e controlar a cabeça de baixo seria mais difícil, peguei meu celular e mandei uma mensagem para Bárbara me encontrar mais tarde, afogar esse tesão que me consumia seria fácil, e meu foco estaria restabelecido.

Enquanto eu trabalhava concentrado Charles chegou e olhou em volta vendo a bagunça de papéis espalhados pelo chão.

— O que aconteceu aqui?

— Nada!

Olhou-me confuso e tentou protestar algo, mas reconsiderou e se calou, sabia que meu humor não estava dos melhores.

— Qual a boa?

— Meu pai ligou, Ruschel embarcou em um vôo internacional.

— Caralho, mas já?

— Não sabemos se está vindo para Washington, mas não podemos descartar a possibilidade, vamos fazer umas buscas, quem sabe conseguimos alguma coisa precisa usar essa cabeça pra algo que presta seu *nerd*^[11] de computador.

— Ah cara, você não vive sem mim, fala a verdade? — sorriu debochado.

— Não começa que eu quebro seu nariz de novo! — falei apontando o dedo em sinal de ameaça.

Charles sentou no sofá, tirou seu notebook da bolsa e o colocou sobre a mesinha de centro, enquanto ele olhava concentrado para a tela eu tentava fazer o mesmo, mas estava sendo quase impossível, meu ânimo estava exaltado e eu só conseguia pensar na garota Ruschel.

— Inferno! — quase gritei.

Charles me olhou intrigado, como se soubesse que havia algo de errado, logo cruzou os braços me analisando e pela primeira vez na vida eu fiquei com receio de falar o que tinha feito. Isso poderia tomar proporções enormes se chegasse aos ouvidos de Lúcio Collins e perder a confiança do meu pai nesse momento não estava nos planos, eu simplesmente me sentia um tremendo idiota metendo os pés pelas mãos.

— Posso saber o porquê a princesinha aí tá dando piti^[12]?

— Não é nada!

— Cara é sério isso? — o olhei irritado pelas perguntas sem fim — O que tá rolando?

— Charles, termina o que veio fazer e vai embora daqui!

Ele levantou as mãos em sinal de rendição e voltou sua atenção para a tela, eu ainda continuava irritado e a cada minuto que passava meu humor só piorava, até os barulhos das teclas do computador estavam me tirando do sério.

Veza ou outra notei Klein me observando, fingia estar concentrado igual a ele, invadir o sistema do aeroporto codificando alguns arquivos não valeu de nada.

— Consegui!

Pelo menos alguém tinha feito algo de útil, encostei-me à minha cadeira apoiando o cotovelo no encosto colocando a mão no queixo, olhei pra Klein, seus olhos varriam as informações enquanto eu esperava que me desse notícias.

— O Ruschel não embarcou para os EUA, aqui diz que suas passagens foram compradas para a Rússia.

— Fique de olho! E me mantenha informado.

Charles juntou suas coisas e enfiou na mochila, na mesma hora a campainha tocou, ele saiu e deu de cara com Bárbara, ele me olhou com aquele sorrisinho idiota e saiu, ela como sempre estava impecável, maquiagem forte, os lábios vermelhos, usava uma calça de couro preta justíssima, uma blusa que mais mostrava do que escondia e botas de salto, seu cabelo cor de fogo estava solto todo liso, linda e escandalosa como sempre.

— Oi amor, eu estava com saudades! Abraçou-me e me beijou, retribuí sem vontade e quando se soltou de mim limpei minha boca com a mão, na certa tinha me borrado todo a julgar pela sua própria boca.

— Vou tomar um banho e já volto!

A água quente caindo nas minhas costas serviu para amortecer meus sentidos e sem querer fui levado a um estado de consciência onde eu não queria estar, Vitória estava lá viva, sua boca carnuda, seu jeito doce e gentil, era afrodisíaco.

Desliguei o chuveiro e saí, me enxuguei e deixei a toalha enrolada na cintura, Bárbara estava na minha cama já quase nua, como uma puta

obediente esperando seu macho.

Fui pra cima dela tentando esquecer a garota que estava me tirando do sério e quando a beijei novamente senti o gosto de cigarro na sua boca o que acabou me enojando um pouco, fiquei ainda mais puto quando o desejo e o tesão simplesmente desapareceram me deixando frustrado, pois a ruiva e eu nos entendíamos muito bem na cama, o sexo sempre foi ótimo.

Inferno!

Incapaz de admitir a mim mesmo que aquilo estava acontecendo, me forcei a encarar a mulher na minha frente, tirei o resto de roupa que havia em seu corpo e trepei com ela como um animal enlouquecido, a desgraçada era tão escandalosa que seus gritos podiam ser ouvidos pelo prédio inteiro, discricção estava fora do seu vocabulário.

Depois que terminamos eu ainda estava insatisfeito, me levantei e fui até meu bar pegar uma dose de whisky e abri a sacada sentindo o vento gélido da noite bater no meu peito, acendi um cigarro e me debrucei no parapeito, logo senti as mãos de Bárbara me abraçando por trás, suas unhas compridas e bem feitas me arranhando e acariciando devagar.

— Volta pra cama meu amor!

— Veste sua roupa e vai embora, não te quero aqui.

— O que anda acontecendo Kevin? — falou alto — faz dias que anda me evitando.

— Bárbara, você sabe muito bem que não te devo explicações e que não temos nada sério, então só vai embora. — falei com o pouco controle que existia em mim, tomei um gole do líquido âmbar e traguei o cigarro soltando a fumaça.

— Eu não sou um objeto, que você usa e joga fora! — gritou e veio pra cima de mim enlouquecida me dando tapas me fazendo perder a paciência que ainda me restava.

Segurei firme em seus pulsos e a olhei puto da vida com essa atitude infantil de sua parte.

— Você tem sorte de eu ser homem suficiente pra não acabar com você aqui e agora, nós não temos nada, a única relação que temos é essa, a gente transa e você vai embora, já avisei isso dá última vez quando pedi a chave de volta, então por favor não teste a minha paciência.

Assustada ela saiu de perto de mim, se vestiu e antes de bater a porta gritou.

— Você ainda vai precisar de mim!

Senti-me aliviado, Bárbara poderia ser um problema, queria uma coisa que nunca prometi e também não podia dar.

Quando terminei o cigarro me sentei no sofá e peguei novamente a ficha de Ruschel que gentilmente Charles juntou e colocou em cima da mesinha de centro e repassei lendo folha por folha, até que uma foto recente de Vitória com suas informações prendeu minha atenção.

"Vitória Montenegro Hale, 28 anos..."

Eu já sabia de tudo o que estava escrito ali, mas me vi admirando sua foto, isso tinha que acabar logo antes que eu faça alguma besteira.

CAPÍTULO 16

Vitória

Era muito difícil lidar com um sentimento que nunca senti antes na vida e que toma proporções que não sabemos explicar, minha cabeça andava no mundo da lua, meu corpo pedia pelo toque de um homem que me fazia sentir uma gama de sentimentos de uma vez só, era como se eu fosse transportada no desejo a raiva em milésimos de segundo.

Meu corpo cedeu tão rápido ao seu toque que as lembranças vinham com tanta intensidade que eu me sentia envergonhada e sedenta por mais, seu beijo quente, sua pegada calorosa e agressiva, era imprevisível saber quando ia vê-lo novamente, já que era sempre ele quem aparecia sem convite, nossos encontros foram inesperados e imprevisíveis, era como uma força inconfundível que nos puxava um para o outro, eu não ia mais negar, eu queria viver aquilo, eu ansiava e o desejava.

Não levei em consideração à hora, somente quando houve a necessidade de me esticar um pouco e um bocejo que fez lacrimejar meus olhos, olhei no relógio e já se passavam das duas horas da madrugada, levantei um pouco daquele banco e tirei o jaleco, olhei para trás e fitei o balcão e foi impossível não lembrar o que aconteceu mais cedo, guardei o material em que eu estava trabalhando, apaguei a luz e tranquei a porta na intenção de pegar minhas coisas e ir para casa, mas uma mão segurando meu braço com força acabou me fazendo revirar os olhos.

— O que você quer Rafael?

— Quero conversar!

— É sobre trabalho? Algum paciente? — tentei ao máximo ser firme sem demonstrar nervosismo.

— Não!

— Então não temos nada para falar um com o outro! Me solta!

— É aquele cara não é?

— Do que você tá falando?

Realmente fiquei surpresa com esse súbito ataque de ciúmes, e o interesse repentino de me cobrar explicações, prometi para mim mesma que ele nunca saberia que o vi se esfregando com outra garota, mas aquilo estava entalado na garganta.

— Do Collins! — fechei os olhos e respirei bem fundo, mantive a calma, pois estávamos no hospital e uma platéia para esse show não era nada bem vinda.

— Olha Rafael, eu vou ser bem curta e direta! — olhei bem dentro dos seus olhos para que não restasse dúvida das palavras que saiam da minha boca — Eu estava sim com senhor Collins porque o meu namorado me deixou sozinha na festa do hospital para ficar pelos cantos do salão de festas se esfregando com outra mulher, ele estava indo embora e me deu uma carona. Agora se isso for demais para você, me desculpe, pois eu não posso fazer nada e sinceramente pensei que você mais do que isso, mas eu estava enganada!

Quando acabei ele me olhava de olhos arregalados, parecia que estava preparando um discurso para tentar se explicar.

— Vitória, eu não fiquei com ninguém naquela noite, da onde você tirou isso?

— Então sua língua entrou na boca daquela moça involuntariamente? Poupe-me Rafael.

— Vitória, por favor.

— Vamos fazer o seguinte, vai cuidar da sua vida e me deixa em paz, eu não te devo explicações e muito menos quero ouvir as suas.

Sai dali pisando duro, um alívio tomava conta do meu peito, pois guardar aquilo só para mim seria apenas mais um segredo idiota na tentativa de me preservar, a única pessoa que de fato precisaria saber já sabia, então eu estava aliviada.

Saio dali direto me trocar e pegar minhas coisas, eu queria minha cama, estava cansada o dia foi cansativo e cheio de emoções. Depois de entrar no carro e dar partida a lembrança de estar exposta nos braços de Kevin me veio e só conseguia suspirar feito uma boba.

Será que isso era o certo a se fazer? Ou eu estava enganada e ele seria apenas mais um?

São questões difíceis de responder, eu sabia falar por mim, mas por ele era extremamente impossível e a incerteza me dominava, a palavra certa para tudo isso era, insegurança.

A freada brusca me tirou dos meus devaneios, ultrapassei o sinal vermelho e quase me acidentei.

— Presta mais atenção moça — o cara do outro carro gritou.

Por sorte a essa hora da madrugada o movimento nas ruas era mínimo, mas meu coração batia freneticamente assustado por ter sido submetido a um acidente recente e agora por um descuido.

Murmurei um pedido de desculpas e voltei a colocar o carro em movimento e até encostar o carro na garagem de casa fiquei de olhos bem abertos, podendo então soltar o ar preso em meus pulmões, eu precisava ser mais cuidadosa ou ia acabar me matando.

Não demorou muito para que eu pegasse no nosso o cansaço do dia acumulado à tensão e os acontecimentos daquele dia cheio me fizeram apagar em poucos segundos e no torpor da inconsciência Kevin me visitou, seus olhos impressionantes estavam ainda mais verdes, mas não brilhavam de tesão, era outra coisa que eu não sabia distinguir, Beatriz também estava lá, seu rosto coberto pelas lágrimas e a maquiagem borrada, gritava para que tivesse cuidado, como se uma onda gigantesca tivesse se levantando e quando

quebrasse iria varrer tudo que estava no seu caminho.

Quando acordei as lembranças daquele sonho eram apenas pequenos fragmentos da minha inconsciência cansada, levantei olhei no relógio e já era quase hora do almoço, amarrei o cabelo em um rabo de cavalo mal feito e desci, Joana já preparava a comida e aquele cheiro maravilhoso fez meu estômago roncar.

— Bom dia Joana! O cheiro está me matando — sorri.

— Bom dia menina Vitória, estou fazendo seu prato favorito, Strogonoff de frango — minha boca salivou.

— Hum que delícia, nem vou tomar café então, vou esperar.

Peguei um pêssego na fruteira e dei a primeira mordida já voltando para meu quarto, quando olhei meu celular tinha uma mensagem de um número desconhecido.

"Bom dia doutora"

Não sabia se respondia ou não, não tinha idéia de quem pudesse ser, mas resolvi arriscar.

"Bom dia"

A resposta não demorou muito a chegar!

"Sabe quem é?"

Fiquei ali olhando para a tela do celular sem saber o que responder, escrevi duas vezes e apaguei, até resolver ser bem sucinta.

"Não!"

"Esse é um segredo só nosso!"

Certa euforia tomou conta de mim, era Kevin, não podia ser outra pessoa, ele disse essas mesmas palavras ontem, tentei não transparecer ansiedade e

agradecia por estarmos conversando por mensagens.

"A que devo a honra Sr. Collins?"

"Um pouco menos de formalidade por favor, não sou um senhor e a essa altura já não precisamos nos tratar assim, não acha?"

"Tem razão! Me desculpe"

"O que está fazendo?"

"Nada! Hoje estou de folga!"

"Que maravilha!"

Coloquei o celular no criado mudo ao lado da minha cama quando ouvi Joana chamar para o almoço, quando desci me deparei com meu pai sentado à mesa, realmente uma surpresa e tanto.

— Papai, que bom te ver em casa — lhe dei um beijo e me sentei ao seu lado.

— Queria conversar com você Vitória — meu estômago se retorceu com a incerteza e o medo de ter sido pega.

— Diga!

— Vamos comer primeiro, é sobre trabalho.

A palavra, trabalho, me deixou ainda mais apreensiva, mas tentei ser imparcial, Isaac Hale era observador a ponto de sentir seu desconforto e questionar.

Após a refeição que estava maravilhosa eu e meu pai nos dirigimos até a sala, me sentei em cima das pernas na poltrona e abracei uma almofada, já esperando uma bronca.

— Vitória, primeiro eu peço que me desculpe em ter tomado uma decisão por você, sem ter te consultado, mas quero que saiba que fiz pensando em sua

carreira. — Apenas disse que sim com a cabeça e cruzei os braços ouvindo atentamente — recebi uma ligação hoje de um hospital grande na Rússia, o diretor do hospital leu seu artigo sobre a sua pesquisa, eles querem que você dê uma palestra daqui duas semanas e eu aceitei por você, pois é disso que você precisa minha filha. Reconhecimento.

— Papai, eu nem sei o que dizer — eu estava eufórica — Só me de todas as informações que eu cuido de tudo.

— Não precisa filha, já acertei tudo, a viagem, hotel, e até seus plantões, fique tranquila, só quero que se prepare e de seu melhor.

Me levantei e o abracei forte, meu pai era tudo na minha vida, tentava suprir a falta da nossa mãe, não tinha como dizer não ou ficar chateada por ter tomado uma decisão dessas sem me consultar, ele fazia o que podia e tinha certeza que faria mais do que estivesse ao seu alcance.

— Obrigada papai, não vou te decepcionar!

— Eu sei que não filha!

Fui para meu quarto, e passei a tarde estudando, era uma oportunidade e tanto para uma médica que estava apenas iniciando sua carreira, então eu precisava me preparar ao máximo.

Depois de algumas horas o cansaço bateu, deixei meu notebook do lado e acabei pegando no sono, quando acordei já era tarde e o sol já se escondia no horizonte, me levantei e fui tomar um banho quente e demorado, lavei cabelo e fiquei mais tempo do que o necessário de baixo da água quente, quando sai vesti um pijama soltinho de short e camiseta, voltei minha atenção para salvar meus arquivos no computador, meu celular vibrou na mesinha e me lembrei das mensagens de Collins.

"Está em casa?"

"Sim"

"Abra a porta da sua varanda"

Aquilo me deixou curiosa, abri a porta e olhei lá fora, a rua estava calma, as árvores dançavam conforme o vento gélido da noite que soprava calmo, o frio me arrepiou, voltei até armário e peguei um moletom, quando vesti e me virei à figura do homem na minha varanda me assustou, mas quando o reconheci meu coração saltou, ele me olhou e colocou o indicador na boca me falando para fazer silêncio, e entrou, foi até a porta e a trancou.

— O que faz aqui? — falei baixinho.

— Eu precisava ver você! — disse bem próximo de mim.

Juntou-me pela cintura se colando ao meu corpo, e me beijou, sua língua invadiu minha boca sem pedir permissão e retribui ainda mais ávida.

Kevin estava derrubando minhas barreiras e essa loucura de invadir meu quarto durante a noite me deixou em êxtase, pois nunca ninguém ultrapassou tantas barreiras.

CAPÍTULO 17

Kevin

A ansiedade estava me consumindo e eu não aguentava mais, precisava vê-la e parecia que ao conversar com ela mais cedo foi pior do que se eu estivesse apenas deixado à garota de lado, em uma tentativa inconsequente de tentar esquecer tudo e seguir em frente com o plano.

Sentia-me arruinado por ter deixado uma brecha para que ela penetrasse em meus pensamentos, eu era um fodido filho da puta que teria que esconder isso a todo custo de todos.

E principalmente de Vitória!

Passei a mão no cabelo e segurei firme até forçar raiz a ponto de ficar dolorido, mordi a boca tentando conter as palpitações que eu sentia, andava de um lado a outro pensando no que fazer, até que não teve mais jeito, peguei as chaves da minha moto e sai, o destino daquela pequena viagem era incerto.

A adrenalina que meu corpo liberava e o vento na cara me dava certa sensação de alívio, mas a lembrança daqueles olhos azuis me incomodava tanto a ponto de perder os sentidos só ao imaginar Vitória com as pernas enroscadas na minha cintura, quando me dei conta já estava na frente da sua casa, olhando a luz do seu quarto acesa.

Peguei o celular no bolso da calça já decidido, era a última vez que iria deixar esse tesão que sentia por essa mulher me dominar. Digitei a mensagem de texto com tanta pressa que foi necessário reescrever aquelas palavras algumas vezes.

"Está em casa?"

Perguntei sem rodeios e a resposta chegou em seguida.

"Sim"

"Abra a porta da sua varanda"

Não demorou até sua silhueta aparecer na escuridão, ela abriu a porta, cruzou os braços e saiu, era à deixa que eu precisava para poder entrar naquele quarto sem ser visto.

Escalei aquele lugar com uma habilidade que desconhecia e quando coloquei meus pés ali, ela estava de costas, procurava algo em seu guarda roupa, usava um pijama branco curto de short e uma blusinha de alças sexy pra caralho, que fez meu pau pulsar dentro da calça, quando se virou e me viu parado ali lhe admirando se assustou levando a mão no peito, fiz sinal para que fizesse silêncio e cuidadosamente caminhei até a porta do quarto e a tranquei.

— O que faz aqui? — Cheguei bem perto e pude sentir seu cheiro doce de banho recém-tomado.

— Eu precisava ver você!

Não esperei mais e fiz o que tive vontade, a peguei pela cintura colando seu corpo pequeno no meu e a beijei sem pedir permissão, sua boca me deu passagem, não fui cuidadoso e ela parecia gostar de toda aquela agressividade porque retribuía na mesma proporção.

Enquanto estávamos ali trocando carícias, tirei aquele moletom que ela tinha acabado de vestir e o joguei de lado, entre respirações ofegantes e passos curtos esbarramos em seu criado mudo e o som agudo de algo se quebrando despertou nossa atenção.

O abajur cor de mostarda se fez em mil pedaços, Vitória me olhou de olhos arregalados e levou a mão na boca contendo o riso e aquilo acabou me cativando, logo alguém forçou a porta chamando por ela.

— Vitória? Está tudo bem aí? Que barulho foi esse?

Puta que pariu quantas perguntas em apenas uma frase! Isso me deixou um pouco mais alerta sabendo que seria impossível ficarmos ali.

Ela me olhou assustada como se me perguntasse o que iríamos fazer, quase fomos pegos de novo.

— Diga que está tudo bem e que só derrubou o abajur, nada mais que a mais pura verdade — falei em seu ouvido aproveitando para morder o lóbulo da sua orelha, senti sua pele se arrepiar por conta das minhas provocações enquanto descia minhas mãos pelo seu braço.

— Está tudo bem Joana, não se preocupe foi só um pequeno acidente.

Vitória me abraçou ficando na ponta dos pés, acariciei suas costas indo dos seus ombros até sua lombar somente com o tecido fino do seu pijama impedindo o contato direto com sua pele.

— Meu pai está em casa, não podemos ficar aqui, aliás, você não pode ficar aqui.

— Vamos sair então e não se atreva lá a tirar esse pijaminha, só vista algo quente por cima e rápido, te espero lá fora.

Segurei seu rosto entre minhas mãos e lhe dei mais um beijo, estava explodindo de tanto tesão, sai dali depressa e com cuidado para que ninguém me visse saindo às escondidas pela janela de seu quarto, se ela viria comigo eu não sei, mas eu ia pagar pra ver.

Meus neurônios pareciam que disparavam mais rápido do que meu cérebro recebia a informação, enquanto eu esperava Vitória só conseguia pensar se ela realmente viria, eu estava sendo complacente pela primeira vez na vida. Mas que porra que é essa? A desordem e insatisfação me tomavam em proporções gigantescas.

Alguns minutos depois ela apareceu vestindo uma calça preta justa e o mesmo moletom com a touca na cabeça e tênis, saiu de fininho pela porta da frente, olhou para os lados como se estivesse me procurando e dei com a mão para que me visse escondido embaixo de uma árvore.

— Aonde vamos?

— Sinceramente eu não sei.

Era uma ótima pergunta, não podia levá-la ao meu apartamento e também não podíamos ficar aqui, agi naturalmente e peguei um capacete e coloquei em sua cabeça afivelando-o em seu pescoço, montei na moto e ela subiu na minha garupa agarrando forte minha cintura.

— Pronta? — Olhei para trás e ela acenou com a cabeça sorrindo.

Dei a partida e sai dali sem rumo, tudo tinha que ser escondido, Klein não poderia nem suspeitar disso tudo, ele sabia que meus ânimos estavam exaltados e desconfiar do motivo estava fora de questão, mesmo nossa amizade sendo grande a sua devoção a Lúcio Collins era maior e se isso chegasse aos ouvidos do velho realmente eu teria sérios problemas.

Sem perceber peguei a mesma estrada em que sofremos aquele acidente, Vitória percebeu e senti que enrijeceu o corpo atrás de mim, não sabia dizer o que se passava pela cabeça dela naquele momento, mas confesso que gostei disso e tomei o rumo do salão de festas onde aconteceu a festa do hospital.

Quando chegamos parei a moto o mais distante possível da entrada.

— O que a gente tá fazendo aqui Kevin? — mencionou de olhos arregalados.

— Não tem ninguém, vamos? — Ela me olhou apreensiva peguei em sua mão a guiando pelo caminho — Vamos pelos fundos.

— Como você sabe que não tem ninguém aqui?

Dei de ombros e sinceramente não me importei com mais nada naquele momento. Fiz todo o possível para que Vitória não notasse que eu tinha arrombado a porta dos fundos, era crime o que estávamos fazendo, invasão de propriedade privada, ter a situação fora de controle não iria ser nada bom.

Senti a tensão tomar conta de seu corpo quando entramos, sua mão estava gelada e notei o tremor percorrer seu corpo, não sei se de medo ou frio pela viagem.

— Só tem o guarda e ele não vai nos ver aqui dentro se não fizermos barulho.

Seguimos até um canto do salão onde ficava disposta uma decoração com um divã vermelho, vasos de flores que ornamentavam o local com orquídeas brancas manchadas de vermelho, me sentei na ponta e puxei Vitória para meus braços, ela se sentou de frente em meu colo, como uma perna de cada lado, passou a mão na minha barba e se aproximou inalando meu cheiro, até segurar meu rosto e colar nossos lábios.

Ali na penumbra, só nós dois percebi que não existia controle, e que isso estava acima de qualquer razão que ambos tivéssemos, a palavra "controle" tinha se extinguido do meu vocabulário e um verdadeiro caos se instalava dentro de mim.

Vitória se afastou centímetros do meu rosto e me olhou tão profundamente que parecia estar vendo minha alma perturbada e sorriu tão linda que fiquei sem fala.

— O que está acontecendo entre a gente? Tudo isso é uma loucura sem tamanho, mas a única coisa que eu consigo pensar é no quanto parece tão certo.

Suas palavras atingiram-me em cheio e foi como um gatilho para completar toda aquela desordem soltou seu cabelo que estava preso em um rabo frouxo e senti seus fios sedosos entre meus dedos, segurei firme sua nuca com uma mão e a outra apertei sua bunda redonda e durinha, ataquei sua boca com avidez, despejando todo aquele apetite feroz que me consumiu durante todo o dia, a apertei contra mim para que sentisse a rigidez do meu membro dentro da calça que pulsava pedindo libertação.

Ela escorregou a mão pelo meu pescoço e tirou minha jaqueta de couro a deixando de lado, aproveitando a deixa tirei seu moletom e constatei que ela realmente ouviu meu pedido e ficou com aquele pijama que me tirou do sério, apertei seus seios entre minhas mãos, pincei um de seus mamilos e mordi o outro levemente por cima do tecido, ela arfou jogando a cabeça para trás, uma cena tão erótica que me levou ao total descontrole.

CAPÍTULO 18

Kevin

Ela desabotoou botão por botão da minha camisa preta, deslizou as mãos no meu peito e por todo meu abdômen até chegar ao cócs da minha calça, me olhava de um jeito voraz, como se deixasse toda àquela sua sensibilidade e doçura de lado, sua fragilidade foi consumida pelo desejo, era impressionante o poder de sensualidade que essa mulher tinha, nunca fiquei tão enfeitiçado.

Ataquei sua boca com lascívia, a apertei contra mim e quando sentiu minha ereção pulsando dentro da calça começou a rebolar em cima de mim deixando-me ainda mais louco, nossas línguas eram febris, ansiosas, minha vontade era fazer de tudo com ela, mais e mais, sem parar, meter, beijar, cheirar, lamber sua boceta pequenininha e rosada sugando tudo que ela tinha a me oferecer, cada vez doido por mais.

Olhei em seus olhos e suas pupilas estavam dilatadas deixando o azul de sua íris escuro, estava tão entorpecida quanto eu, me sentia sob o efeito de alguma substância tóxica que me deixava em estado de euforia, era viciante.

Tirei sua blusa fina e contemplei seu corpo esguio com os olhos e com as mãos, não deixei de tocar cada centímetro de sua pele exposta, eu não queria perder um segundo sequer do seu deleite, quando segurei seus seios com as duas mãos e cheguei mais próximo para inalar seu cheiro ela arfou e soltou um gemido contido, sua pele ardia de desejo e se arrepiou de baixo do meu toque quando abocanhei um de seus mamilos com volúpia.

Dei toda atenção que ela merecia ali, passei as mãos de baixo de sua bunda e me levantei com ela no colo e a deitei naquele divã, enrosquei o dedo na sua calça e a tirei.

Puta que pariu!

Ela estava com a parte de baixo do pijama também, um shortinho de um tecido mole e revelador, sexy pra caralho, seu cabelo castanho claro espalhado pelo tecido vermelho do móvel, não era perda de tempo

contemplar Vitória, sua beleza era única, exótica, terminei de tirar aquele short e para minha surpresa ela estava sem calcinha, acabando de foder de vez com meu juízo.

Vitória se sentou me puxando para perto colocou as mãos na minha cintura e lambeu meu abdômen me fazendo arfar, enquanto passava sua língua abria o botão da calça jeans e depois baixou o zíper e em um único movimento as baixou, chegou bem perto do meu púbis e inalou meu cheiro depositando ali um beijo casto e demorado, contornou o volume dentro da cueca boxer branca levemente com os dedos e passou a língua nos lábios mordendo o canto a boca.

Pura luxúria!

— Vai me deixar doido desse jeito!

A deitei de bruços e montei nela, uma perna de cada lado tirei seu cabelo revolto do caminho e mordi de leve entre seu pescoço e ombros, senti se contorcer e sua pele arrepiar debaixo do meu toque.

— Ah! — arfou.

Desci passando a língua e dando leves mordiscadas por toda suas costas até chegar a curva de sua bunda redonda, ali tive vontade de lhe dar um tapa deixando a marca dos meus dedos, mas me contive, segurei cada banda com a mão e apertei com força e ela se retorceu.

— Eu preciso estar dentro de você Vitória!

— Por favor! — falou em um gemido quase suplicante.

Deslizei os dedos até sua entrada quente e molhada, estava mais do que pronta para me receber, a virei de frente para mim e vi sua carne rosada e exposta, passei os dedos de leve e com o polegar estimei seu clitóris inchado e pulsante, enfiei um dedo e depois o outro, minha boca salivava para sentir seu gosto de novo e enfiei a língua sugando o néctar que ela produzia, lambi, chupei, matando minha fome do seu corpo.

- Por favor, Kevin!

Procurei pela minha calça e tirei um preservativo da carteira e envolvi meu membro. Posicionei-me entre duas pernas e em um movimento preciso me afundei nela, o grunhido que saiu da minha garganta foi gutural, sua boceta tão quente e apertada me engoliu por inteiro, ela apertou meus ombros e deslizou as unhas pelas minhas costas.

O ritmo das investidas foi tão prazeroso que nossas respirações estavam tão ofegantes que o ar poderia faltar facilmente, beijei a garota até seus lábios inchados ficarem vermelhos, sua boca entreaberta contendo os gemidos que saiam de sua garganta, o barulho dos nossos corpos se chocando, encostei minha testa na sua e senti sua boceta contrair cada vez mais, massageei seu clitóris até sentir que seu fim estava próximo aumentando o ritmo das investidas.

Seu gozo explodiu e foi meu fim, meu pau começou a pulsar tão forte que me derramei dentro dela varrendo qualquer resquício de sanidade que me restava, me debrucei sobre seu corpo e senti as batidas frenéticas do meu coração, Vitória me abraçou e senti que aquilo ia além da atração física que sentíamos um pelo outro.

Porra!

Ficamos um tempo assim, suados, arfantes, ainda alterados pela sensação feroz do prazer que sentimos, intenso, como nenhuma outra transa que tive em todos os meus 34 anos de vida, mas aquele fantasma do passado me encontrou perdido no meio desse labirinto e aquele desejo de vingança ficou em cima do muro sem saber para que lado correr.

Insanamente eu desejava mais e mais, porém a realidade era outra, mas eu pensaria nisso depois. Rolei para o lado e a puxei para meus braços, sua pele febril começava a perder o calor e o frio se instalava, peguei minha naquela e a cobri, Vitória se aninhou no meu peito e respirou fundo, acariciava meu peito desenhando uma de minhas tatuagens com os dedos.

— Por que me trouxe aqui? — esse foi um bom questionamento, pois nem seu sabia a resposta.

— Só agi pelo instinto, poderia ter te levado para um lugar melhor e mais confortável, mas quando notei já estava a caminho desse lugar.

— Eu gostei! — beijei o topo da sua cabeça e inalei o cheiro do seu cabelo.

— Parece que a doutora gosta do perigo! — não contive o agrado que suas palavras me trouxeram, ela deu de ombros e sorriu.

— Quando vamos nos ver de novo?

Foi uma pergunta simples e aquilo me deixou na beira do abismo.

— Eu não sei! — Vitória se levantou e me encarou.

— Eu vou para a Rússia dentro de alguns dias, quero me despedir de você antes de ir.

Eu não assimilei de imediato o que ela havia me dito, mas sabia que ter Vitória longe de mim por um tempo seria bom e conseguiria reordenar as coisas que eu mesmo tinha virado de cabeça para baixo. Tentei ignorar isso e me levantei.

— Vamos, já abusamos da sorte aqui — dei a mão para que levantasse e quando ficou de pé a abracei e beijei ansioso e querendo mais de seu corpo, mas me contive, lhe entreguei suas roupas e vesti as minhas.

Na hora de sair tomei cuidado para que o guarda que havia acabado de passar não nos visse e quando já estávamos fora do salão saímos correndo como dois adolescentes idiotas.

Enquanto fazíamos o trajeto de volta para casa me caiu à ficha, Vitória me disse que ia para a Rússia e não foi difícil ligar os pontos.

Mas por que na Rússia? Quando chegamos em sua casa não contive a curiosidade.

— Vitória? — ela me olhou interrogativa, estava ainda mais bonita com

aquele cabelo bagunçado dentro da touca do moletom — O que vai fazer lá?

— Fui chamada para uma conferência médica para falar da minha pesquisa.

— Interessante! Quando volta?

— Eu não sei direito! Mas dentro de alguns dias.

Era certo de que esse tipo de trabalho tomava grandes proporções e se ela tivesse sucesso iria muito longe. Mas por que na Rússia?

Era uma pergunta que eu ficava me fazendo e não encontrava uma resposta coerente.

Beatriz dançou naquele país por algum tempo, mas isso não era motivo, pois até então eu não havia mandado os e-mails, e agora Vitória ter sido chamada para uma conferência médica, e consequentemente Andrei tinha embarcado para o mesmo país dias atrás, alguma coisa não batia nessa história toda, era muita coincidência e ver que Andrei estava um passo a frente não foi nada agradável.

— Preciso ir. Boa noite Vitória!

Minhas palavras soaram até grosseiras, sai dali com pressa, nem olhei em seu rosto para me despedir, me sentia vulnerável, mas ficaria de olho na garota.

Evitei aparecer naquele hospital durante dias, e também não entrei em contato com Vitória, recebi uma ou duas mensagens dela e ignorei, mas sentia a necessidade crescendo dentro de mim, até que ela não me mandou mais nada e foi melhor assim.

Uma coisa que Andrei aprendeu muito bem com o passar dos anos foi não confiar em ninguém, muito menos naqueles que estavam a sua volta, por mais que Lúcio Collins tivesse alguns homens da equipe de Ruschel na sua folha de pagamento não foi suficiente para saber os passos do homem com antecedência para que pudéssemos estar preparados para o que viria.

E confesso que eu não sabia o que esperar disso tudo, mas tinha absoluta certeza que essa conferência médica não era por acaso e sim totalmente planejada para tirar a garota do meu alcance.

CAPÍTULO 19

Vitória

Estacionei o carro na vaga de sempre, ainda tentando me livrar da ardência em meus olhos por conta da noite mal dormida, estar com Kevin era sempre uma surpresa, eu nunca sabia o que esperar dele, a transa foi tão boa que me encheu de expectativas, e esse foi meu maior erro.

Dias ansiosa por uma simples mensagem de texto ou uma ligação, me deixou no vácuo quando tentei contato e isso me bastou para não tentar mais, se era assim que ele queria, assim iria ser.

Jamais deixei que homem nenhum me tirasse do eixo e Kevin fez isso e eu nem percebi, deixei que ele me tomasse no meu local de trabalho e pior ainda invadimos uma propriedade privada e transamos igual a dois adolescentes em clima de descoberta.

Se tudo o que aconteceu mexeu comigo?

Com toda certeza!

Um envolvimento nessas proporções nunca aconteceu, me deixei levar pelo desejo e pela atração maluca que eu sentia por aquele homem, ele era diferente, me tirava do sério, mas tinha duas fases como um perfeito bipolar, uma hora era um cara egocêntrico e irritante e outra um conquistador completo que me fazia deixar de lado todas as regras que estabeleci a mim mesma.

Às vezes era mais fácil se afastar e virar uma simples lembrança do que insistir e virar um incômodo, de certa forma fingir que estava tudo bem foi fácil, mas por dentro sentia aquela sensação de abandono e assim seria melhor, era só o começo e quanto antes cortar o mal pela raiz, mais rápida seria a recuperação.

O problema é quando nos envolvemos demais aquela linha fina que

separa a realidade do desejo parece desaparecer aos nossos olhos nos fazendo perder o caminho certo e o atalho nem sempre é o caminho mais fácil. Me envolver com Kevin nunca esteve nos meus planos, tudo aconteceu tão rápido e quando me dei conta já estava totalmente entregue, minhas barreiras foram derrubadas e estava na hora de eu me restabelecer.

Eu não ia o deixar aparecer de surpresa e me carregar pra qualquer lugar que tivesse vontade, não mais.

Foco Vitória

Foco!

Meus pacientes precisavam de mim e salvar vidas era o trabalho mais gratificante do mundo, não importa o tamanho do seu sacrifício, ver a realização de uma cura completa de tumor depois de um exaustivo tratamento, era sempre extremamente satisfatório.

Depois de guardar minhas coisas no armário e vestir o uniforme do hospital, me encaro no espelho juntado meus cabelos em um rabo de cabelo bem preso, respiro fundo, precisava adiantar muitas questões aqui no *Medstar* e passar todos os meus pacientes para o oncologista que iria me substituir enquanto eu estivesse fora, embarcaria em algumas horas e tudo precisaria estar em perfeita ordem.

Meu último paciente era Jorge, a cada dia que passava a afinidade que sentia com aquele senhor me deixava ainda mais próxima a ele, o envolvimento no caso além do profissional foi impossível, passar diariamente no seu leito em inúmeras ocasiões se tornou corriqueiro, nossas conversas fluíam, entrei em seu quarto e o ar alegre me invadiu.

— Bom dia seu Jorge, como passou essa noite?

— Bem menina, e você?

— Bem também, se melhorar estraga! — ele sabia que eu mentia, e notei isso quando ele apertou os olhos me observando.

— Conta pra esse velho o que te aflige? — me sentei na cadeira ao lado de sua cama e apoiei o queixo nas mãos.

— Tem um cara, que me tirou do sério, e depois tirou meu juízo, e agora sumiu!

— Vejo nos seus olhos que esta magoada, ele te fez algo?

— Não! Pior que não fez nada, nós ficamos, burlamos algumas regras, e de repente ele só foi embora.

— E você está sentindo sua falta não é mesmo? — essa foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Sim, Kevin chegou à minha vida atropelando tudo, me fez sentir raiva, foi um grosso às vezes o que me faz desejar pegá-lo pela garganta para ver se aprendia a ter bons modos, mas também derrubou algumas barreiras e eu só me deixei levar.

— Está apaixonada menina!

— Não... — as palavras ficaram engasgadas na minha garganta — É... Só... Ai, eu não sei. — abaixei a cabeça tentando desviar o foco de sua atenção do meu rosto.

— E o médico que trabalha aqui?

— Rafael é um bom profissional, mas é um idiota — Jorge não conteve o sorriso e retribui.

— Bom, já disse o que eu acho, basta só você aceitar o fato de o moço desprovido de educação ganhou esse seu coraçãozinho, por que não deixa que ele entre de vez na sua vida e se arrisque um pouco? — dei de ombros, pois simplesmente eu não sabia o que lhe responder.

— Porque quanto mais gente entra na sua vida, mais gente sai! — não medi minhas palavras e quando me dei conta tentei mudar o foco da conversa — Seu Jorge, outro médico vai cuidar do senhor, tenho uma viagem, e vou me ausentar por alguns dias.

— Fazer o que não é mesmo, uma super médica precisa voar também — sorri com suas palavras simpáticas.

— Fique bem, e quando eu voltar, vou querer saber se aqui tudo ficou como deixei.

— Não se preocupe com esse velho.

Retribui-lhe o sorriso sincero que tanto me encantava e sai, passei todos os pacientes e expliquei caso a caso para meu substituto e pedi uma atenção especial com Jorge e que qualquer mudança em seu quadro clínico eu fosse comunicada imediatamente, minha preocupação com ele ia além do limite médico e paciente, eu queria estar bem informada de toda evolução de sua doença agressiva.

Quando sai do hospital, enfiei as mãos no bolso do casaco me encolhendo ao vento frio que me atingiu em cheio, o sol já se escondia no horizonte, quando coloquei a mão no trinco da porta do carro uma mão fria tocou meu ombro fazendo meu coração quase sair pela boca, mas aquele cheiro era inconfundível, Kevin.

— Precisamos conversar Vitória — sua presença marcante sempre mexia comigo, não olhei para trás, eu não queria encarar aqueles olhos e sentir meu corpo inteiro ceder a seus encantos.

— Não temos nada para falar Kevin, vá embora.

Entrei no carro com pressa e me recusei a olhar em sua direção, dei a partida e sai correndo dali, me recusava em aceitar que ele tinha tomado de mim, tão rapidamente tudo aquilo que eu sempre neguei a entregar a qualquer pessoa, me sentia exposta e vulnerável, um turbilhão de emoções vieram à tona de uma só vez.

Sentia a lágrima quente e solitária escorrendo pelo meu rosto, enxuguei com força, liguei o rádio e a música que tocava acabou de arrasar meus pensamentos, aquela música parecia conversar comigo como se estivesse me dando uma lição.

*"Meu pai me disse para ficar longe de encrenca
Quando você encontrar seu homem, tenha certeza de que ele é pra valer.
Aprendi que nada realmente dura para sempre
Eu durmo com as cicatrizes que me acostumei que não se curarão
Elas não curarão
Pois toda vez que pareço me apaixonar
Crash! Boom! Bang!
Eu encontro o coração, mas então me choco com a parede
Crash! Boom! Bang!
Essa é a parada, esse é o jogo
e a dor continua a mesma (...)"
(Roxete- Crash! Boom! Bang^{[\[13\]](#)}!)*

— Droga Vitória! — gritei tão alto que aquilo acabou me desestabilizando ainda mais, apertei o volante com força fazendo com que os nós dos meus dedos ficassem brancos.

Cheguei em casa agradecendo por não ter causado nenhum acidente de trânsito, entrei correndo para meu quarto na tentativa de que ninguém me visse com os olhos vermelhos e inchados causados pelo choro recente, faltava pouco para embarcar e eu precisava terminar de organizar tudo.

Um tempo depois fechei a mala com a plena certeza de que estava levando tudo o que precisava, aquilo me ajudou a esquecer um pouco da confusão que Kevin Collins estava causando no meu coração, conferi a hora e eu ainda tinha algumas horas de sobra, fui para o banheiro tomar um banho e deixei a água quente levar todas aquelas incertezas que me rondavam.

Quando sai enrolada em um roupão e com uma toalha na cabeça a porta da minha varanda estava aberta, olhei para fora como se houvesse a necessidade de registrar se tudo estava bem e a mais o perfeita ordem se fazia presente.

Liguei o secador de cabelo e quando estava quase acabando olhos verdes cintilantes me encaravam através do espelho fazendo com que meu coração falhasse uma batida.

— Pelo amor de Deus Kevin, o que está fazendo aqui? — eu não conseguia acreditar que ele realmente estava ali, ou se era minha cabeça me pregando uma peça.

— Queria conversar e você fugiu de mim. — seu tom de voz era sério e seu semblante indecifrável — Não me deu outras opções — varreu meu corpo com sua íris e em defesa puxei o roupão escondendo minha pele daquele olhar felino.

— Não temos nada para conversar, por favor, vá embora — não consegui sustentar seus olhos e abaixei a cabeça.

Kevin ergueu meu rosto com a mão em meu queixo e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sabe que sou insistente e que não vou sair daqui.

— Então tá! — resolvi ir direto ao ponto — Nós transamos e fui idiota o suficiente em acreditar que poderia ser recíproco, pois você simplesmente desapareceu do mapa por dias, não respondeu minhas mensagens, não me ligou, não fez nada, e te confesso que realmente esperei por isso, mas fique sabendo que não sou uma mulher insistente a ponto de me rebaixar indo atrás de você.

Um sorriso brotou de seus lábios como se ele tivesse gostado do meu súbito ataque de raiva.

— Eu vim me despedir Vitória!

— Por que se importa?

— Eu não queria mesmo me importar com você! — segurou em meus ombros e fixou sua íris na minha, parecia que estava enxergando minha alma ou lendo meus pensamentos — Eu realmente não queria...

Me enlaçou pela cintura e colocou nossos lábios, minhas pernas pareciam gelatina, toda vez que ele estava por perto causava essa reação em mim, foi em vão tentar resistir, me entreguei ao beijo, Kevin colocou nossas testas e me

encarou, respirou fundo desviando o olhar e me abraçou inalando o cheiro no meu pescoço.

— Vai se cuidar por lá? — esse realmente foi um questionamento que eu não esperava.

— Por que a pergunta?

— Quando eu disse que vim me despedir, não estava apenas me referindo a sua viagem.

Suas palavras me desestabilizaram de vez, o que já era confuso se tornou ainda mais e ali eu tive a certeza de que nunca mais veria Kevin Collins.

CAPÍTULO 20

Vitória

Quando ouvi a última chamada para embarcar meus pensamentos estavam longe, como se houvesse a necessidade de avaliar cada decisão que tomei mesmo que involuntariamente quando se tratava de Kevin. Ele se despediu de mim daquela forma e simplesmente virou as costas e saiu, ter entrado escondido no meu quarto pela segunda vez fez com que eu desejasse que por essa noite ele estivesse comigo, mas engoli seco e aceitei o fato que toda aquela loucura nunca iria dar certo, éramos incompatíveis.

Sentei em minha poltrona e afivelei o cinto de segurança, quando a decolagem foi anunciada e a aeromoça dava suas orientações eu tentava prestar atenção, mas foi praticamente impossível, pois a única coisa que eu queria era sair dessa caixa de metal e voltar para a segurança da minha casa, não me sentia preparada para tudo aquilo e sentia que algo de ruim poderia acontecer comigo.

A essa altura foi impossível não pensar em Jorge, ele sabia das coisas, mas aceitar o fato de estar apaixonada por Collins era ainda mais difícil do que aceitar que nunca iria viver um conto de fadas. Era engraçado pensar dessa forma, porque sabia muito bem da impossibilidade de encontrar um príncipe encantado montado em um cavalo branco, mas certos pensamentos incoerentes faziam parte da vida de qualquer pessoa, basta apenas aceitar o fato que isso nunca vai acontecer, era como acreditar na ordem e no caos, e no final tudo dava no mesmo.

Olhar pela janela do avião era nostálgico, as nuvens tão perto que facilmente conseguia me imaginar esticando o braço e pegando um pedacinho como que fosse um algodão doce, o céu azul tão claro como uma perfeita tela de pintura onde Deus esculpia suas maravilhas da natureza, era lindo e eu nunca cansaria de admirar.

A viagem era longa e cansativa, afinal quase doze horas de avião até meu destino final, uma conexão em Moscou e finalmente São Petersburgo,

enquanto isso minha mente divagava entre Kevin e minha palestra sobre a pesquisa e infelizmente as duas coisas estavam interligadas, pois sem o apoio financeiro que ele deu o desenvolver do estudo clínico não teria saído do papel com tanta agilidade. Depois de algumas horas de estudo ficar entre um pensamento e outro acabou me deixando cansada mentalmente e deixei me levar pelo sono.

Acordei com a voz do comandante da aeronave anunciando para que os passageiros se preparassem para pousar, a tensão tomou conta dos meus músculos, pois o pouso sempre causava em mim uma inquietação, enquanto perdia altitude e mais próxima do chão ficava mais meu coração acelerava, ao sentir o baque dos pneus ao solo fez com que fechasse meus olhos com força fazendo uma oração silenciosa para que tudo acabasse bem, aquilo só acabou quando finalmente vi que o pouso foi bem sucedido e mais ainda quando aquela voz ecoada dos auto-falantes deu as boas vindas a Moscou.

Finalmente estava na Rússia, não ainda no meu destino, mas já me encontrava em solo estrangeiro. Só me restava aguardar para pegar o próximo voo e isso ainda levaria algum tempo, procurei uma lanchonete no aeroporto, sentei-me à mesa e analisei o cardápio avaliando qual a melhor opção, me forçando a engolir algo que não me fizesse mal, nunca ficava confortável em estar tão distante em um país que não conhecia, não sabia como minha irmã conseguia se sentir tão em casa em qualquer lugar que fosse era tão independente que às vezes eu me sentia um peixe fora da água quando estávamos juntas, sempre admirei sua força e seu espírito livre e não tinha medo de arriscar, uma lição que eu tinha que levar para a vida mas realmente não era assim.

Beatriz era mais nova e sempre foi mais desapegada a tudo, se não fosse pelos nossos documentos comprovarem a diferença de idade eu acreditaria facilmente que ela era mais velha, mas a diferença era pouca e eu não me preocupava nenhum pouco com isso, sentia falta dela, viajava tanto que mal conseguíamos conversar direito, ela sim saberia me aconselhar e me mostrar o melhor caminho, quando se tratava de homens ela era mais esperta e experiente e não se deixava levar por qualquer paixonite. Pensando bem ela e Kevin seriam um casal perfeito, e só de imaginar tal fato me torceu o estômago.

Lembrei-me de uma fala de Beatriz e aquilo me fez rir sozinha, ela dizia que se todos estivessem fadados ao final feliz os filmes e livros que encontramos por ai teriam aquela famosa frase "E viveram felizes para sempre", seria tudo mais simples, mas como a vida real batia na porta todos os dias éramos obrigados a acordar e aquele velho sonho de viver um conto de fadas tinha acabado de ser enterrado.

Pedi um sanduíche e um cappuccino gelado com creme de chantilly, quando acabei vi uma livraria por ali e resolvi dar uma volta para ver se à hora passava mais rápido, ter que esperar mais de três horas não ia ser fácil então seria bom que eu ocupasse minha cabeça. Mais tarde o tempo começou a mudar, o céu escureceu anunciando a chuva e em consequência com ela à angústia e o medo despertou em mim, por mais bobo que seja conseguia me deixar vulnerável e não bastava estar sozinha agora tinha isso para me atormentar.

Sentei-me na aérea reservada para os passageiros que iam embarcar em vôos de conexões, cruzei as pernas, mas aquele tique nervoso não me deixava em paz, aquele balanço constante era impossível de parar por mais que enviasse ao meu cérebro o comando, ele não me obedecia. Logo o vento começou a soprar forte e a água começou a cair do céu, ouvi a chuva batendo no vidro e tentei não olhar, pluguei o carregador do celular na tomada para recarregar a bateria e liguei para Beatriz, inúmeros toques e ela não atendia, um estalo e um clarão irromperam pelo céu e meu sangue congelou nas minhas veias, contei até três e respirei fundo, um exercício falho que nunca deu certo, mas meu pensamento era positivo, uma voz feminina ecoou pelos alto-falantes do aeroporto anunciando o meu desespero.

"Caros Senhores passageiros, os vôos previstos para o restante da tarde foram cancelados por causa do mal tempo, peço a compreensão de todos, Aqueles que aguardam conexões por gentileza se dirigir ao guichê nove".

Aquela notícia foi como um gatilho para a crise que sentia crescendo dentro de mim, meus ouvidos começaram a zunir, as vozes das pessoas ao meu redor começaram a ficar cada vez mais distantes, o ar já não chegava aos meus pulmões, meu peito subia e descia em ritmo descompassado, eu já estava perdida e entregue e dessa vez não lutei, não sabia como até que senti

alguém me apoiar.

— Moça, você esta bem? — não conseguia distinguir quem era apenas neguei com a cabeça — Venha vou tirar você daqui.

— Eu tenho... — tentei argumentar, mas minha voz travou com o barulho dos trovões.

— Eu já entendi, tente respirar fundo, vai ficar tudo bem!

Perdi totalmente os sentidos, senti que aquela pessoa me pegou no colo, eu apenas conseguia ver algumas imagens borradas, não conseguiria distinguir o rosto daquele homem se o visse novamente, fui colocada em uma maca, olhava ao meu redor parecia ser um ambulatório, as paredes e o teto eram brancos e as luzes eram fortes, todo aquele momento foram borrões, senti uma agulha espetar meu braço e logo meu batimento cardíaco se normalizando, minhas pálpebras pesaram, só consegui ouvir o toque do meu celular, e a mesma voz grossa dizendo "Alô" antes que eu mergulhasse na escuridão.

CAPÍTULO 21

Kevin

Me despedir de Vitória foi mais difícil do que imaginei, a última vez que reivindiquei sua boca em um beijo feroz seu gosto ficou na minha língua, sai de lá tentando parecer indiferente, porém o que mais queria era tomar seu corpo, qualquer canto que fosse seu cheiro preenchia minhas narinas, era como uma droga suave e eu estava extremamente viciado.

Minha irritação era visível até para meus próprios olhos, sai de casa direto para a boate, no caminho só conseguia pensar em como ia convencer meu pai a desistir de tudo aquilo, não tinha mais certeza se queria continuar, a essa altura tudo parecia insano, Vitória e Beatriz eram inocentes, não havia como duas crianças terem culpa de algo e trocar sangue por sangue não ia fazer diferença.

Fui tão consumido pelo ódio que nunca parei para pensar em como tudo isso poderia afetar pessoas que não tinham nada haver com os problemas da minha família, não me sentia mais tão disposto a isso, judiar de duas pessoas por causa do erro de seus pais, a vingança é um prato que se come frio, mas ter no cardápio a pele de Vitória não me agradava em nada.

Não mais!

Duas crianças, filhas do inimigo que estavam nos permitindo cobrar a dívida de um homem que havia acabado com a minha família, eu era tão pequeno e tão tolo, vi meu pai regar o ódio cego por Ruschel e minha mãe definhando até a morte em cima de uma cama, eu não podia ficar na corda bamba agora, havia apenas duas opções, ou honrava meu pai ou desistia de tudo e sumia do mapa.

— Você é um fodido idiota! — falei olhando para meu reflexo no espelho do banheiro.

A música alta e o movimento constante de pessoas entrando e saindo me

despertaram, sai dali direto para o bar, pedi uma dose de whisky e virei de uma só vez, o barman encheu meu copo com mais uma dose, Fred foi a primeira pessoa que conheci quando cheguei em Washington, fiz dessa boate meu ponto, então só de me olhar ele notava que havia algo me incomodando.

— Dia difícil? — perguntou

— Diria, um dia infernal.

— Vai com calma Kevin, não quero você bêbado fazendo estrago por aqui. — falou sério me dando um aviso.

— Na boa Fred, fique tranquilo, não quero confusão, ultimamente estou evitando isso.

Acendi um cigarro e quando dei a primeira tragada, mãos finas com as unhas pintadas de preto me abraçaram por trás e querendo sentir algo que nem eu sabia explicar agarrei Bárbara pela cintura e a beijei buscando a necessidade de me sentir excitado mas acabei ficando com ainda mais raiva de mim mesmo, meu corpo não respondia mais ao de nenhuma outra mulher.

Bárbara estava com o cabelo ruivo em uma cor mais intensa, os lábios com o batom vermelho borrado depois do beijo e me olhava com aquela cara coberta com a maquiagem sempre pesada.

— Quanto tempo meu amor! Vou te perdoar dessa vez por ter me expulsado da sua casa.

— Não te pedi perdão por nada, então não comece a fantasiar as coisas.

— Continua insensível — deu de ombros — Mas acho sua melhor qualidade.

— E você anda pintando demais o cabelo, isso deve estar afetando seu cérebro! Melhor manear um pouco no uso da química. — lancei uma piscadela e retribui com aquele olhar de quem queria me fuzilar.

Ela não aprendia mesmo, não sei como se prestava a um papel ridículo desse, me desvencilhei de seu toque peguei meu copo e sai de perto indo para

o camarote de sempre.

Lá de cima conseguia observar o movimento intenso de gente, pessoas de todo tipo, muitas mulheres lindas com o corpo esculpido, tentava buscar conforto e até mesmo me sentir atraído por alguma delas, mas nenhuma foi suficiente para despertar meu interesse, levei o copo na boca para tomar mais um gole do álcool e parei ao notar algo estranho.

Um comprimido de *ecstasy* que borbulhava discretamente dentro do líquido estava quase todo dissolvido, aquela filha da puta achou mesmo que podia me drogar, mas isso não ia ficar assim, se Bárbara estava pensando que poderia virar o jogo eu iria mostrar a ela meu lado mais obscuro.

— Desgraçada!

Como uma águia a espreita de sua caça a observei de longe, notava seu olhar em cima de mim vez ou outra como se estivesse esperando o efeito da droga me derrubar, então comecei a fingir tomar um gole e outro.

Tão ingênua!

Não demorou até ela vir em minha direção tentando me abraçar jogando aquele seu charme ridículo pra cima de mim, não precisei falar nada para que me acompanhasse até um canto escuro da boate.

Bárbara me agarrou pelo pescoço com uma fome de sexo voraz e tentou me beijar, fiquei a centímetros de sua boca me arrependendo profundamente de ter dado o que ela queria mais cedo, com uma mão segurei firme seu queixo, pressionei forte, não a ponto de machucá-la e sim para que seu coração batesse mais rápido fazendo-a sentir medo, ela tentou recuar, segurei pela sua cintura colando ela a mim afim de que ninguém percebesse minha ameaça velada.

— Me solta Kevin está me machucando assim — me aproximei de sua orelha e usei meu tom de voz mais ameaçador.

— Achou mesmo que podia me passar à perna?Hã? — meu sangue borbulhava de raiva.

— Des... Desculpa.

— Minha vontade era enfiar aquele comprimido na sua garganta e fazê-la engolir na marra, para aprender a não brincar comigo — seus olhos estavam arregalados, o espanto era nítido. — Você tem sorte, porque isso não faz meu tipo, prefiro a tortura psicológica, então Bárbara essa vai ser a última vez que quero te ver na minha frente, a única coisa que eu sinto por você é ódio e nojo, e tenho certeza que não está disposta a conhecer meu lado mais sombrio.

— Por favor, me solta — implorou.

— Eu vou soltar agora e quero que suma, entendeu bem?

— Sim.

Quando a livrete saiu praticamente correndo e sem olhar para trás, minha noite havia acabado já que nada me agradava e meu humor não estava dos melhores.

No dia seguinte acordei mais cedo do que de costume, Vitória não saía da minha cabeça e não me deixava em paz nem nos meus sonhos, minha vontade era de comprar uma passagem e ir buscá-la e trazê-la para casa, mas isso não importava mais, era o que eu repetia incansavelmente na minha cabeça. Inconscientemente eu estava nutrindo sentimentos e não aceitava o fato disso acontecer me deixando ainda mais instável.

Logo a campainha tocou, quando atendi a porta Klein me olhou curioso e sorriu.

— Que cara de bunda é essa? Toda vez que venho aqui você tá assim.

— É a única que eu tenho!

— Tá incomodado com o que? — foi direto ao ponto.

— Andrei foi Rússia.

— E daí?

— Vitória também foi.

— Cara tem algo que você não está me contando!

— Não é nada! E eu não sou obrigado a te falar tudo.

Klein ergueu as mãos em sinal de rendição, ligou a TV e começou a mudar constantemente os canais até parar no noticiário e se jogou no sofá, sai de perto sentando na minha mesa, mais uma vez a visão do dossiê com os dados de Vitória me atraiu, abri e vi sua foto, fechei com raiva o documento e o enfiei no fundo da gaveta.

— Collins vem aqui ver isso! — Klein chamou minha atenção.

No noticiário mostrava o temporal que passou por boa parte das cidades na Rússia, ruas alagadas, aeroportos fechados por causa do mau tempo, meu instinto dizia que isso não era bom sinal e como um sino batendo dentro da minha cabeça lembrei-me de Vitória e do seu medo idiota de chuva, meu peito apertou.

— Ergue o volume. — pedi.

Meus olhos estavam vidrados na notícia, tentava buscar na memória se Vitória havia me dito que faria conexão em alguma cidade, mas esse fato não havia me ocorrido até aquele momento e também não conversamos sobre nada disso, o diálogo sempre foi mínimo.

Sem pensar duas vezes saquei o celular no bolso, busquei seu número na agenda e liguei, chamou e nada, tentei de novo e uma voz rouca atendeu.

"Alô"

— Quem é?

"Thomas Hard"

— O que faz com o celular de Vitória? Onde ela está? — estava

impaciente, se esse filho da puta estivesse na minha frente provavelmente eu já teria quebrado seu nariz por estar com ela.

"Calma! Eu trouxe a moça para o ambulatório do aeroporto, no momento tomou um sedativo para aliviar a crise."

Sentia o fogo queimando dentro de mim, apertei o celular com força e o joguei na parede fazendo com que o aparelho ficasse em pedaços e perguntas começaram a me assombrar.

Quem era aquele cara? E o que estava fazendo com ela?

Onde ela realmente estava? Estava segura?

Frustração era o que eu sentia, por estar tão longe e não poder fazer nada, as lembranças daquela noite, de seus olhos assustados e cheios de lágrimas vieram na minha mente e não havia nada que eu pudesse fazer.

Toda aquela instabilidade emocional foi a mil por hora, fazendo com que a preocupação com a minha garota fizesse com eu finalmente admitisse o que vinha negando, eu estava apaixonado pela filha do inimigo e se alguém soubesse disso o risco de perder Vitória seria ainda maior, pois Lúcio Collins jamais admitiria essa falha e faria questão de tirar a garota do meu radar.

— Cara o que tá acontecendo com você? — Klein me olhava interrogativo e dessa vez fez questão de me questionar.

— Não é da sua conta! — gritei sem controle.

Então cheguei a seguinte conclusão, alguns prisioneiros não estão fechados em celas ou amarrados com correntes, o coração era a pior das armas e a pior das amarras e sinceramente eu não sabia o que fazer dali para frente.

CAPÍTULO 22

Vitória

Minha cabeça parecia que tinha o peso de um saco de areia, meus olhos ardiam e minha boca estava seca, acordei no ambulatório do aeroporto algumas horas depois da crise, tentei levantar da maca e me sentei com dificuldade.

— Não levante muito rápido querida! — Uma voz doce me alertou.

— O que houve?

— Doutor Hard te trouxe no meio de uma crise de pânico, ele mesmo te medicou.

— Qual medicamento me deu? — fui inquisitiva na minha pergunta e a enfermeira me olhou curiosa — Eu sou médica também.

— Neozine^[14]! Você estava muito agitada.

— Onde ele está, queria agradecer.

— Já foi embora, ele não atende aqui, só relatou que te achou na área de embarque e que não estava bem então te trouxe.

— Obrigada!

Mais tranquila e mais aliviada, passei as próximas horas esperando a liberação do vôo, recebi uma ligação do hospital onde iria palestrar e justifiquei meu atraso, a chuva forte causou muitos danos em boa parte do país sendo então adiado em um dia o evento.

Pela demora em liberarem os vôos para São Petersburgo o próprio aeroporto indicou o trem de alta velocidade para que eu pudesse chegar ao meu destino, o diretor do hospital que me convidou era de grande influência

no país, sendo o melhor centro de referencia cirúrgica da Rússia, a viagem foi rápida e agradável. Fiz o check in^[15] no hotel e a grande banheira de hidromassagem que havia no banheiro do meu quarto chamou minha atenção, meu corpo cansado pela longa viagem pediu por aquilo e não hesitei em obedecer.

A tarde foi proveitosa, falar sobre minha pesquisa foi fácil, não imaginava um auditório com mais de trezentas pessoas presentes, mas era o que o velho Isaac dizia, aquilo que você se dedica tanto para fazer dar certo sempre sai na ponta da língua pois é você que detém o controle de tudo. No final foram feitas muitas perguntas, diversas dúvidas foram levantadas, fui parabenizada pela equipe multiprofissional do hospital, me senti realizada e com aquela sensação de dever cumprido.

— Muito bom doutora Hale, trazê-la aqui valeu cada centavo, depois queria saber se podemos conversar.

— Claro doutor!

— Venha, quero lhe apresentar a um amigo e um grande colaborador do nosso hospital Andrei Ruschel.

— Prazer em conhecê-lo senhor Ruschel! — Ele me encarava curioso, como se tivesse buscando algo em meu rosto.

— O prazer é todo meu! — Nos cumprimentamos com um aperto de mão, onde ele demorou tempo demais para me soltar.

Desvencilhei-me de seu toque sentindo-me incomodada com a situação, senti certa estranheza como se o conhecesse de algum lugar, mas esse questionamento ficaria para depois.

— Fiquei muito curioso com todos os dados que apresentou, gostaria que pudéssemos conversar mais sobre o assunto.

— Podemos marcar uma hora senhor, ficarei alguns dias por aqui.

— Assim espero doutora, realmente quero conhecê-la melhor.

Despedi-me dele e conversei com mais algumas pessoas, acenei para outras, mas toda aquela gente em cima de mim estava me deixando nervosa, a multidão as vezes me assustava um pouco quando eu era o centro das atenções.

Dei um jeitinho de sair sem ser notada e fiquei andando pelo hospital, passei pela ala da oncologia, o que não diferenciava muito do *Medstar*, no fim do segundo corredor que entrei havia uma grande janela envidraçada, parei ali e fiquei olhando o lado de fora, via a tranquilidade da rua bem arborizada, os pedestres que andavam com as mãos nos bolsos dos casacos por conta do frio intenso, a Rússia era um país lindo, receptivo e acolhedor, mas logo minha admiração pelo cenário foi interrompida.

— Vejo que não é adepta a tanta atenção.

— Realmente, isso me incomoda um pouco. — Não dei muita atenção, mas ele insistiu na conversa — Muito interessante sua pesquisa doutora Hale — Quando finalmente me virei dei de cara com belíssimos olhos azuis. — Prazer em conhecê-la, Thomas Hard, neurologista.

Um homem cuja aparência deixaria qualquer mulher o admirando por horas, alto, ombros largos e cabelos castanhos, olhos azuis incrivelmente penetrantes em um azul cristalino, barba cerrada com uma pequena falha na bochecha do lado direito, seus dentes eram tão brancos quanto uma tela de pintura limpíssima, realmente não havia defeitos, pelo menos não em sua aparência.

Apertamos nossas mãos, fiquei sem jeito e as palavras me escaparam.

— O prazer é todo meu doutor Hard, trabalha aqui há muito tempo? — foi à primeira pergunta que me veio na cabeça.

— Trabalho em Moscou, estou aqui apenas acompanhando o caso de um paciente.

— Interessante.

Suas sobrancelhas levemente arqueadas me fizeram abrir um sorriso contido.

— Aqui está você doutora Hale, caindo nas graças de Hard, tento trazê-lo para trabalhar nesse hospital há algum tempo, mas ele nunca aceita minha proposta.

— Sempre tão direto Phillips — Hard rebateu em tom de brincadeira. — Nos vemos por ai doutra Hale?! — me olhava inquisitivo esperando uma resposta e fiquei na dúvida se aquilo foi uma pergunta ou uma afirmação, então apenas concordei com cabeça e sai com doutor Phillips.

Em seu escritório havia um cabideiro^[16] com uma grande quantidade de jalecos pendurados, um sofá branco de dois lugares com uma pequena mesinha de centro cheia de livros com algumas marcações em cima, sinal de que estava estudando algo, sua mesa era extremamente organizada, com um tampo de vidro fumê, no canto esquerdo uma estante com mais livros e do outro lado um arquivo com fechadura, atrás de sua cadeira boa parte da parede era de vidro proporcionando uma visão panorâmica do hospital.

— Vitória, tenho uma proposta a lhe fazer! — Ele suspirou e pegou um envelope na gaveta — Aqui eu tenho um contrato já redigido em seu nome, quero que venha trabalhar para mim.

Fiquei um tanto incrédula que minha primeira reação foi arregalar os olhos, eu realmente não esperava por isso.

— Eu...

— Não precisa responder agora, todos os termos estão no contrato, também estou aberto a negociações se caso não concordar com algo, quero que traga seu conhecimento e sua vivacidade doutora Hale, só temos a ganhar se vir trabalhar conosco.

— Realmente isso me pegou de surpresa, mas prometo que vou avaliar tudo minuciosamente doutor. Obrigada.

— Me procure antes de voltar para o *Medstar* e de sua resposta, ou se

precisar de qualquer coisa, estarei à disposição.

Me despedi e sai dali direto para a rua pegar um táxi para voltar para o hotel, quando cheguei abri o envelope com o contrato e as linhas escritas ali continham muitos termos, o salário era exorbitante e tentador, um laboratório equipado para dar continuidade a minha pesquisa, mais um financiamento exclusivo, porém minha dedicação deveria ser exclusiva, a proposta realmente era tentadora, seria um salto gigantesco para minha carreira profissional, mas eu não tinha certeza se estava disposta a ficar tão longe de casa e da minha família, criar raízes as vezes era bom e as minhas sempre foram muito bem regadas pelo meus pais.

Após ler cláusula por cláusula resolvi deixar aquilo de lado, meu estômago pedia por uma refeição decente e o restaurante do hotel era bem atrativo.

Depois do banho me vesti de maneira simples, nunca fui muito ligada a isso, vestia aquilo que me sentia bem, a maior parte do tempo usava jaleco e uniforme do hospital e isso já fazia parte de mim, coloquei uma calça justa preta e uma blusa de manga longa da mesma cor que abraçava todas as curvas do meu corpo e botas, me sentindo satisfeita descí pela escada, evitando a multidão que preenchia os elevadores.

Quando adentrei o restaurante a imponência do local me deixou eufórica, o lugar era lindo, a luz amarela preenchia o lugar, os lustres gigantes feitos de cristal ornamentavam o teto, as mesas bem postas e organizadas com toalhas brancas impecáveis, um ponto a mais para um hotel cinco estrelas. Escolhi uma mesa afastada, pedi um vinho branco e um típico *Pelmêni*^[17].

Enquanto aguardava meu prato ficar pronto, beberiquei o vinho devagar, dei uma conferida no meu celular, havia algumas ligações perdidas de Kevin que fiz questão de não atender e não retornar, mensagens do meu pai querendo saber como ia tudo, de Beatriz fazendo as mesmas perguntas, respondi um por um ignorando somente as daquele homem que me tirou do meu juízo, mas lá no fundo eu sentia sua falta, queria sentir seu cheiro, seu abraço, seu beijo, dei mais um gole do líquido da taça quando fui interrompida.

— Atrapalho? — Hard.

— Claro que não doutor, sente-se.

— Por favor, me chame apenas de Thomas — Assenti com a cabeça e lhei um sorriso contido — O que faz aqui sozinha?

— Estou hospedada nesse hotel, e você?

— Que coincidência.

E logo me ocorreu seu sobrenome, até então eu não havia ligado os pontos e a lembrança da enfermeira me falando sobre quem me ajudou no aeroporto na hora da crise foi nítida.

"Doutor Hard te trouxe(...)".

CAPÍTULO 23

Vitória

Eu não conseguia me recordar do seu rosto, mas ficava tentando buscar na memória o que ele havia me dito. Me perguntava o porquê ele ainda não tinha me contado sobre o ocorrido, então resolvi deixar as coisas acontecerem, ele era gentil, uma companhia agradável, me sentia bem ao seu lado, aquela sensação de segurança.

Jantamos juntos e conversamos por horas a fio, o restaurante estava prestes a fechar quando o maitre^[18] nos anuncia que deveríamos ir, Thomas pagou a conta e não me deixou ajudar, seu jeito de ser era tão agradável quando sua aparência reveladora e chamativa e isso me agradava muito, um homem como poucos.

— Quer dar uma volta e conhecer um pouco essa bela cidade?

— E porque não! — concordei de imediato — Só preciso pegar um casaco.

— Te espero no saguão.

Quando voltei Thomas me esperava na entrada do hotel, estava de costas e usava uma jaqueta de couro preta que logo me fez lembrar Kevin, meu coração se apertou mas lembrar da incompatibilidade que tínhamos me fez tentar afastar qualquer sentimento que eu nutria por ele, independente da minha situação e o do meu histórico catastrófico de homens que passaram pela minha vida eu iria seguir em frente.

— Aonde vamos?

— Só vamos andar por aí, o que acha?

— Sem rumo?

— Pode ser, a noite é uma criança. — ele abriu um belo sorriso, e esse era o tipo de coisa que nunca havia feito sair sem ter para onde ir.

Thomas me deu o braço para que eu o acompanhasse, o vento gélido bateu no meu rosto fazendo com que eu me encolhesse tentando me proteger e fazendo com que meu corpo acostumassem com choque térmico, o frio castigava.

— Sabia que São Petersburgo é uma cidade histórica?

— Não conheço muito sua história.

— É o grande centro cultural da Rússia, gosto muito daqui.

— Se gosta tanto, porque não aceitou as propostas de trabalho de Phillips.
— minha curiosidade foi aguçada, e isso seria bom para conhecer um pouco melhor o diretor do hospital.

— Me estabeleci bem em Moscou, estou avaliando outras duas propostas que recebi recentemente, Phillips é um homem ambicioso e tudo isso às vezes não me agrada, é um excelente médico, mas às vezes a ganância fala mais alto.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — Era hora de questionar sobre sua ajuda.

— Claro.

— No aeroporto em Moscou quando começou o temporal eu tive um ataque de pânico, foi você que me levou para o ambulatório?

— Sim!

— E por que não me falou?

— Não achei que fosse se lembrar. — Paramos e Hard ficou de frente para mim, me fitou com sua íris fixa na minha e segurou meus ombros, a única coisa que consegui fazer foi engolir seco. — Me desculpe por isso, quando vi você lá parecia que faltava ar nos pulmões meu instinto médico

falou mais alto, algo desencadeou a crise e você não podia ficar lá sozinha, eu te levei para o ambulatório do aeroporto e pedi que te medicassem.

— Obrigada... — eu não sabia o que responder.

— Não precisa agradecer.

Caminhamos por alguns minutos, o vento frio cortava, a cidade era linda durante a noite, suas construções imponentes e históricas que davam uma aparência mais turística a cidade, as luzes coloridas e os reflexos que davam uma ilusão de ótica ainda mais chamativa.

O passeio foi tão agradável quanto à companhia, no caminho de volta Hard me falou sobre o seu trabalho na neurologia, o cara era um gênio, uma mente brilhante associada a sua beleza descomunal fazia com que ele fosse o homem ideal, um verdadeiro príncipe encantando.

E acabei por questionar a mim mesma sobre Kevin, tudo o que tivemos foi avassalador, mas eu não sabia nada sobre ele, não sabia o que fazia da vida e muito menos da onde vinha sua fortuna, apesar de não ostentar nada, era nítido que dinheiro não era problema, mas no meu íntimo eu queria saber de tudo.

Quando adentramos no saguão do hotel notei a recepcionista nos olhando curiosa, seu olhar pairava em Thomas, quase como uma admiração discreta, sorri entendendo perfeitamente pois esse homem causava essa reação em qualquer mulher que lhe colocasse os olhos.

— Em qual quarto está hospedada?

— 303!

Ele foi até o balcão e pediu as chaves dos nossos quartos, a moça jogava seu charme, tentando ser o mais simpática possível, quase como uma insinuação controlada tentando chamar a atenção, quando ele lhe deu as costas achei engraçado quando ela me lançou um olhar inquisitivo como se eu fosse alguma ameaça na sua tentativa de conquista.

— Estou no 512, dois andares acima do seu.

Thomas nos guiou para o elevador e apertou o botão do terceiro andar, compartilhar esse espaço limitado com ele me deixou nervosa, não trocamos uma única palavra nos poucos segundos que ficamos enclausurados dentro daquela caixa de metal, quando as portas finalmente abriram sai sem olhar para trás, mas ele era cavalheiro demais para me deixar sair sem se despedir.

— Esta entregue Vitória.

— Obrigada Thomas, a noite foi muito agradável.

— Digo o mesmo.

Ele tirou a chave do meu quarto do bolso e no meu nervosismo momentâneo nem lembrei que era ele que estava com ela, a colocou no trinco o destravando, enquanto eu abri a porta Hard devolveu as mãos nos bolsos e me olhou, era palpável que algo estava acontecendo ali, e eu não sabia bem o que eu estava fazendo, mas o clima era propício e seu olhar extremamente convidativo.

— Boa noite Vitória!

Ele se aproximou e me deu um beijo no rosto demorando mais tempo do que o necessário, quando finalmente se afastou ficou perto o suficiente para que eu sentisse seu hálito quente contra minha pele, encostei no batente da porta e ele apoiou o braço esquerdo no mesmo, segurei o pedaço de madeira que estava atrás de mim com força, já esperando o que viria depois, quando ficou a um centímetro da minha boca o toque do meu celular interrompeu o momento, me desvencilhei e ele se afastou também, tentando esconder a frustração passou a língua no lábio inferior o prendendo entre os dentes e voltando a por a mão nos bolsos.

Peguei o celular na bolsa e nome de Kevin brilhava na tela, Hard não conseguiu esconder que estava curioso com a ligação olhando diretamente para o celular na minha mão.

— Atenda, esse mesmo nome te ligou no aeroporto e como insistiu muito

eu acabei atendendo sua ligação, me desculpe por isso, informei que estava sendo medicada, ele parecia preocupado, fez muitas perguntas.

— Boa noite doutor Hard. — me despedi com pressa sem acreditar no ocorrido entrei fechando a porta sem acreditar que quase me deixei levar novamente por um homem que mal conhecia.

Minha vontade era jogar o celular pela janela e vê-lo se espatifar no chão, essa insistência toda de falar comigo estava me matando e eu iria acabar cedendo não conseguindo mais ignorar Kevin.

Quando eu estava na segurança do meu quarto sem aqueles olhos azuis inquisitivos em cima de mim consegui respirar mais aliviada e retornei a ligação.

— Boa noite senhor Collins, posso ajudar em algo? — tentei ser o mais fria possível.

— Não me chame assim porra! — parecia furioso.

— O que você quer Kevin?

— Quero saber como você está?

— Estou bem! Era só isso?

— Não! Quero que volte para casa.

— E o que te faz pensar que eu voltaria correndo só porque está me pedindo?

— Por que... Olha não me faça perguntas que eu não posso te responder agora.

— Muito engraçado isso, você vai até minha casa e se despede de mim, o que me dá a entender que nunca mais eu iria ver você e agora me vem com essa, me poupe Kevin. — eu estava furiosa com esse seu jeito dominador, como se eu fosse seu objeto.

— Vitória, não é bem assim!

— Eu tenho mais o que fazer, e pensando bem eu não sei nada sobre você, e tenho compromissos aqui. BOA NOITE.

— Vitória por fa...

Enfatizei bem o boa noite e desliguei o telefone, logo ele insistiu em outra ligação que ignorei desligando o aparelho, esse homem me deixava confusa, com raiva, com vontade de socar aquele belo rosto, mas também me fazia sentir o que jamais senti por outra pessoa. Esse comportamento dele era estranho, uma bipolaridade inexplicada. Eram muitas perguntas sem respostas e se continuasse assim eu iria a fundo buscar por todas elas.

No dia seguinte quando liguei meu aparelho uma única mensagem de texto me chamou atenção.

"Bom dia doutora Hale, espero que tenha tido uma boa noite de descanso. Abraços

T.H"

Sem querer acabei bufando de frustração e me perguntando o que estava acontecendo com esses homens, enlouqueceram e querem me carregar para suas loucuras? Mas não mesmo, ignorei a mensagem falando a mim mesma que responderia mais tarde.

Seguir em frente sempre foi minha maior habilidade, ficar o mais longe possível de Kevin me faria pensar melhor, pensar mais em mim e no meu trabalho, desci para tomar café da manhã temendo por encontrar Hard, o que felizmente não aconteceu, peguei um prato com melão e mamão, uma xícara de café preto e um croissant^[19]. Enquanto tomava meu café dei mais uma olhada minuciosa no contrato de trabalho que Phillips me ofereceu, eu não sabia o que responder, precisava de tempo e também da opinião do meu pai e essa seria uma conversa que teríamos cara a cara.

Mais tarde voltei ao hospital para conhecer melhor as instalações, doutor Phillips me mostrou tudo, até onde seria meu laboratório de pesquisa se caso

assinasse o contrato, na hora do almoço fui até o refeitório do hospital e fiz uma refeição leve.

— Posso me sentar? — era o mesmo senhor que me apresentaram como um dos investidores do hospital, mas não conseguia me lembrar de seu nome.

— Claro senhor.

— Fiquei curioso, uma menina tão nova e com uma responsabilidade dessas, meus parabéns.

— Obrigada, me desculpe, mas foram tantas pessoas que se apresentaram ontem que não consigo me recordar o nome de todas.

— Que isso, me desculpe pela indelicadeza, Andrei Ruschel.

Era simpático, devia estar na casa dos cinquenta e poucos anos tinha uma aparência grandiosa, trajado em um terno bem cortado de três peças azul marinho, me tinha algo familiar nele e isso me deixou curiosa.

— Vejo que é um colaborador muito querido nesse hospital senhor.

— Sim, Phillips e eu somos amigos há algum tempo, ajudo com o que posso. — minha curiosidade foi ainda mais aguçada.

— O senhor trabalha com o que?

— Sou empresário, trabalho com exportação e você tem quantos anos?

— 28!

— Tem a idade que minha filha mais velha teria. — o olhei tentando entender sua colocação e ele entendeu meu questionamento silencioso. — Perdi minhas duas filhas em um acidente, a mais velha tinha seus olhos.

— Sinto muito pela sua perda.

— Eu também, mas e seus pais são de onde?

— Minha mãe já falecida e meu pai também é medico, dirige um hospital como esse em Washington.

— Ele deve ser um pai orgulhoso da filha que tem, tem irmãos?

— Uma irmã mais nova.

Notei que ele engoliu seco e se remexeu na cadeira, puxou um pouco o nó da gravata, seu pomo de adão subia e descia, parecia estar remoendo alguma coisa.

— Doutora Hale, foi ótimo conversar com você e esclarecedor, mais uma vez parabéns, aqui esta meu cartão, se caso precise de alguma coisa não hesite em me procurar, foi um prazer imenso conhecer você.

— Obrigada senhor Ruschel.

Levantamo-nos para nos despedir, ele apertou minha mão e me puxou para um abraço rápido, logo me deu as costas e saiu sacando o celular do bolso, foram muitas perguntas de cunho pessoal o que achei tudo muito estranho e pior ainda que não hesitei em responder nenhuma delas.

CAPÍTULO 24

Kevin

Era tão mais fácil quando Vitória era só uma garota insignificante e irritante, fazia questão de irritá-la porque adorava vê-la com o semblante fechado e a língua afiada, ficava ainda mais linda com aquele pequeno vinco entre as sobrancelhas quando estava pensativa, imediatamente me recordei dos dias em que fiquei a observando em seu laboratório e pela primeira vez tive a certeza que o dinheiro sujo foi usado para algo que realmente valesse à pena.

Eu precisava de ajuda para protegê-la, talvez até de mim mesmo, se Andrei já teve contato com ela, com toda certeza já havia colocado um de seus capangas para vigiá-la e aí minha aproximação seria praticamente impossível e ainda corria o risco de ser descoberto e toda essa sujeira vir à tona, aí sim Vitória nunca mais iria me perdoar.

Descobrir que a garota invadiu minha alma me desestabilizou, a ponto de querer rever meus conceitos, o feitiço virou conta o feiticeiro, tudo isso era um jogo perigoso e arriscado, havia muitas coisas em cheque, o voto de silêncio da organização poderia ser quebrado e minha lealdade a meu pai ser questionada e garanto que por eu ser seu filho não me isentaria de sofrer as consequências.

O comércio ilegal de armas é uma das atividades criminosas mais rentáveis do mundo, só perdendo para o narcotráfico e o tráfico humano, uma organização imensa que envolvia um número significativo de pessoas, o dinheiro vinha aos milhões, o crime organizado era por sua maioria mantida pelos clientes de caixa forte, políticos eram os que mais davam lucro, policiais corruptos e às vezes até alguns agentes do FBI estavam na nossa folha de pagamento.

Vitória não estaria segura enquanto estivesse sozinha, aquela falsa sensação de segurança não era uma coisa na qual eu era adepto, pois tudo isso era apenas um muro falso no qual algumas pessoas se apegam, minhas

passagens estavam compradas, mas a dúvida ainda me corroía.

Será que isso ia valer a pena?

Nossa última conversa não foi das melhores, deixei meu lado obsessivo falar mais alto, Vitória queria respostas que não podia dar, a única certeza que eu tinha dessa loucura toda era que estar em cima da linha tênue entre a razão e a emoção era a mesma coisa que deixar uma fatalidade sorrir satisfeita por suas escolhas, mas eu estava disposto a arriscar.

Quando eu estava pronto para sair para o aeroporto, ao abrir a porta me deparei com a figura imponente de Lúcio Collins na minha frente me lançando aquele olhar frio e calculista, me analisando como uma águia a espreita de sua presa.

— Onde está indo com essas malas? — aquela voz me paralisou, ele foi entrando sem pedir licença e analisando cada canto em busca de algo — Confiança deve ser conquistada meu filho e você é meu sucessor, se um belo par de pernas te deixa fraco diante de seus inimigos, qual a imagem que terão de você?

Travei a mandíbula tentando não ranger os dentes e também me contendo para não bater de frente, mas essa sua insinuação dava a entender perfeitamente que ele sabia de tudo.

— O que veio fazer aqui? — questionei.

— Tenho olhos e ouvidos por todos os lados. — Em todos esses anos eu nunca ouvi uma única palavra de arrependimento saindo de sua boca, ele era um homem frio, calculista e controlador, não tinha medo de nada e nem de ninguém. — Um homem enfraquece quando se apaixona!

Meu pai estava me testando, fazendo comentários e entrando em um assunto que não foi mencionado, eu teria que ser mais esperto não deixar transparecer o nervosismo de ter sido descoberto, tentando ser indiferente.

— Não sei do que esta falando. — dei de ombros.

— Você acha mesmo que não sei das suas atividades extracurriculares Kevin e não banque o inocente, você sabe muito bem do que estou falando.

— Tudo fazia parte do plano, tendo a garota mais próxima a mim eu poderia ter mais acesso, simples assim!

Lúcio me olhou desconfiado avaliando minha expressão, eu cruzei os braços e fiz questão de encará-lo como sempre fiz, ele deu uma volta pela sala e se sentou no sofá cruzando as pernas, fez sinal para seu segurança sair e fechar a porta, quando finalmente ficamos sozinhos ele se levantou foi até o bar que eu mantinha ali colocou uma dose do meu Bourbon em um copo, levou até nariz e cheirou, tomou de uma vez e serviu outra dose, andou a passos lentos e voltou a sentar, fez tudo isso sem parar de avaliar minha postura.

— Isso não justifica nada, tanta puta por aí para você comer e foi se engraçar com quem não devia?

— Isso depende do ponto de vista! — o acompanhei na bebida e acendi um cigarro, seria bom ter as mãos ocupadas. — Eu estava entediado! Fique tranquilo que isso não vai atrapalhar nossos planos.

Ele concordou com a cabeça, mas não parecia crer muito em minhas palavras, eu sabia que se não concordasse com seus termos as coisas ficariam mais difíceis e o único jeito de saber se Vitória estaria segura era se eu mesmo cuidasse de tudo, tinha certeza que haveria gente me vigiando e se eu desse um passo em falso poderia ser o fim. Ficamos um tempo falando em como tudo ia funcionar, só reforçando as coisas e esclarecendo outras, não podia dar errado, mais de uma hora se passou até ele dar a conversa por encerrada, se levantou e em um gesto incomum me abraçou, coisa que não fazia desde que eu era uma criança, o que me deixou preocupado.

— Se me desafiar Kevin, eu juro que a próxima coisa que vai ver é o teto daquele maldito hospital. — me deu dois tapinhas no rosto me olhando nos olhos.

Isso não foi uma ameaça, foi um aviso como se Lucio Collins estivesse confirmando a minha prisão, mas duvido que se lembrasse daquilo que me

ensinou a vida inteira, ser uma pessoa tão tóxica quanto ele. E eu iria até o inferno se preciso, para não concluir os planos do meu pai e faria de tudo para manter Vitória ilesa de tudo isso. Eu não podia fazer isso sozinho, eu tinha dúvidas quanto a Klein mas ele era a única pessoa que poderia me ajudar nesse momento, mandei uma mensagem para que viesse em casa e não demorou muito a chegar.

— Qual a boa cara?

— Meu pai está aqui e eu preciso de ajuda, mas primeiro quero saber se sua devoção a ele pode me prejudicar.

— Somos irmãos cara, te devo minha vida! — senti que foi sincero — Se precisa de mim, farei o que puder.

— A situação é difícil, vou te contar tudo, senta aí.

Falei tudo o necessário, como as coisas foram planejadas, quando finalmente terminei Klein confessou já desconfiar do meu envolvimento com Vitória, relatou que agora entendia toda a minha irritação e que faria de tudo para ajudar. Minha desconfiança dele ser meu delator foi extinta. Precisávamos de um plano de contingência, as coisas iam acontecer e isso era fato, mas confesso que eu não estava preparado para o que viria a seguir, a única razão que dei para meu pai foi quando disse que um homem enfraquece ao se apaixonar e esse sentimento associado a uma pessoa como eu poderia me levar para dentro de um caixão a sete palmos de baixo da terra.

CAPÍTULO 25

Vitória

"O colchão afundou ao meu lado e aqueles braços fortes e rabiscados se colocaram ao meu redor, o que mais queria nos últimos dias era sentir o abraço forte de Kevin e sua voz sussurrada no meu ouvido dizendo que passaria a noite comigo e que ajudaria a me aquecer do frio extremo, logo senti sua língua passando pelo lóbulo da minha orelha, suas mãos frias passeavam sob a pele quente do meu abdômen tirando o tecido fino do meu pijama do lugar em carícias quentes e oportunas, sua mão agarrou meu seio direito e o apertou de leve, passou para o esquerdo pinçando meu mamilo intumescido, o roçar áspero da sua barba no meu pescoço, foram o convite perfeito para que eu sentisse a umidade quente e aquela dorzinha gostosa no meio das minhas pernas.

— Eu estava com tanta saudade! — sussurrou.

— Também estava.

Enquanto me acariciava e beijava meus ombros cada pelinho existente no meu corpo se eriçava, nosso magnetismo era inconfundível, uma química perfeita, um encaixe perfeito.

Logo sua mão desceu até altura no cóis da minha calça e invadiu o espaço por baixo do tecido, sentindo cada pedacinho de mim, até que encontrou o caminho da minha felicidade e começou a massagear meu clitóris com habilidade, meu corpo esquentou, meu sangue ferveu a ponto de entrar em ebulição”.

(...)

Acordei assustada e febril, droga! Nem meus sonhos estavam seguros da presença marcante de Kevin, as gotículas de suor que saíam pelos meus poros me causavam calafrios, aquele quarto de hotel escuro e sem vida me deixou assustada, a lembrança viva de Kevin em meus pensamentos mais insanos era

o lembrete que meu coração enviava para minha cabeça todos os dias, eu sentia sua falta, eu precisava dele, eu tinha necessidade dele.

A ânsia repentina e a bile queimaram meu esôfago, mas ficou contida, meu corpo inteiro doía de fato a minha pele quente e meus delírios não foram atoa, eu estava com febre, meus olhos ardiam e minha garganta arranhava e a dificuldade de engolir minha própria saliva me levou a crer que provavelmente uma infecção na garganta havia me pegado de jeito.

Levantei e fui direto pegar um comprimido antitérmico na bolsa, tomei dois goles bem generosos de água para conseguir engolir o remédio e fui tomar um banho morno para baixar a temperatura do meu corpo, deixei a água cair por algum tempo até me sentir um pouco melhor, me vesti com um roupão e voltei para a cama, meu corpo doía tanto que era como se um trator tivesse me atropelado, não sei em que momento a febre cedeu e o sono me venceu outra vez.

Quando o dia amanheceu me sentia um pouco melhor, mas as dores persistiam, era meu último dia ali e eu tinha que dar uma resposta a Phillips, depois de conversar muito com o velho Isaac decidi que não ia arriscar tanto, mas meu pai deixou claro que me apoiaria em qualquer que fosse minha decisão, mas sentia que aquela ainda não era a minha hora de ficar tão longe de casa.

Quando acabei de me arrumar me senti quase satisfeita ao me olhar no espelho, com exceção do meu cabelo que parecia que tinha se revoltado contra mim, esse era o preço a pagar por ter dormido com ele molhado, meus fios eram rebeldes, mas hoje eles poderiam facilmente ganhar um prêmio por isso, resolvi parar de lutar e puxei todos os fios para trás os prendendo em um coque firme, pelo menos assim eu saberia que não ia espantar ninguém na rua.

Cheguei ao hospital mais cedo do que pretendia, não consegui tomar café da manhã por conta do mal estar então resolvi me adiantar, procurei por doutor Phillips e fui informada que o mesmo estaria atendendo alguns empresários em uma reunião importante.

Ótimo!

Mente vazia, oficina do diabo.

Inúmeras coisas ficaram passando pela minha cabeça, assimilar ou organizar os pensamentos era mais difícil do que eu imaginava, peguei um jornal e comecei a folhear as notícias, parei com mais atenção em uma página que continha a minha foto e o anúncio falava sobre a minha palestra e minha pesquisa, aquilo despertou um sorriso sincero do meu rosto, de fato era gratificante ver o fruto do seu trabalho sendo reconhecido internacionalmente e aquilo fez com que minha ambição por chegar cada vez mais longe se intensificasse.

— O que faz aqui sozinha doutora? — desviei os olhos do papel e encontrei os de Hard me fitando, ele usava uma camisa muito bem passada azul claro, gravata escura, e de quebra um jaleco branco.

— Esperando Phillips! — fui sucinta e demonstrei impaciência, me sentia diferente perto dele.

— Eu estou indo para uma craniectomia^[20], quer me acompanhar?

— É sério? — parecia uma menina boba em busca de uma aventura, Hard confirmou com a cabeça e aceitei sem discutir — Seria um prazer acompanhar doutor Hard.

— Será ótimo ter uma oncologista comigo nessa cirurgia.

Depois de ele ter me passado alguns pontos importantes sobre o paciente e eu ter conhecido um pouco o caso acompanhei Hard até o vestiário, coloquei o uniforme verde do hospital, me sentia em casa vestida assim, quando finalmente entrei na sala de cirurgia me senti ainda mais familiarizada, a touca, as luvas, a máscara, o ambiente estéril e o cheiro de alvejante, era como se um conjunto de pequenos detalhes me fizessem mergulhar no meu universo particular da medicina, eu amava meu trabalho.

Thomas Hard era um habilidoso cirurgião, assistir e auxiliá-lo naquele procedimento cirúrgico foi uma grande experiência, que até esqueci-me da minha febre e minha garganta ruim, um tumor de grau três, apresentava

crescimento rápido, esse intruso crescia no lobo temporal do paciente, e sua remoção foi feita com sucesso e o tumor encaminhado para a biópsia, quando finalmente estávamos finalizando Hard voltou sua atenção para mim.

— E ai doutora Hale, quando vou ter a honra de vê-la mais vezes nesse hospital?

Todos naquela sala entenderam o sentido que as palavras dele faziam, seu interesse era nítido, os olhos curiosos da equipe cirúrgica me encaravam curiosos, como se esperassem uma resposta positiva, mas eu não achava justo adiantá-la antes de Phillips saber da minha decisão.

— Concluimos aqui doutor Hard?

— Sim Doutora.

— Obrigada pelo convite, preciso me retirar! — fui o mais sucinta possível e ouvi os murmurinhos quando sai da sala, só conseguia ver os olhos de Hard, a máscara me impedia de saber se estava sorrindo ou não, mas pela expressão de seus olhos ele se divertiu com a minha resposta ríspida.

Saí pelo corredor do hospital e nem me abalei em tirar o uniforme, me sentia bem assim, quando cheguei à porta da sala de Phillips sem querer acabei escutando sua conversa.

— Fique tranquilo meu amigo, ela já esta com o contrato, ela é jovem duvido que recuse uma oferta tão boa.

— Ela é minha filha, mas antes de qualquer coisa preciso ter certeza.

Bati na porta interrompendo a conversa dos dois, e me sentindo envergonhada por ter sido tão inconveniente e intrometida, mas eu precisava resolver tudo isso logo, eu estava doida para voltar para casa.

— Desculpe interromper, volto mais tarde.

— Não se preocupe minha querida eu já estava de saída. — senhor Ruschel ficou bem próximo a mim e parecia que queria falar alguma coisa, mas recuou. — Até mais.

Quando ele saiu fechando a porta, me sentei na frente do diretor do hospital e lhe entreguei o envelope com o contrato, ele me observava com curiosidade e não conseguiu ignorar o comentário sobre a minha roupa.

— Vejo que já está se enturmando, nosso uniforme lhe caiu muito bem.

— Obrigada senhor! Aqui está o contrato, avaliei minuciosamente todos os termos, mas infelizmente não posso aceitar, sua proposta é muito boa, mas existem outros fatores que são maiores e mais importantes para mim do que apenas uma quantia exorbitante de dinheiro e algumas regalias.

— Podemos negociar algo se achar necessário.

— Agradeço muito a oportunidade, mas eu não vou entrar em questão, talvez em outra oportunidade.

— Realmente é uma pena, estava confiante e ansioso para tê-la em minha equipe. — Phillips parecia frustrado — Mas entendo, e deixo a oferta em aberto, se caso mudar de idéia me ligue imediatamente.

— Claro doutor, obrigada.

Sai dali com a sensação de dever cumprida, uma viagem que me reservou algumas surpresas, depois de tirar o uniforme e colocar minhas roupas, peguei o caminho rumo à saída, fiquei na frente do hospital aguardando um táxi e enquanto isso admirava aquela fachada e toda a magnitude daquela construção, imaginando como seria se eu tivesse aceitado tal proposta.

Algumas horas depois, desci pelo elevador com minhas malas, olhava no espelho no cubículo de metal e quando as portas se abriram no saguão do hotel, vi Thomas na recepção, me aproximei para fazer meu o checkout^[21], quando ele percebeu minha presença abriu aquele sorriso de cegar os olhos, não deixei de notar o suspiro que a recepcionista do hotel deu admirando Hard e entendia ela perfeitamente, ele também havia notado o interesse e o tratamento especial da moça, mas manteve tudo o mais profissional possível, fingindo não ter sido praticamente engolido pelas insinuações da recepcionista e eu apenas sorri sem disfarçar.

— Vitória, que surpresa, já está de saída também?

— Sim, hora de voltar para casa.

— Podemos ir juntos até o aeroporto se quiser.

— Claro, rachamos o táxi!

Mais uma vez sua companhia foi agradável, o assunto entre nós fluía, e passei a pensar se Hard era o homem que procurei para ser a minha metade e era precipitado dizer, mas ele parecia e mostrava interesse.

Quando chegamos ao aeroporto, Thomas fez questão de pagar a viagem ao taxista, fomos juntos até o balcão e validamos nossas passagens e nos dirigimos para a área de embarque e confesso que fiquei ansiosa com a despedida.

— Acho que isso é um adeus!

— Eu não tenho tanta certeza disso Vitória!

Lembrei-me da última noite em que passamos juntos de uma forma tão amigável, era como se houvesse alguma necessidade de me explicar e então toquei no assunto.

— Me desculpe pela última noite Thomas!

— Não se preocupe com isso!

— Não ache estranho o que vou te falar agora — ele deu de ombros e ficou atento as minhas palavras — Mas eu gostaria muito de lhe encontrar novamente.

— Não vamos nos despedir, isso será um até logo.

— Então até logo doutor Thomas Hard.

Eu não esperava pelo o que viria a seguir, Thomas avançou e acariciou

meu rosto e não deixou de fixar aquela imensidão azul nos meus olhos, depois depositou um beijo casto no canto da minha boca, me deixando acanhada, ele não avançou o sinal vermelho, ficou apenas nisso, não sabia como deveria reagir. Primeiro porque era Kevin que dominava cada célula do meu corpo e Thomas seria um tiro certo? Ou apenas outra decepção? E confesso que a expectativa me inundou.

— Nos vemos em breve doutora Vitória Hale.

CAPÍTULO 26

Vitória

Estar de volta em casa era tranquilizador, aquela sensação de alívio inundava meu peito a saudade da minha família estava castigando, mas faltava pouco para estar em casa, contar as novidades e abraçar apertado meu pai e minha irmã enquanto aguardava a liberação para o desembarque mil coisas passavam pela minha cabeça, queria ver Kevin e resolver de uma vez por todas essa situação embaraçosa que ficou entre nós dois, no mais a viagem foi tranquila, sem nenhuma intercorrência, apenas me senti febril novamente, mas nada que um anti-inflamatório não resolvesse.

Depois do desembarque fui direto para a área da distribuição da bagagem para pegar minha mala, como sempre o aeroporto estava lotado e a demora daquela esteira imensa para começar a funcionar me deixou um pouco aflita. Quase meia hora depois estava esperando um táxi para voltar para casa, ansiava por um banho quente e minha cama mais do que qualquer coisa nesse momento.

Quando entrei no táxi falei o endereço do meu destino ao motorista e me distrai respondendo minhas mensagens, algumas eram notícias dos meus pacientes, fiquei grata ao saber que Jorge estava bem, sentia sua falta também, outras de Kevin e fiz questão de ignorar pois só responderia depois com a cabeça mais fria, mas lá no fundo sabia que queria responder a cada questionamento, dizer a ele que estava de volta, que eu queria vê-lo, me jogar em seus braços e sentir seu cheiro almiscarado, mas tudo isso era irrelevante quando a confusão causada na sua cabeça por uma única pessoa tomava rumos que você não podia seguir.

As únicas mensagens que respondi foram do meu pai e de Hard, um sorriso discreto brotou nos meus lábios quando as lembranças dos nossos momentos me vieram.

*"Olá Doutora, espero que tenha chegado bem em casa, nos vemos logo?
T.M".*

“Olá doutor, acabei de desembarcar e estou a caminho de casa... E sim, espero que logo! V.H”.

Como é possível estar completamente perdida e arrebatada por uma pessoa e se sentir balançada por outra? Eis a voz da inexperiência e um currículo fracassado de homens que nunca valeram à pena.

Quando enfim me dei conta estava afastada da cidade em uma estrada que eu não conhecia, fiquei alerta.

— Moço, esse não é o caminho para o endereço que dei. — Mas ele fingiu que não me ouviu, o vi me observando pelo retrovisor, e aquilo fez meu corpo se enrijecer — Moço?

O que não esperava era que o motorista daquele táxi ia tirar uma arma e apontar para mim, meu coração quase falhou uma batida, minhas mãos ficaram trêmulas e minha boca secou.

— Cala a boca, se não te enfio uma bala na cabeça, me dá o celular porra!

Relutante lhe entreguei a única coisa que podia me ajudar a avisar alguém, mas o choque da situação foi tão grande que não tinha reação, entreguei o aparelho para ele que o jogou pela janela do carro o estilhaçando em mil pedaços no asfalto.

— Moço, por favor... — tentei argumentar, mas ele reagiu aos gritos me apavorando ainda mais, eu sabia muito bem o que estava acontecendo ali, mas me custava acreditar em um sequestro.

— Mande calar a boca caralho! Fica quieta aí bonitinha e coloca isso.

Entregou-me uma venda e fez com que eu a colocasse, sob ameaças e na mira de uma arma não tive outra escolha, não sabia explicar o que sentia naquele momento, medo, desespero, era difícil de dizer. Depois de colocar a máscara, tentei manter a calma o máximo que pude, mas era difícil, praticamente impossível, logo ouvi o toque de um celular.

— Sim! Estou com a garota... Ok! Estou a caminho!

Não sei dizer quanto tempo passou e muito menos qual caminho aquela viagem tomou, a certa altura o barulho de movimento intenso de veículos cessou, parecia que estávamos em alguma estrada de terra, em algum lugar bem afastado da civilização. Enquanto o carro ainda estava em movimento, sentia que poderia estar segura de alguma forma, mas isso tudo caiu por terra quando o carro parou e a energia que meu corpo produzia parecia estar se esvaindo e o medo passou a ter total controle.

Meus olhos já se inundavam em lágrimas, não entendia o porquê daquilo estar acontecendo comigo, a porta do veículo se abriu e me pegaram pelo braço com brutalidade, tentei me debater mas foi em vão.

— Fica quieta bonitinha!

— Me solta, por favor — falei caindo no choro. — SOCORRO!

Ele amarrou minhas mãos para trás com uma corda, apertou tanto que quase sentia minha circulação sanguínea falhando, me segurou pelo braço e se encostou em mim, fazendo com que a bile subisse pela minha garganta, para meu total desespero falou bem próximo do meu ouvido.

— Pode gritar o quanto quiser ninguém vai te ouvir aqui meu docinho. — Tentei me livrar, mas era impossível eu não conseguia — Posso sentir seu corpo tremendo bonequinha, você é tão bonita quanto a sua irmã, vamos nos divertir juntos.

Não conseguia falar e coloquei tudo que tinha no estômago pra fora, senti meu rosto arder com o solavanco de uma tapa forte.

— Sua vadia!

Não adiantava lutar e só de pensar que minha irmã também estava ali me deixou ainda mais atônita, mil perguntas passavam pela minha cabeça e a resposta era sempre nula.

Ele me guiava para algum lugar me segurando firme pelo braço, o pânico cresceu e o sangue fugiu do meu rosto, eu queria lutar com todas as minhas

forças mas o medo era maior, minhas pernas falharam e caí de joelhos, ele me puxou pelo cabelo com tanta força que meu couro cabeludo queimou em resposta, quando fiquei de pé senti seu hálito bem próximo do meu rosto, imobilizada, quando ele ia falar algo foi interrompido.

— Já chega com isso! — senti que chegou bem perto e me tirou do aperto daquele desgraçado — Vamos andando, temos um lugar especial para você. — falou com uma tranquilidade assustadora— Patrão falou que não era pra machucar a garota.

— Essa desgraçada vomitou em mim.

— Vá se limpar e suma com esse carro daqui logo.

Quando fui conduzida para outro lugar onde o cheiro de mofo e de cigarro invadiu minhas narinas, ouvi o barulho de uma televisão, o chão devia ser de madeira, uma sensação claustrofóbica tomou conta de mim, tentei mais uma vez me soltar, mas fui contida com um apertão.

— Olha moça, se você colaborar vai ser melhor, acredite em mim, nem todos aqui são pacientes como eu, então melhor se conter.

— Por favor... — eu sabia muito bem que não ia adiantar implorar.

Logo senti que entramos em um lugar ainda menor, a privação da minha visão estava acabando comigo.

— Sugiro também que não teste a minha paciência.

Senti uma agulha entrando no meu pescoço, ele me soltou e saiu, logo depois ouvi a porta se fechando, meu corpo foi amolecendo e o torpor da inconsciência foi tomando conta até ouvir alguém chamar meu nome, uma voz fraca e suplicante.

— Vitória, é você?

— Bia...

Não consegui falar mais nada, mas eu tinha certeza que era minha irmã

que estava ali comigo, minha respiração foi diminuindo e não demorou até que eu mergulhasse na escuridão, mesmo lutando com todas as forças para me manter consciente.

Kevin

— Pegaram a garota!

— Porra Charlie, não brinca comigo!

— O sinal do celular dela sumiu a mais ou menos duas horas, o último sinal emitido foi em endereço bem improvável e distante. Parece que o velho te excluiu disso.

— E só me avisa isso agora! — eu estava a ponto de explodir — Meu pai adiantou as coisas. Vamos!

CAPÍTULO 27

Kevin

Eu sabia que tudo isso ia acontecer, mas não imaginava que seria tão cedo e que seria excluído de tudo, minha única segurança era saber que se fosse eu a ter que executar o sequestro de Vitória ela não sofreria um arranhão, eu estava fodido, me sentia um merda por ter deixado isso acontecer e acabei metendo os pés pelas mãos.

Meu pai estava me desafiando e indiretamente aceitei isso, não seria fácil, o que precisava fazer era agir com frieza e indiferença, enquanto eu maquinava alguma estratégia acendi um cigarro a nicotina preenchendo meus pulmões ajudava a relaxar e a nuvem de fumaça que saía da minha boca era como uma grande tela que eu podia enxergar tudo aquilo que foi falado na minha casa por anos, era como um déjà-vu constante e irritante.

Vinte e quatro horas!

Eram necessárias vinte e quatro horas para uma pessoa ser considerada desaparecida, olhava no meu relógio no pulso esquerdo com frequência, até não conseguir esperar mais e resolver fazer alguma coisa.

Como quem não quer nada resolvi aparecer no hospital sondar Isaac para ter uma mínima noção se ele já havia dado falta de Vitória, já que Beatriz vivia viajando e tenho certeza que a essa altura também já devia estar em poder dos homens do meu pai.

Quando cheguei ao hospital dei a desculpa que queria informações sobre os avanços da pesquisa que estava financiando, mas fui informado que ele estava em cirurgia e me atenderia assim que fosse possível.

Passaram-se pouco mais de cinco horas desde que perdemos o sinal do celular de Vitória, um filme começou a passar pela minha cabeça já perturbada, aceitar que cometi um erro imenso quando resolvi seguir com esse desejo insano de vingança, meu irmão já estava morto e nada no mundo

poderia trazê-lo de volta, atirei aos lobos a única mulher com quem senti algo de bom e isso era um pecado imperdoável.

Duas crianças inocentes, filhas de um inimigo da minha família, um homem na qual a morte ia nos permitir tomar o controle do crime organizado, uma facção suja e corrupta onde escoavam milhões de dólares de dinheiro sujo todos os dias.

Uma fala do meu velho que me fez refletir, um homem enfraquece quando se apaixona e isso era real, mas me perguntava constantemente se eu estava mesmo apaixonado? E qual seria a definição disso tudo?

Eu não tinha resposta.

Não sabia como as emoções podiam ser poderosas e cansativas, era difícil explicar aquilo que nunca achei capaz de sentir por alguém. Mas sabia que todo aquele ódio que tinha em meu coração foi desfeito com um belo par de olhos azuis, mas era exceção à regra, um homem como eu não podia deixar com que os sentimentos atrapalhassem e o que iria poder tirar de proveito disso tudo seria apenas o sofrimento alheio.

Vitória tão ingênua e frágil, na mira de caras como eu, juro que mato qualquer um que ousar encostar os dedos sujos nela com segundas intenções.

A essa altura Klein já estava tentando rastrear o local onde ela estava escondida, com muita sorte chegaria a tempo e aí sim seria uma verdadeira declaração de guerra contra meu pai.

Logo mais sou chamado pela secretária, Isaac me aguardava em seu escritório, quando entrei ele assinava alguns documentos concentrado e com o semblante fechado, um vinco se formava entre suas sobrancelhas, sempre fui um bom observador e tenho certeza que esse homem não fazia idéia do que estava acontecendo.

— Boa tarde doutor, desculpe-me incomodar, mas queria notícias do avanço da pesquisa da doutora Hale.

— Boa tarde senhor Collins, sente-se, por favor — apontou a cadeira a

sua frente para que eu ficasse a vontade, mas a única coisa que eu queria era me sentir confortável — Aceita um café?

— Não! Obrigado, estou com um pouco de pressa, só vim mesmo para ter notícias. — Ele não entendeu o duplo sentido nas minhas palavras.

— Vitória esteve viajando por uns dias, deve chegar hoje, infelizmente não tenho nenhuma informação a respeito para lhe dar, terá que falar com ela, amanhã já está de volta no hospital.

— Certo, volto amanhã! Obrigado — o cumprimentei com um aperto de mão firme, o velho demorou em me soltar, parecia estar me analisando, eu realmente estava nervoso, tive a plena convicção que ele ainda não deu falta das filhas.

Quando cheguei em casa, Klein abriu o notebook na minha frente, a foto que aparecia na tela fez meu peito arder em ódio e minha vontade era decapitar um por um daqueles desgraçados. Vitória estava sentada no chão sujo com os olhos fundos, sua face transbordava desespero, Beatriz não estava diferente, com a maquiagem borrada escorrendo pelo rosto, o medo ali estava escancarado e esse era o plano, tocar o terror.

— Kevin, tem um recado do seu pai!

— Leia.

"Encaminhe essas fotos para Andrei, não quero erros, e não vou admitir nenhuma falha sua."

A primeira reação que tive foi socar a mesa a minha frente, eu estava encurralado, peguei o computador e mandei o e-mail e fui extremamente direto.

— Se é isso que meu pai quer, é isso que ele vai ter!

Digitei a mensagem e apaguei não sei quantas vezes, não sabia o que falar, então resolvi incitar o velho Ruschel.

"Já conheceu uma de suas herdeiras?"

Pois agora tenho as duas na palma da minha mão”.

Quando apertei o enter eu não imaginava o tamanho da raiva que crescia dentro de mim, um misto de ódio, o nervosismo era iminente e a preocupação com a garota era maior ainda.

O dia seguinte demorou tanto para chegar que facilmente eu diria ter passado uma semana em uma única noite, eu não esperava uma repercussão tão grande do caso, estava estampado em todos os noticiários e jornais.

— Isaac registrou um boletim de ocorrência pelo desaparecimento das duas. — Charlie informou sério.

— Já era esperado isso, mas não toda essa repercussão, Beatriz é conhecida e Isaac também, por isso todo esse alvoroço.

— O que você vai fazer agora?

— Vamos esperar mais ordens do velho Collins, enquanto isso vamos tentando descobrir onde elas estão.

Quem tem experiência no mundo do tráfico sabe muito bem que moças de famílias pobres eram mais fáceis de serem sequestradas, mas a foto das duas estava escancarada em todos os noticiários, Beatriz foi a mais anunciada por conta da sua fama como bailarina, a notícia viralizou como a propagação de um raio, Isaac e Vitória também eram citados, mas não tanto quanto a garota mais nova, Andrei devia estar puto e na certa não ia deixar isso barato.

Eu estava fodido e de mãos atadas até descobrir o paradeiro da minha garota, era difícil entender aquilo que não se queria ver, o que mais via na minha frente era o ódio regado, o desejo de vingança entranhado no meu coração como uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento, mas a ternura, a doçura e a sensualidade daquela garota me ganharam tão rápido que não pude nem desviar dos sentimentos, éramos fogo puro, nosso contato era único, me tornei refém dos seus encantos e estava sentindo na pele o medo de perdê-la e a culpa era só minha, tinha quase certeza que nunca seria perdoado.

Passamos o dia à espera de uma notícia ou alguma ordem, e principalmente a resposta de Andrei, que só chegou tarde da noite como uma ameaça fria.

"Já sei com quem elas estão, e juro que te mato Collins se encostar um dedo nas minhas filhas."

Então entrei no jogo do meu pai e enviei a resposta que ele tanto queria.

"Agora Andrei, é sangue por sangue, lembro-me muito bem que não pensou duas vezes antes de matar meu filho."

Pela resposta dada não havia nenhum resquício de sentimento, porque era o que sentia, absolutamente nada, lá no fundo sabia que não ter meu irmão comigo até hoje foi por causa daquele verme, a rivalidade entre as famílias só iria acabar quando cada cabeça da hidra fosse cortada, mas era como aquele velho ditado, que quando se corta a cabeça de uma hidra outras duas nascem no lugar, então teria que ir direto à raiz do problema.

Colocar a cabeça no travesseiro era difícil, toda vez que meus olhos ameaçavam a fechar meus pensamentos eram inundados por dois diamantes grandes claros e reluzentes que eram os olhos de Vitória, sua pele alva e macia, jurava que poderia sentir seu cheiro se me concentrasse mais um pouco.

Enquanto olhava para teto buscando um jeito de tirá-la ilesa dessa história, levei um susto com a entrada repentina de Klein no meu quarto.

— Levanta daí seu puto, encontrei ela!

— Há quantos quilômetros daqui? — perguntei ansioso.

— Não muito longe.

Levantei-me e vesti a primeira camisa que vi pela frente, coloquei as chaves no bolso e saí com Klein. Aquela garota estava fodendo meu juízo, fazendo me perder no meio daquele jogo perigoso. Mas agora não eram mais dois jogadores e sim três, abram mais espaço no tabuleiro que

eu estava entrando no jogo como mais um rival.

— Vou te trazer de volta Vitória, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

CAPÍTULO 28

Vitória

Eu não lembrava muita coisa, minhas lembranças estavam nubladas, era como se minha cabeça tivesse um interruptor que desligasse e ligasse meu cérebro, o que eu tinha absoluta certeza era que tinha entrado em um táxi e este havia me tirado da rota e então tudo aconteceu, mas algo me dizia que isso seria apenas a ponta do iceberg.

O barulho que vinha de fora era torturante, não dava pra saber ao certo quantos homens havia ali ou quais suas intenções, as conversas e risadas eram desconexas, não se ouvia nenhum nome, até pareciam que falavam em códigos, o que me deixava ainda mais apreensiva.

O medo de aquela porta abrir e alguém vir fazer algum mau a Bia e a mim era insuportável, nauseei com apenas o simples pensamento de sofrermos um abuso, mas a pequena amostra que tive quando cheguei aqui já serviu para mostrar do que aqueles homens eram capazes.

Limpei as lágrimas que escorreram pelo meu rosto na manga da minha camiseta, gemendo quieta pela dor daquela corda apertada, que de tanto forçar para tentar soltar as mãos já feria meus pulsos, notando o quanto meu rosto também estava dolorido pela bofetada que levei do meu carrasco, eu não entendia o porquê, minha família nunca fez mal nenhum a ninguém, tínhamos muitas posses, mas tudo indicava que nada disso estava relacionada a dinheiro.

— Vitória?— a voz fraca de Beatriz me despertou dos meus devaneios.

— Bia, desde quando está aqui? — falei baixinho com medo de ser ouvida.

— Não sei ao certo talvez uns dois ou três dias.

— Está machucada?

— Não e você?

— Também não.

Ficamos encolhidas em um canto escuro, o cômodo daquele casebre velho fedia a mofo e urina, mas o cheiro era o que menos incomodava, logo ouvi o barulho de correntes, quando a porta se abriu um dos homens veio na nossa direção e como modo defesa me encolhi e Beatriz não fez diferente, o flash da máquina fotográfica cegou meus olhos, tentei a todo custo gravar a fisionomia daquele homem, mas foi impossível.

O que era aquilo?

Uma prova de que estávamos vivas? Será que queriam resgate?

Quantas perguntas tolas e insignificantes!

Quando a escuridão invadiu o quarto novamente foi como se uma espécie de déjà-vu tomasse conta da minha cabeça, eu via um quarto grande todo em tons de rosa, incontáveis bonecas e brinquedos, uma cama com uma colcha de princesa e um berço branco com um móvel que tocava uma música suave, entre a cama e berço havia uma poltrona grande e branca, uma figura masculina estava sentada no móvel e segurava um livro infantil, eu não via seu rosto, apenas suas roupas finas, um terno cinza de três peças.

Minha cabeça já estava me pregando peças?

Sentia-me fraca e desidratada, desde que cheguei não nos deram nem um gole de água, Beatriz quase não reage, não conversa, só me olha às vezes com seus olhos azuis expressivos e assustados, sentia meu corpo febril, a única coisa que eu podia fazer era rezar para que tudo desse certo.

Entre estar acordada e a inconsciência era difícil ter noção das coisas, ouvi fracamente a porta se abrindo e a voz de Beatriz aos prantos.

— Me solta, por favor...

—Nós vamos nos divertir agora docinho! — era a mesma voz do homem

que me ameaçou naquele dia — Até o seu papaizinho chegar aqui, nós vamos brincar um pouco.

— Não...

— Solta ela — juntei todas as forças que ainda me restavam e me levantei, mas a fraqueza era maior, meu corpo pedia clemência, os gritos de Beatriz me aterrorizavam.

— A caçulinha Ruschel é selvagem...

Ruschel?

Eu já tinha ouvido falar desse nome, mas onde?

Os gritos de Beatriz eram de pânico, pela pouca luz eu vi aquele monstro tirando a roupa dela, ela se debatia imune a força daquele homem.

— Para com isso! — Nem sabia se minha voz era ouvida.

Havia um zumbido ensurdecador nos meus ouvidos. Tentei me levantar, eu precisava ajudar minha irmã, meus olhos arregalaram quando percebi a mão daquele homem tocando Beatriz, não sei da onde tirei forças, mas me levantei em um impulso e tentei empurrar ele.

Sem sucesso.

Ele me segurou pelo cabelo e me jogou no chão.

— Depois vou brincar com você sua vadia.

Por favor, não faça isso conosco!

Minha oração era velada e silenciosa, como um choramingo desesperado diante de toda agressão que estávamos sofrendo, tudo parecia acontecer em câmera lenta, era o fim.

Não demorou muito e um barulho do lado de fora é intenso, ouvi uma discussão, mas as palavras não eram nítidas, meu estado não colaborava, não

sei até que ponto minha cabeça estava me pregando peças, o som alto de tiros parecia me ensurdecer.

Mais tiros!

Sem poder fazer nada escondi meu rosto molhado com as mãos amarradas, desejando insanamente a morte a deixar que alguém me tocasse sem minha permissão.

Um vulto passou na minha frente, ouvi um tiro mais alto e aquele homem foi tirado de cima de Beatriz com uma brutalidade que me fez invejar a força do responsável.

Eu estava inerte, praticamente incapaz de processar a violência que havíamos sofrido, senti meu rosto sendo afagado e a última coisa que vi foram aqueles olhos verdes cintilantes que brilhavam em uma promessa viva de que tudo ia ficar bem.

CAPÍTULO 29

Kevin

Quando avistei aquele casebre velho minha respiração ficou pesada, carreguei minha Glock^[22] e a escondi na parte de trás da calça, quando o carro parou abri a porta e sai correndo, estourei a porta daquele muquifo^[23], o lugar era imundo havia apenas uma TV ligada, uma geladeira velha e um fogão sujo, diversas latas de cerveja e embalagens de comida congelada espalhadas pelo lugar, ouvi gritos e o coração apertou fazendo meu sangue ferver, saquei minha arma e logo um dos homens do meu pai que reconheci de imediato apareceu na entrada, mas Klein foi mais rápido e deu dois tiros fazendo o desgraçado cair de joelhos agonizando.

Quando entrei naquele cômodo escuro, Vitória estava jogada no chão e um dos caras em cima de Beatriz tentando abusar da garota, nem pensei duas vezes quando lhe dei um tiro na cabeça e o tirei de cima dela que me olhou assustada e eu entendia perfeitamente seu desespero.

Encontrar Vitória naquela situação me deixou extremamente enraivecido, estava acordada mas muito fraca, quando toquei seu rosto, seus olhos estavam inexpressivos, sua pele queimava, estava febril e suave frio.

— Klein — gritei — Leva Beatriz pro carro.

— Por favor, não me machuca — ela pediu.

— Vamos tirar vocês daqui! — falei frio — não se preocupe.

Klein tirou a jaqueta e deu para Beatriz vestir, suas roupas estavam rasgadas, aquele filho da puta teve o que mereceu, era menos um verme no mundo, não me admirava saber que Lúcio Collins deixou que os dois piores homens cuidassem disso tudo.

— Vamos logo Kevin, o reforço pode chegar a qualquer momento.

Peguei Vitória nos braços, acomodei seu corpo pequeno no meu e a tirei dali, estava desacordada, minha preocupação com ela só dobrou quando vi seu estado, ardia em febre e isso me deixou louco de preocupação, ela estar exposta a uma atitude tão violenta era culpa minha, meti os pés pelas mãos e ela sofreu com isso.

Do lado de fora enquanto colocava Vitória no carro o pior aconteceu, um comboio de três carros vinha chegando, não dava mais tempo de fugir sem ser notado, meu pai desceu e veio pisando duro em minha direção, era agora ou nunca.

— Então é isso? Vai trair sua família, o seu legado por causa de uma vagabunda — então resolvi ser direto, fugir da situação não ia adiantar mais.

— Acabou! Não estou mais disposto a isso.

— Você é meu filho! — sua voz estava passiva como nunca.

— Que seja pai, acabou!

— Não banque o inocente! Você já andou muito por esses terrenos, sabe muito bem como vai terminar — tirou sua arma do coldre e apontou na direção das garotas, Beatriz chorava ainda mais, Vitória parecia estar acordada, mas eu não tinha certeza até que ponto assimilava o que ocorria a sua volta, Klein já estava sentado no banco do motorista pronto para fugir dali se fosse preciso.

— Cometi um erro Kevin — ele diz quebrando o silêncio.

— Eu também! — saquei minha arma e apontei em sua direção e então ele apontou a sua na minha — Não me obrigue a fazer isso.

Era uma guerra de gigantes, a lealdade daqueles homens seria de quem vencesse aquela luta, uma sensação estranha me perseguiu, seria esse o alto preço a pagar pelo meu erro?

De um lado Lucio Collins, um homem experiente, mau caráter e sem coração, do outro Vitoria Hale, uma menina doce e frágil, uma peão

insignificante dentro de um jogo sujo, mas que acabou se tornando a peça chave, seria essa à hora do cheque mate?

Sentia minha pulsação acelerar em minhas veias, engoli seco, mas não hesitei, me mantendo com a postura firme.

— O que se passa na sua cabeça uma hora dessas Kevin? — o velho estava debochando de mim.

— Que eu quero que isso acabe logo, sem prejuízos para ninguém e se era isso que queria ouvir, digo com todas as letras. Eu gosto da garota, sendo ela filha de Andrei ou não e não desejo o mal dela, pelo contrário!

— Você é um fraco, sempre foi, nunca teve peito suficiente para herdar tudo isso, me enoja em saber que um dia vou ter deixar meu legado para um homem fraco como você, seu irmão nunca cometeria uma traição e um erro desses.

— Se ele estivesse vivo nada disso estaria acontecendo pai.

O joguinho mental que ele sempre usou nas pessoas agora usava comigo, sempre procurava cutucar o ponto fraco de seus inimigos, mas diferente dos outros eu sabia melhor do que ninguém do que ele era capaz, conhecia muito bem seus truques.

— Me envergonhou, traiu sua família, isso não tem perdão — ele estreitou o olhar avaliando minha postura, enquanto aquela arma estivesse apontada na minha direção a minha também não saia do lugar, se ele achava que eu estava blefando estava muito enganado. Aquele momento em que não sabemos o que fazer, entre a cruz e a espada, era difícil demais, mas já havia feito minha escolha, de um lado um dos poderosos do crime organizado e do outro a mulher pelo qual me apaixonei, escolheria Vitória mil vezes se fosse necessário.

Aquele dedo no gatilho estava pesando, por dentro era uma guerra sem fim, estava disposto a qualquer coisa e acabar com tudo aquilo logo, mas uma pergunta que não calava na minha cabeça era se iria aguentar a carregar o peso da morte do meu pai, morto pelas minhas próprias mãos?

Era olho no olho, o silêncio era sepulcral o ar denso poderia facilmente ser cortado com uma faca, sutilmente ele desviou o olhar para trás de mim, onde Vitória estava ele avaliava as variáveis e eu seguia cada mínimo movimento seu, até o piscar de seus olhos. A porta do carro estava aberta, a única barreira que havia entre a arma do velho e a minha garota era eu, o tempo parecia andar em câmera lenta, então ele moveu a arma e atirei, o som do disparo ecoava pelos meus ouvidos, meu braço vibrava pelo tiro disparado.

Ele olhava fixo nos meus olhos, caiu de joelhos e levou a mão no peito, o sangue escorria e a poça se formava em baixo de seu corpo, até que finalmente ele caiu.

Matei meu pai!

Isso iria me assombrar pelo resto da vida, todos aqueles homens agora eram leais a mim, em uma luta de leões vence o mais forte e este toma o poder.

— Limpem essa bagunça — ordenei — Acho que nem preciso dizer para quem trabalham agora!

Olharam-me com espanto, mas não questionaram minhas ordens, o mundo do crime era sujo e aqueles que pertenciam a ele eram frios, era fácil lidar com toda essa situação quando no lugar no coração se tem uma pedra de gelo, respirei fundo entrei no carro e observei aqueles homens limpando a minha bagunça.

— Vamos embora Klein.

Eu não sabia por que, mas fui inundado com aquela sensação de alívio, mas a luta maior ainda estava por vir. Conquistar o perdão de Vitória e contar a ela toda a verdade sobre sua origem e sobre quem eu realmente era, ela me pediu respostas, mas sinceramente eu não sabia se estaria preparada para saber de toda a verdade.

CAPÍTULO 30

Kevin

O estado de Vitória me preocupava, uma bala saiu da arma do meu pai assim que apertei o gatilho e acertou Beatriz, por sorte levou um tiro no pé, não atingindo nenhum órgão vital, o que pode acontecer é ela ter que dar a carreira como bailarina por encerrada, mas isso só um médico iria saber.

Ordenei que os homens limpassem a bagunça e desse cabo dos corpos que deixei para trás, seria dia de luto em Hamburgo, conseguia visualizar o teatro ensaiado de todos os presentes no funeral de Lucio Collins, um homem intolerante e hostil, o verdadeiro lobo em pele de cordeiro.

Quando estacionei na frente do hospital pedi que chamassem Isaac imediatamente, meu medo era a imprensa se amontoar como perfeitos parasitas mas para meu alívio isso não aconteceu, Isaac apareceu correndo como se não acreditasse que Beatriz e Vitória estavam ali, parecia abatido, seus olhos estavam fundos, seu semblante duro era de pura preocupação e vê-las ali lhe fez gritar chamando sua equipe para o atendimento, saiu apressado ajudando os outros médicos quando as duas foram colocadas nas macas e levadas para dentro, mas antes que ele sumisse da minha vista o chamei.

— Doutor, precisamos conversar!

— Agora não!

— Tem que ser agora — insisti, ele me olhou desconfiado, era esperto suficiente para saber do que se tratava.

— Não vê a situação, minhas duas filhas foram sequestradas, estão feridas e você me pede atenção justo nesse momento? Sinto muito senhor Collins, mas não posso!

— Eu as trouxe de volta, mereço um minuto do seu tempo! — falei firme sem dar a brecha que ele precisava para seguir em diante.

Foi praticamente impossível não perder a cabeça, mas respirei fundo e quando vi que ele ia me dar as costas o segurei pelo braço, me olhou com aquele vinco entre as sobrancelhas, não estava nenhum pouco contente com a minha insistência.

— Por favor, doutor Hale. — tentei abrandar o tom de voz para que ele entendesse que realmente era importante.

Por fim deu ordens para sua equipe e saiu pisando duro, o acompanhei consciente de que a conversa não seria nada fácil, estava atento a tudo, não se afastou muito da sala de emergência estando sempre atento e pronto para agir a qualquer necessidade que surgisse, meu interior gritava para que Vitória estivesse bem, que a febre fosse apenas em virtude do choque emocional a situação em que foi submetida.

— Seja rápido senhor Collins, por favor — cruzou os braços e estreitou o olhar avaliando minha postura — Pelo visto o envolvimento com minha filha se tornou mais do que apenas profissional e aquele pedido de manter distancia foi ralo abaixo, mas a pergunta que não quer calar, como as encontrou?

— Era sobre isso que queria falar, rastreei o celular de Vitória...

— Como conseguiu? — me interrompeu.

— Sou um bom analista de sistemas, mas preciso pedir que não envolva a polícia, eu não vou explicar o porquê mas se presa pela segurança da sua família peço que faça isso, por favor.

— E o que você sabe que não esta me contando.

— Eu sei que elas não são filhas legítimas e que elas não sabem que são adotadas, e sei também quem é o pai biológico.

Isaac enrijeceu sua postura descruzando os braços.

— Aonde quer chegar?

— A lugar nenhum doutor, só estou pedindo que não envolva a polícia nisso tudo, agora não posso explicar direito, só quero que saiba que eu gosto muito de Vitória, mais do que achei possível gostar de alguém e jamais faria nada para machucá-la — minhas palavras pareciam ter um peso diferente agora, Isaac relaxou os ombros — fiz o que pude para resgatá-las, o senhor e sua esposa acabaram se envolvendo em um problema maior sem saber quando as adotaram, crianças não tem culpa dos erros de seus pais e sou prova viva disso tudo, mas preciso que confie em mim.

— Como vou confiar em um garoto, que chega e me joga uma história sem nexos nenhum e me pede confiança?

— Basta confiar que na hora certa irá saber de tudo.

— Não brinque comigo garoto! E fique longe da minha filha.

— Isso não posso prometer, mas prometo explicar tudo assim que elas estiverem com a saúde restabelecida.

Isaac pareceu se enfurecer fechou as mãos com força e as apertou junto ao corpo, na certa se contendo para não quebrar meu nariz, eu estava até merecendo. Era injusto ele não saber de tudo, mas o que queria era preservar Vitória, ela iria saber de toda essa merda por mim, e se confessasse toda aquela podridão a Isaac, eu poderia ter sérios problemas com a justiça se fosse denunciado e também poderia nunca mais ver Vitória na vida e ter a chance de me explicar.

— Assim espero, vou lhe dar um voto de confiança e espero que não o quebre e se fizer minha filha sofrer juro que quebro essa sua cara, agora se não se importa quero que saia do meu hospital.

Apenas concordei com a cabeça e sai pelo corredor indo direto até onde Vitória foi levada pela equipe médica, através das persianas vi ela desfalecida, pálida, usava uma máscara de oxigênio e a equipe trabalhava a seu favor, procurei por Beatriz e não a vi, sai dali o mais depressa possível.

Klein me esperava no carro, no caminho para casa ele parecia desinquieto e aquilo acabou me incomodando.

— O que foi? Até parece que nunca viu alguém morrer? — fui frio.

— Não é essa a questão!

— E qual é?

— Não quero que carregue uma culpa que não é sua, não vimos seu pai sendo enterrado.

— Que papo é esse Charlie?

— É que... Não é nada deixa isso pra depois! — ele passou a mão pelo rosto, algo não estava certo.

A adrenalina que corria pelo meu corpo começava a baixar, a ficha ainda não havia caído, me tornei um assassino, matei meu próprio pai e a culpa começava a bater, mas engoli seco e vesti minha fantasia de homem duro e frio e segui, precisava voltar para a Alemanha, Andrei iria aparecer cedo ou tarde e eu estava fodido, um completo idiota metido em uma confusão sem tamanho.

Vitória

Meus olhos pesados insistiam em abrir, a claridade os machucava, minha visão estava embasada e aos poucos fui me acostumando à luz, as paredes brancas daquele quarto me eram bem familiares, as agulhas no meu braço, o soro com a medicação, eu estava no hospital, finalmente aquele pesadelo havia acabado, parecia que Kevin estava lá, não conseguia lembrar direito, respirei fundo e meu peito doeu, a fraqueza estava presente, enquanto tentava absorver tudo meu pai entrou no quarto e sorriu ao me ver acordada.

— Que bom que acordou, como se sente?

— Melhor agora, foi horrível.

— Precisa descansar, não vamos falar sobre isso, está com pneumonia,

mas já esta sendo medicada, por sorte seu namorado te trouxe de volta a tempo, não quero nem imaginar o que poderia ter acontecido com vocês! — meu namorado? Olhou-me desconfiado e pareceu entender a dúvida estampada na minha face, se sentou na beira da cama. — Kevin Collins trouxe você e sua irmã para casa.

— Como? — não estava delirando, foi Kevin que me tirou daquele inferno e meu peito se apertou de saudade e vontade de abraçá-lo — E Beatriz como esta? — na hora veio à imagem daquele homem tentando abusar de seu corpo.

— Está traumatizada, levou um tiro no pé que rompeu os tendões e ligamentos do tornozelo, não vai poder dançar mais, fez uma cirurgia de emergência ontem à noite, mas o pior foi que ela perdeu o bebê.

— Como assim? Bia estava grávida e não nos contou — meu espanto foi nítido, nunca imaginaria algo assim.

— Acho que nem ela sabia estava de poucas semanas, entrou em choque quando soube, o trauma que passaram foi intenso demais, ela agora está dormindo sob efeito de sedação.

Por essa eu não esperava e admitir que toda calma que eu sentia devia ser por conta da medicação era difícil, eu não sabia muito bem como avaliar toda situação em que vivi.

— Meu Deus.

— Eu quase morri de desespero filha, não consigo imaginar minha vida sem vocês. — o velho Isaac derrubou a pose de homem forte e afagou meus cabelos. — Eu não queria admitir, mas agradeço imensamente ao Collins por ter devolvido meu tesouro mais precioso.

Então eu não estava sonhando, era ele, foi ele que me tirou daquele inferno, sem conseguir conter as lágrimas queimaram meus olhos e escorreram pelo meu rosto.

— Ele não é meu namorado pai. — tentei me explicar.

— E por que essas lágrimas? — ele enxugou cada uma com os dedos.

— Não sei.

— Filha, eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas vejo que tem sentimento, quando lutei pelo amor da sua mãe, soube que seria difícil mas nunca desisti por mais que ela negasse.

— Tudo aconteceu muito rápido papai, quando me dei conta já estava envolvida.

— Não se desespere, se for para ser seu vai ser, apesar de não gostar muito daquele cara, mas isso não sou eu que tenho que escolher, prefiro Rafael ao Kevin, mas...

— Rafael é um idiota.

— É um bom rapaz, focado na profissão.

— Mas não serve pra mim — dizer o que aconteceu e o que presenciei acho que seria pior. — Quem sabe um dia eu encontre alguém que me ame assim como você ama minha mãe.

— Acho que já encontrou, mas ainda não aceitou! — ele beijou minha testa — Preciso trabalhar se precisa de qualquer coisa, mande me chamar, vou ver sua irmã, depois se possível coloco vocês no mesmo quarto.

— Obrigada papai, eu te amo.

— Eu também te amo Vitória, independente de qualquer coisa, você e sua irmã são tudo na minha vida.

Meu pai saiu fechando a porta, estar sozinha naquele quarto me fazia avaliar tudo o que passei, essa história doida de sequestro que quase nos custou à vida, meu coração doía em pensar no bebê de Beatriz, um ser inocente que não pode vir ao mundo graças à barbárie humana, mais uma lágrima escapou por meus olhos e encarei o chão liso, fazer planos nunca foi uma boa idéia, estávamos sujeitos a tudo e a maldade do ser humano era a

pior delas.

A figura enigmática que entrou no quarto após um tempo fez meu coração falhar uma batida, minha voz me abandonou, sentia uma vontade imensa de chorar, de gritar, seus olhos fixaram nos meus, parecia aliviado em me ver bem, ficou parado na porta me observando, sem reação, eu também não as tinha, até não conseguir mais segurar o choro e me entregar de vez às lágrimas, tentei conter mas foi impossível, chorei igual uma criança, eu estava sensível demais, e isso era compreensível.

— Chora minha pequena!

O senti mais perto e quando me dei conta Kevin me tomou em um abraço forte, seu cheiro invadiu minhas narinas, afagou meus cabelos em um carinho gentil, passei meus braços pelo seu corpo acolhendo seu calor, não sei quanto tempo fiquei ali, ele não me soltou e também não disse uma palavra, o único som ali eram os meus soluços.

— Obrigada Kevin, obrigada por me trazer para casa. — quebrei o silêncio.

Ele respirou fundo e beijou o topo da minha cabeça, segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou não um beijo urgente, mas um beijo doce, cheio de significado, cheio de sentimento, não o evitei, eu só queria que ele ficasse ali comigo para sempre, ignorando todas as nossas diferenças, quando ele se afastou encostou sua testa na minha e fechou os olhos.

— Eu iria até o fim do mundo buscar você Vitória. — sentir seu carinho era reconfortante, seus dedos deslizavam pelo meu rosto. — Vem aqui.

Me puxou para seu colo, deitou na cama comigo, me aconcheguei em seu peito, me sentia segura, era difícil negar o óbvio e reconhecer que estávamos mais envolvidos do que eu gostaria de admitir, sentia sua respiração pesada e não demorou muito até eu pegar no sono.

— Vitória, acorde! — não sei quando tempo passou, a luz do sol foi substituída pela lua e ele ainda estava ali comigo.

— Oi, que bom que ainda esta aqui.

— Não ia sair à francesa, mas eu preciso ir — sua expressão mudou, estava preocupado, algo o incomodava.

— Kevin eu...

— Preciso voltar para casa, mas é só por um tempo, prometo que volto logo e quando se recuperar precisamos conversar.

— E voltar para casa significa que vai para onde?

— Hamburgo na Alemanha, mas eu prometo que assim que voltar vou responder todas as suas perguntas, tenho algumas coisas para te contar, mas precisa estar recuperada.

— Tudo bem — engoli minha curiosidade e o aperto que senti — Volte logo, por favor.

— Eu prometo.

Ele me deu um beijo e me abraçou forte mais uma vez, quando me deu as costas parou na porta e se virou buscando meus olhos, me deu um sorriso e saiu. Senti aquela sensação de vazio o frio se instalou naquele quarto, eu não sabia o que seria de nós dali pra frente, mas eu estava disposta a tentar.

CAPÍTULO 31

Vitória

Meus dias de recuperação passaram tão devagar que podia facilmente dizer que 24 horas eram pouco para apenas um dia, acrescentar cinco horas a mais nessa soma eu diria que seria mais válido do que as verdadeiras e reais horas estabelecidas, a terapia foi recomendado para que eu possa lidar com o trauma, Beatriz entrou em choque e sua recuperação foi mais lenta, chorava quando não tinha ninguém olhando, não sei se pelo fato de não poder mais dançar ou de ter perdido seu bebê, mas nem eu e papai tocávamos no assunto, não queríamos vê-la triste, então achamos melhor deixar que ela se abrisse conosco quando se sentisse confortável em compartilhar, estava muito frágil, mas eu acreditava que seu coração e o trauma seriam curados com o tempo.

Uma semana que Kevin se foi e desde então não entrou em contato, eu ficava ansiosa a espera de uma mensagem ou uma ligação, não saber nada sobre onde estava e se estava bem acabava comigo, quando eu fechava os olhos e imaginava ele comigo podia até sentir seu cheiro, era como se sua presença estivesse entranhada em meus poros, me apaixonei pela pessoa mais inconveniente do mundo.

Subestimar os sentimentos é o erro que a maioria das pessoas comete, às vezes idealizamos um par perfeito, mas ele não existe, e sim apenas aquela pessoa que parece te completar em todos os sentidos, sendo ela cheia de defeitos ou não, parecia que eu contemplava cada qualidade de Kevin, pontuar aquela famosa lista de prós e contras seria fácil, e tenho absoluta certeza que o lado do contra ganharia em disparada, porém era meu coração que falava por mim, eu queria viver essa paixão intensamente, lá no fundo algo me dizia que isso seria difícil e que alguma coisa estava errada, aquele nosso encaixe imperfeito poderia ser desfeito em milésimos de segundos.

A realidade me tomou quando o médico responsável pelo meu caso entrou no quarto comunicando minha alta, era hora de voltar para casa, me recuperar e voltar para meus pacientes, Jorge não estava mais no hospital, seu

quadro era estável e voltou para o lar, visitá-lo estava no topo da minha lista de coisas para fazer quando estivesse cem por cento recuperada, enquanto juntava algumas coisas meu pai entrou com seu semblante preocupado e aquele grande vinco entre as sobrancelhas que as vezes lhe entregava.

— Que cara é essa papai?

— Estou preocupado com Beatriz, ela vai ficar mais alguns dias, seu estado emocional é crítico.

— Pai, de um tempo e ela, o que passamos foi difícil, ela vai se recuperar e nada melhor que o tempo para curar nossas feridas, você mesmo disse isso quando perdemos a mamãe.

— Você esta certa. — me abraçou e deu um beijo no topo da minha cabeça. — Vitória?! Se algum dia eu precisar contar algo para você e sua irmã, algo que pode mudar toda a vida de vocês, você entenderia?

— Que enigma! O que quer dizer com isso?

— Quero saber se vai me perdoar se um dia eu magoar vocês de alguma forma?

— Pai, você sempre foi o melhor pai do mundo, nada e nem ninguém vai me fazer guardar rancor de você dentro do meu coração.

— Isso me tranquiliza filha! Vá para casa e descanse precisamos de você aqui no hospital e antes que esqueça, contratei alguns médicos, Rafael foi embora trabalhar em outro hospital.

— Fico aliviada de saber que não vou mais trombar com ele por ai.

— Vá descansar, Joana esta ansiosa e preocupada com vocês, vou ver sua irmã.

— Até mais tarde papai.

Estar em casa era reconfortante e acolhedor, me sentia segura e abraçada com todo o cuidado de Joana, vinha ao quarto toda hora ver se eu precisava

de alguma coisa, meu pai também quando estava em casa ficava um tempo conversando comigo, os dias foram seguindo assim, logo Bia também voltou, mas se isolou. Vez ou outra, eu ficava em seu quarto até que ela adormecesse sentia seu sofrimento e entendia perfeitamente suas razões.

Todo esse tempo Kevin sequer deu notícias, quando eu colocava minha cabeça no travesseiro a última coisa que enxergava antes de fechar os olhos por conta da medicação pesada eram seus olhos verdes e às vezes podia jurar que sentia seu abraço durante a noite, os pesadelos eram quase que constantes, mas seu abraço era o que me fazia dormir segura, aquele medo de que algo fosse acontecer era substituído pela segurança, mas sempre amanhecia sozinha, ainda tinha esperanças de que ele voltaria logo e mataríamos essa saudade louca que sentia.

Kevin

Quando cheguei a Hamburgo fui recebido pelos empregados, a casa estava vazia, a mesma organização de sempre foi mantida, depois de meses fora de casa era estranho estar de volta, não sei por que mas me sentia um intruso, o funeral de Lucio Collins foi um teatro total, olhar aquele caixão cheio de flores me doía de alguma forma, mas não conseguia me arrepender das decisões que tomei, ele podia ser o próprio diabo, mas era meu pai e nunca me colocaria acima de seus negócios e seu desejo insano de vingança, não derramei uma lágrima sequer, meus pensamentos naquele momento eram nulos, os cumprimentos que recebi eram falsos e vazios, o poder das empresas foi passado para mim e Klein a cada dia estava mais desinquieto, aquilo começou a me incomodar demais, porém não o questionei nenhuma vez, não entrei em contato com Vitória com medo de estar sendo monitorado e não o faria até ter certeza de que tudo estava em ordem.

Depois de tudo acertado voltei para Washington sozinho e sem avisar ninguém, a saudade apertava meu peito, direto olhava a foto de Vitória em meu celular que tirei enquanto ela dormia aconchegada em peito no hospital e pelas informações que obtive, ela já estava em casa e ainda se recuperava, devia estar me odiando por ter desaparecido, mas ainda não podia voltar, não

até ter certeza que Ruschel não havia estragado tudo.

Por vezes entrava escondido em seu quarto, assistia se debater na cama tendo sonhos ruins, me sentia culpado por tudo que a fiz passar e sem conseguir me conter deitava ao seu lado e a abraçava durante algumas horas e antes que amanhecesse o dia ia embora, durante o dia passava escondido em um hotel e administrava os negócios de longe e às vezes enquanto estava concentrado em tantas planilhas se eu fechasse os olhos eu podia jurar que sentia seu cheiro doce de frutas.

Como a fênix que renasce das cinzas eu renasci quando descobri que meu coração falava por mim, que todas as coisas ruins que já fiz no decorrer da vida foram inúteis e sem sentido, que fui um tremendo filho da puta, estava na hora de dar as caras e encarar a realidade, se Vitória iria me perdoar não sabia, mas ela precisava saber da verdade do a quem doer.

Invadi seu quarto e fiquei ali esperando ela chegar, sempre audacioso me sentei na cama e esperei, sabia que ela estava em casa e não ia demorar a chegar, a lua lá fora estava linda, brilhava clareando a escuridão da noite fria em toda sua magnitude, enquanto eu admirava o céu escuro ouvi o barulho da porta me levantei e me escondi, podia não ser Vitória, mas quando me certifiquei de quem se tratava fiz questão de aparecer.

— Boa noite minha linda.

Ela se assustou e de imediato levou a mão no peito, seus olhos faiscavam e logo se encheram de lágrimas que escorreram pelo seu rosto perfeito, Vitória correu para mim e pulou no colo enroscando as pernas em minha cintura e me abraçou encaixando seu rosto na curva no meu pescoço, a envolvi em meus braços e apertei firme, matando aquela saudade esmagadora, seu cheiro doce, sua pele macia, ficou assim por um tempo, eu não iria de maneira nenhuma quebrar aquele contato.

— Eu não acredito que está aqui de verdade Kevin.

— Eu voltei por você.

Sem pensar duas vezes encaixei seu rosto entrei minhas mãos e a beijei,

ela retribuiu na mesma sede.

— Não me deu notícias por todo esse tempo, estava preocupada.

— Precisamos conversar Vitória, mas antes eu preciso de você — eu não iria desperdiçar a chance de ter seu corpo no meu, essa poderia ser a última vez que ela iria me aceitar e desfrutar desse momento único era o que eu mais necessitava naquele momento.

CAPÍTULO 32

Vitória

A saudade apertava a cada momento, era difícil não ter notícias e aquela neura de que algo ruim havia acontecido já me perturbava, fiz uma maratona de filmes infantis, pois assistir um romance não seria nada agradável à minha sanidade mental nesse momento, quando meu corpo pediu para que me levantasse e fosse para o quarto tomar um banho e dormir, peguei a bacia vazia que há minutos atrás estava cheia de pipoca e o copo e os levei para a cozinha, lavei a louça para não deixar nada para Joana, ela sempre dizia que não precisava e que esse era seu trabalho, mas lavar alguns pratos e copos não iria fazer cair minhas mãos, quando tudo estava pronto subi as escadas em direção ao meu quarto e quando entrei senti seu cheiro no ar.

— Boa noite minha linda. — sua voz rouca me assustou.

Era ele mesmo?

Levei a mão no peito tentando acalmar meu coração que batia desenfreado, minha garganta quase se fechou e meus olhos arderam, tentei a todo custo conter as lágrimas que vieram sem permissão e logo me traíram escorrendo pelo meu rosto, não acreditava que a figura enigmática de Kevin Collins estava ali na minha frente, o cabelo sempre muito bem penteado, usava uma camisa azul claro com as mangas dobradas até os cotovelos deixando parte de seus desenhos a mostra, uma calça jeans surrada e botas, sempre naquele estilo único e despojado.

Sem pensar duas vezes não contendo a vontade que sentia de abraçá-lo corri em sua direção e pulei em seu colo, envolvendo minhas pernas em sua cintura, ele sustentou meu peso, enfiei meu rosto em seu pescoço buscando sentir seu cheiro e ele me abraçou forte, era o lugar em que queria estar a dias, dentro daquele abraço, quase desacreditando que aquilo não era uma alucinação.

— Eu não acredito que está aqui de verdade Kevin.

— Eu voltei por você.

Segurou meu rosto com carinho e me beijou, o beijo foi urgente, retribui com a mesma intensidade, sua língua quente na minha, seus braços em volta de mim, éramos apenas um, nosso momento, quando nos separamos não podia deixar de questionar sua ausência.

— Não me deu notícias por todo esse tempo, estava preocupada.

— Precisamos conversar Vitória, mas antes eu preciso de você — e atacou minha boca em um beijo feroz, o que ele tanto tinha para me falar iria esperar, pois nossos corpos pediam um ao outro, o desejo ali era tão palpável quanto sua presença real no meu quarto.

Ainda me segurando em seu colo Kevin se sentou na beira cama fazendo com que ficasse enlaçada em sua cintura, seu abraço era cada vez mais forte, sentia sua ereção pulsando dentro da calça, em contato com minha entrada, separados apenas pelo tecido de nossas roupas, eu usava apenas um short e um moletom, Kevin enfiou as mãos por baixo da minha blusa e acariciava minha pele, sentir seu carinho era tão bom que eu não queria que aquilo nunca tivesse fim.

— Eu estava morrendo de saudades, não aguentava mais ficar longe de você Vitória.

— E nem eu de você. — me levantei na intenção de passar a chave na porta, mas a excitação que sentia era tão intensa quanto ao homem ali sentado na minha cama, ele segurou minha mão impedindo que eu me afastasse. — Preciso trancar a porta, não estamos sozinhos.

— Então você precisa se conter no barulho — sorriu travesso, fui correndo até a porta e a tranquei, agora era só nós dois e mais ninguém.

Kevin tirou as botas e se arrastou para o meio da cama, passou a língua nos lábios e deu duas tapinhas na cama, parei ali na beirada e tirei meu moletom ficando apenas de sutiã e o shortinho do pijama, ele me olhou surpreso e mordeu o lábio inferior e aquilo me deixou ainda mais excitada,

me arrastei até ele, onde tomou minha boca com volúpia, entre beijos e carícias ele abriu o fecho do meu sutiã e desceu lentamente a alça pelos meus braços distribuindo beijos pelo meu ombro desnudo, fez o mesmo com o outro lado até eu estar livre daquela peça, segurou na minha cintura e subiu para as minhas omoplatas^[24] e desceu acariciando de leve com a ponta dos dedos.

Minha pele febril se arrepiava a cada toque, sua língua dançava com a minha a ponto de entorpecer meus sentidos, minha respiração estava ofegante me tirando da realidade, a umidade se acumulava entre minhas pernas e a cada segundo ele me deixava ainda mais sedenta e pedindo por mais, nossos murmúrios contidos eram abafados pela respiração entrecortada de ambos, Kevin nos trocou de posição com agilidade e tirou o que me restava de roupa, fiquei deitada sentindo seu peso sob meu corpo ele ainda estava todo vestido, sua língua molhada e seus lábios macios combinados com a sutil aspereza de sua barba começaram a deslizar pelo meu pescoço e foi descendo pelo meu corpo como em uma devoção genuína.

Não conseguia conter a eletricidade que percorria meu corpo e agarrei os lençóis com força quando senti sua língua quente tocando minha intimidade, quase gritei quando apertou meu clitóris levemente entre os lábios, depois me penetrou com sua língua experiente me levando a beira do abismo, subindo pela minha barriga e agarrei seus cabelos segurando perto da raiz, o puxei para mim com voracidade e invadi sua boca, ali tinha o meu gosto.

Ele ajoelhou-se entre minhas pernas e tirou a camisa jogando de lado, não cansava de admirar seu corpo, me sentei e passei minhas mãos em seu peito descendo por seu abdômen esculpido, abri o botão de sua calça e baixei o zíper com pressa, subi as mãos para sua cintura contemplando sua pele e as deslizei para a parte de trás tirando sua calça do caminho, agarrei sua bunda por cima da cueca ele gemeu e flexionou o quadril.

O acariciei e olhando para seu membro rígido dentro da cueca minha boca salivou com a vontade de também sentir seu gosto, não pensei duas vezes quando o agarrei e o enfiei na boca, passando a língua por toda sua extensão, logo ele me puxou para si beijando minha boca com paixão, éramos puro desejo e saudade.

Kevin cobriu meu corpo com o seu, pincelou minha entrada com seu membro, estava mais do que pronta para recebê-lo e em um movimento preciso me preencheu por inteira, todo seu volume majestoso e suas estocadas precisas me faziam arfar.

— Ah Vitória!

Sentia sua respiração em meu pescoço enquanto murmurava palavras inaudíveis, nossas mãos estavam entrelaçadas, quando ele soltou uma delas e apertou um dos meus seios, logo depois pinçou meu mamilo, o abocanhando logo em seguida.

Kevin era lindo, me arrebatou com sua beleza exótica e seu jeito ogro de ser, sua pele era como uma perfeita tela de pintura eu adorava seus desenhos, fazia o contorno de suas tatuagens com os dedos em seu ombro, suas estocadas eram tão precisas que iam de encontro com meu ponto mais sensível, o contraste da minha pele com a aspereza de sua barba me deixou em êxtase enquanto ele subia distribuindo beijos, quando ergui a cabeça lhe dando mais espaço e o contato da língua no meu pescoço me deixava ainda mais inebriada.

Ele uniu nossas mãos novamente acima de nossas cabeças como uma ligação comprometedora, colocou nossas testas e acelerou o ritmo, quase que não conseguia conter os gemidos que saiam pela minha garganta, quando achei que não ele me calou com um beijo.

— Olhe nos meus olhos Vitória. — não tinha como não obedecer, nossa ligação era única.

Fixei minha íris na sua, aquela sensação de aperto começou a se acumular no meu ventre e chegamos ao ápice do prazer juntos, ele se derramou dentro de mim, suas duas esmeraldas brilhavam ao encarar meus olhos azuis, nossas respirações estavam ofegantes e ansiosas contemplando aquele momento só nosso.

Kevin rolou do lado e me puxou para seu colo, ficamos ali um tempo em silêncio um apreciando a presença do outro, matando a falta que fizemos pelo afastamento repentino, Kevin era o homem da minha vida, demorei tanto a

ver isso, nosso envolvimento rápido e conturbado, mas aquela certeza de que o sentimento era verdadeiro, eu amava esse homem, bastava apenas admitir, mas eu ainda não tinha coragem de soltar aquelas palavras, então às guardei para mim, as coloquei em uma caixinha especial com chave, só esperando o momento certo para ser aberta.

— Olha lá fora como a lua esta linda hoje, estava admirando-a antes de você chegar.

— Lua cheia! Está linda mesmo, de todas as fases da lua essa é a que mais me encanta. — ele sorriu e me deu um beijo casto.

— Mais linda ainda é ver sua pele refletida apenas por essa luz natural que preenche o quarto.

— De todas as suas qualidades ser tão observador e um bom moço, esse é o lado que eu mais gosto em você.

— Que lado? — perguntou curioso.

— Você se faz de durão, mas ai dentro — coloquei a mão no seu peito — tem um coração grande, acho que usa uma máscara para esconder quem é de verdade. — ele se remexeu na cama, um tanto que incomodado com meu comentário.

— Não se engane tanto.

— Por quê?

— Porque depois do que tenho pra lhe falar creio que esse seu conceito sobre mim pode mudar. — aquilo me deixou em alerta — mas ainda não vamos falar disso, quero matar a saudade primeiro.

Kevin me abraçou forte, e dessa vez foi diferente e eu não sabia explicar o motivo.

CAPÍTULO 33

Kevin

Abracei Vitória forte, sentir seu corpo pequeno encaixado no meu era tão prazeroso quanto estar dentro dela ouvindo-a gemer baixinho, não demorou muito sua respiração ficou pesada indicando que o sono havia chegado, adormeceu nos meus braços mais uma vez enquanto eu contemplava sua beleza exótica e acariciava seus cabelos castanhos claros, mas o medo tomou conta do meu coração, não estava preparado para perder Vitória, mas não dava mais para adiar.

O desejo se torna rendição e a rendição se torna poder ou te leva à ruína, eu estava completamente entregue, meu coração era dela e seria pelo resto dos meus dias, mesmo não conseguindo seu perdão e não estando ao seu lado, aproveitei o resto da noite sentindo seu cheiro, agarrado ao seu corpo, não sei em qual momento peguei no sono, mas essa noite seria lembrada pelo resto da minha vida, pois era assim que queria tê-la todos os dias, nos meus braços e na minha cama.

Senti o colchão afundar ao meu lado e seu cheiro invadiu minhas narinas, quando abri os olhos encontrei dois diamantes azuis que brilhavam como nunca, seu sorriso reluzia, usava um roupão felpudo branco, seus cabelos estavam molhados pelo banho recente.

— Bom dia! — falou alegre.

— Bom dia minha linda — juntei seu rosto e lhe dei um beijo casto, Vitória me abraçou forte pulando no meu colo, retribui aquele abraço como se fosse à coisa mais importante da minha vida.

— Meu pai já sabe que passou a noite aqui. — fiquei surpreso com sua revelação e preocupado ao mesmo tempo.

— Preciso me preocupar se vou sair daqui vivo? — brinquei.

— Não seu bobo, meu pai é durão, mas não é um carrasco.

— Assim fico mais aliviado, vem aqui!

A puxei para mais um abraço, antes que tudo desmoronasse. Um tempo depois me levantei e tomei um banho rápido, observando cada detalhe do banheiro de Vitória, me vesti e voltei para o quarto a abraçando por trás enquanto ela vestia uma calça jeans, minha vontade era jogá-la no meu ombro e sumir daqui pra algum lugar onde nunca mais fossemos incomodados.

A virei para mim e rapidamente tomei sua boca com desejo passei as mãos pelas suas coxas e a ergui fazendo com que encaixasse as pernas ao redor do meu quadril, a encostei na porta do guarda-roupa, meu pau estava duro de tanto tesão, Vitória segurava meus cabelos e retribuía a cada carícia, éramos fogo puro, mas fomos interrompidos com batidas na porta.

Droga!

— Deve ser meu pai! — falou baixinho cobrindo a boca com as mãos contendo o riso por quase sermos pegos em flagrante.

Relutei em soltá-la, mas logo foi em direção à porta, tão linda com os cabelos úmidos revoltos e os pés descalços.

— Atrapalhei alguma coisa? — Isaac foi irônico quando entrou e me fuzilou com o olhar.

— Não papai! — foi inevitável perceber o leve rubor que tomou conta do rosto angelical.

Claro que atrapalhou! Mas falar essas palavras em voz alta e ser ousado a essa altura do campeonato não ia me ajudar, já estava fodido. Não precisava piorar a situação.

— O que faz aqui garoto?

— Vim ver Vitória!

— Óbvio, a mim que não seria, mas quero que saiba que sei quem entra ou sai da minha casa e para mim não é nenhuma surpresa ver você aqui, sei também que não é a primeira vez que entra aqui escondido.

O velho era durão e estava colocando ordem em seu território, mas isso não me assustava nenhum pouco.

— Não vou me desculpar por isso, porque não me arrependo.

— É claro que não — falou sarcástico.

— Parem de se alfinetar, mas confesso que é engraçado assistir! — seu rosto mostrava que se divertia com nossa pequena discussão, mas quando lembrei que agora era a hora o sorriso sumiu do meu rosto.

Então sem mais rodeios fui direto.

— É melhor vocês sentarem, o que tenho para falar não vai agradar nenhum de vocês!

Vi a preocupação estampada na cara de Isaac, ele entendeu meu recado e antes que começasse a falar ele olhou para Vitória e seus olhos lacrimejaram e uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto cansado, resolvi me abster de algumas informações e deixar que ele contasse a Vitória sobre a adoção.

— Isaac, acho melhor você contar a ela! — incentivei, ele me olhou e apertou à boca meio transtornado, eu não era ninguém para me meter no assunto deles, mas por uma fatalidade tudo estava interligado e eu fui a causa de toda essa confusão, ele abaixou a cabeça e abraçou Vitória que não entendia nada do que acontecia ali.

— O que está acontecendo aqui? Não estou entendendo nada, por favor, estão me assustando.

Isaac a soltou e se sentou na poltrona que havia no canto do quarto, Vitória ficou em pé olhando de mim para ele, seu semblante era de preocupação, sem poder fazer absolutamente nada cruzei os braços e encostei-me à parede esperando a avalanche de informações que seriam

despejadas em cima dela nesse momento.

— Filha, lembra quando lhe perguntei se me perdoaria se um dia magoasse você e sua irmã?

— Você vai fazer isso agora? — falou cruzando os braços como se quisesse criar um escudo de proteção, parecia que sabia o viria a seguir.

— Quando sua mãe e eu nos casamos ela estava entre a vida e morte, você sabe de toda a história, não conseguimos ter filhos por conta de todos os imunossupressores que Raíssa tomava devido o transplante, então nós resolvemos adotar... — ela o interrompeu, acho que esse era o momento de escolher as palavras certas quando fosse minha vez de lidar com a verdade.

— Então eu e Beatriz não somos suas filhas? — a calma que Vitória demonstrava me deixava ainda mais nervoso, o que me fez admira-la ainda mais.

— São filhas do meu coração.

— Pai, eu... — os olhos da minha menina encheram-se de lágrimas e correu para os braços do pai, que a abraçou de volta chorando também.

— Me perdoa filha, não queria esconder isso de vocês, mas quando chegamos naquele abrigo e vimos você e sua irmã, sabíamos que seriam nossas, quando vocês chegaram nossa vida ficou ainda mais completa.

— Eu te amo papai, já suspeitava disso por conta da nossa tipagem sanguínea^[25], na residência por curiosidade li todo prontuário da mamãe, vi tudo o que fizeram por ela e lá não foi registrado nenhum pré-natal, ou cesárea, absolutamente nada sobre uma possível gestação, mas nunca questionei, isso para mim não importa, você e mamãe são as melhores pessoas desse mundo.

— Eu te amo filha.

Aquela cena era de foder com meu juízo, meu coração se apertou no peito por ter feito tudo o que fiz, meu lugar ao lado do diabo estava reservado.

— Sou adulta o suficiente para entender isso, nada vai mudar, só acho que você deveria ter confiado mais em nós e falado com a gente antes pai, mas uma coisa que não me entra na cabeça é o que Kevin tem haver com tudo isso? — me encarou com suas íris azuis expressivas.

— A culpa de tudo isso é minha Vitória! — falei sério.

— Como assim?

— Antes de continuar quero saber se conheceu Andrei Ruschel quando foi para a Rússia?

— Acho que sim, era um dos investidores do hospital, mas por que a pergunta?

— Ele é seu verdadeiro pai! — falei em rodeios.

— Agora faz mais sentido à conversa que ouvi dele com o chefe do hospital e as perguntas que me fez! Mas espera aí Kevin, como você sabe disso tudo?

— Porque foi o meu pai, Lúcio Collins, que tirou você e Beatriz de Andrei quando ainda eram crianças e fez seu pai biológico acreditar que estavam mortas.

CAPÍTULO 34

Vitória

As palavras que saíram da boca de Kevin naquele momento me deixaram atordoada, jogar aquela informação em cima de mim sem nenhuma delicadeza, foi como se ele tivesse me mandado segurar um saco de areia sem estar preparada para o impacto.

— O que? — Ele parecia ter relaxado seus ombros, passou as mãos no rosto escondendo a face e me deu as costas.

— Não me de as costas! — falei mais alto do que deveria.

Meu pai parecia estar avesso à situação, estava calmo e encarava Kevin esperando alguma explicação plausível para tudo aquilo.

— Vitória eu...

— Eu o que Kevin? — queria respostas, agora mais do que nunca.

— Não sei por onde começar.

— Pelo começo! — dessa vez foi meu pai que interferiu, encarando o homem a nossa frente tão curioso quanto eu para enfim esclarecer toda essa confusão.

Kevin se sentou na pequena poltrona, apoiou os braços nos joelhos e abaixou a cabeça unindo as mãos tentando conter sua inquietação.

— Quando eu era moleque, meu pai e Ruschel mantinham o respeito entre si, cada um tinha seu campo de atuação dentro das atividades ilegais que praticam, até negócios faziam juntos. Eu tinha um irmão mais velho e ele era o garoto prodígio, iria herdar todo o império que meu pai construiu comandando tudo de perto, para meu pai o destaque que Cezár teve nas negociações era uma coisa que nunca deveria perder porque ele realmente era

um cara incrível em tudo que fazia, ele era seu motivo de orgulho, até hoje eu sinto falta dele, era meu amigo e me ensinou muita coisa.

Ele parou respirou fundo, como se pensasse cuidadosamente em cada palavra, abaixou a cabeça e depois encontrou meus olhos, parecia engolir seco, seu pomo de adão subia e descia em sua garganta, suas emoções pareciam que brigavam dentro de si.

Meu coração batia fora de ritmo, meu cérebro precisava de mais oxigênio para guardar cada informação que saia da sua boca, assimilar cada verdade por trás dessa teia de mentiras seria um desafio.

— O que seu irmão tem haver com tudo isso? — perguntei com aquele nó se formando na garganta.

— Andrei Ruschel matou meu irmão em uma negociação com um tiro na cabeça, depois disso meu pai jurou vingança e disse que ele pagaria na mesma moeda, foi aí que ele tirou Beatriz e você de casa e despachou para os Estados Unidos quando eram crianças.

Saber que indiretamente eu estava envolvida no mundo do crime que causava enjôo, sentia a bÍlis^[26] subir na garganta, mas fui forte, tentei manter a pose, mas por dentro estava desmoronando.

— Que negócios são esses?

— Você não vai querer saber!

— FALA — gritei, perdendo meu ponto de equilíbrio.

— Também quero saber Kevin, preciso saber com o que estamos lidando — meu pai transparecia calma, era observador e na certa avaliava cada movimento que Kevin fazia, até sua respiração.

— Tráfico de armas e lavagem de dinheiro, nossas famílias fizeram fortuna com isso.

— Me explica, quero saber de tudo, de cada detalhe.

— Lucio Collins e Andrei Ruschel, justificam suas fortunas através de suas empresas fantasmas, a forma ilícita como operam por anos é essa, a emissão de notas fiscais frias são mais comuns do que você imagina, o envolvimento é muito grande, eles tem médicos, engenheiros, advogados, consultores, entre outros profissionais todos em sua folha de pagamento.

— Por que só agora resolveu me contar isso? — eu tinha muitos questionamentos.

— Porque não esperava me envolver tanto com você, o plano era só me aproximar o suficiente para ter informações relevantes para mandar para atormentar Andrei e fazê-lo sentir na pele o que era perder um filho, desde cedo isso ficou muito claro para mim, era tudo o que meu pai queria e consequentemente eu também.

— Você me usou então!

— No começo sim! — aquilo foi como se tivesse levado uma facada no peito, doía demais. — Mas todo o nosso envolvimento foi involuntário, não estava nos planos.

— Eu quero que você suma da minha frente e também deixe minha família em paz, por sua culpa quase abusaram de Beatriz, meu pai se chama Isaac Hale e minha mãe Raíssa Montenegro, não importa se o sangue que corre em minhas veias não é o deles, vocês me fizeram um favor me tirando de toda essa podridão, daquele lugar e daquela família. — não consegui mais conter as lágrimas que derramavam em grande volume pelo meu rosto, queimando meus olhos — Vai embora daqui, some da minha vida, não apareça mais, EU ODEIO VOCÊ!

— Vitória, por favor, me apaixonei por você e fiz de tudo para que esse sequestro não acontecesse!

— MENTIRA! Você é um filho da puta mentiroso.

Kevin

Vitória chorava tanto, não suportava ver os soluços que dava e não poder consolá-la, eu era um desgraçado filho da puta, ajudei a causar dor a uma família inteira e a mim mesmo.

Esperar que algo nessa vida fizesse sentido em demasia é algo cansativo e confuso, aquela busca incessante pela realização era apenas o reflexo de más escolhas.

Queria pegá-la no colo e cuidar da minha menina, curar suas feridas que eu mesmo causei, destrocei seu coração e o pior era admitir a culpa, Isaac parecia absorver cada informação, estava calado só observando, Vitória andava de um lado para o outro com as mãos na cabeça, seu choro era desesperador, mas tinha que perguntar, não poderia ir embora sem ouvir da sua boca a palavra que tanto almejava nos últimos dias, mesmo já sabendo a resposta.

— Por favor, Vitória, preciso que me perdoe.

— Como pode me pedir perdão depois de tudo que fez?

— Fui tão vítima quanto vocês.

— Não Kevin, não foi!

— Vou deixar vocês se resolverem, quero você em meu consultório amanhã rapaz, ainda tenho dúvidas e preciso esclarecê-las mas esse não é o momento. — Isaac nos interrompeu, foi solícito em suas palavras, mas via em seu semblante que não estava contente.

Mas quem estaria?

Despejei toda merda que fiz de uma só vez, não poderia ser de outra forma e eu não saberia fazer de outro modo.

— Claro Dr. Hale.

Quando a porta do quarto bateu o silêncio reinou naquele espaço, o ar ficou denso, só escutava os soluços involuntários de Vitória, esperei que se

acalmasse para tentar conversar, demorou, esperava aflito, mas quando o fez suas palavras foram duras.

— Vá embora, não quero te ver nunca mais.

— Vitória, se vai me ouvir não sei, mas fiz de tudo para não me aproximar demais, mas você me encantou com seu jeito doce, sempre fui amargo por dentro e você despertou algo em mim, me apaixonar por você e assumir isso foi mais difícil do que imaginei, quando percebi estava mais envolvido do que deveria, o ódio foi alimentado no meu coração por muito tempo, que vingar a morte do meu irmão se tornou algo imprescindível pra mim, mas desisti disso tudo, enfrentei meu pai de uma maneira que nunca achei possível e fiz algo que nunca vou me perdoar, mas magoar você foi a pior coisa que fiz nesse jogo todo.

Vitória

As palavras que saiam de sua boca pareciam indiferentes para mim nesse momento, a avalanche de sentimentos e de informações em que fui exposta foram tão abrasadoras e inconvenientes a ponto de me deixar entorpecida, acho que de todas saber que meu pai de verdade não se chama Isaac me deixou ainda mais sem chão.

Meu coração foi destruído em mil pedaços, o homem no qual me entreguei e que achei que amava me usou como se fosse uma boneca de pano para seus planos mais sujos de vingança, estava fadada ao fracasso, pois todo homem que me envolvi me magoou imensamente e a pior delas veio da pessoa que mais me deixou nas nuvens, a queda foi tão dolorosa quanto esmagadora.

Ele se aproximou devagar, dei dois passos para trás e lhe encarei nos olhos, o gosto amargo que sentia na minha boca era intenso.

— Vai embora, não quero te ver nunca mais — falei baixinho, quase sem forças.

— Eu... — não deixei que terminasse.

— Nessa história toda você foi o juiz, o jurado e o executor, a soberba precede a ruína Kevin Collins e essa é a ultima vez que seu nome sai da minha boca.

CAPÍTULO 35

Vitória

Kevin saiu do meu quarto, a forma inconveniente que ele invadia meu espaço era especial, de certa adorava tê-lo por perto, mas ser exposta a tanta coisa ruim fez com que meu teto desabasse e saber como as coisas seguiriam seu curso era impossível.

Colar cada pedacinho do meu coração era ainda pior, aquelas marcas estariam ali pelo resto dos meus dias, sempre estaria faltando alguma coisa e minha lista de péssimas escolhas para homens tinha mais um nome e o dele estava grifado e marcado como o pior deles.

O tempo parecia não andar, a cada dia que passava ficava mais difícil, o trabalho estava sendo meu ponto de apoio principal, passei a visitar com frequência o lar de idosos onde Jorge morava, pude notar como tudo era humilde, mas muito bem cuidado, os cuidadores e outros profissionais que se dedicavam por completo, aquelas pessoas, realmente faziam seu trabalho com amor, cada idoso acolhido ali naquele lar tinha uma história de vida por trás daquelas rugas no rosto e olhos tristes, o lugar que mais me ensinou a viver foi aquele abrigo, aprendi que muitos se contentam com tão pouco enquanto outros pisam e maltratam para ter sempre mais, pessoas que cuidaram de seus filhos a vida inteira e quando necessitaram de auxílio foram abandonados a própria sorte, um história diferente da outra, uma particularidade em cada vida, era muito triste e ainda é pensar em tudo aquilo e saber que é a realidade escondida por trás de coisas que as vezes nem imaginamos existir.

Jorge era meu confidente, soube de cada detalhe do sequestro, se emocionou, se preocupou, quando contei tudo o que aconteceu a ele que ouviu atentamente cada palavra, sua resposta me deixou surpresa, ele era sábio o suficiente para me dar os melhores conselhos e ouvir a verdade às vezes doía também.

— Você tem certeza que o odeia dessa forma como fala menina?

— Absoluta!

— Perdoe menina Vitória, o ódio e o rancor não fazem bem ao coração, se ele for a sua pessoa cedo ou tarde seus caminhos vão se cruzar novamente.

Acreditar em suas sabias palavras era como estar no meio de uma ponte, ir ou vir sob um rio de águas agitadas, mas tendo a certeza de que em qualquer um dos lados seria uma escolha difícil e que poderia me machucar ainda mais, então resolvi guardar apenas para mim qualquer que fosse minha decisão, pois eu não estava pronta para perdoar.

Os dias foram seguindo seu curso e a cada dia que passava aceitar tudo o que aconteceu ficava ainda mais difícil.

A questão era que o tempo deveria fazer com que ficasse mais fácil, mas as atitudes que aquele homem teve comigo e com minha família eram inaceitáveis, o perdão que Jorge tanto me falava era uma coisa ainda mais distante das minhas intenções, então ergui um muro em volta do meu coração, paredes impenetráveis e decidi de uma vez por todas nunca mais entregar meu coração a ninguém. Chega de expectativas e principalmente de me frustrar com cada uma delas.

Voltei ao trabalho cem por cento focada, entrar naquele laboratório de pesquisa me doía, parecia que aquilo tudo era dele, e de fato era! Aceitei que foi a única coisa boa que Kevin fez com esse desejo perturbador de vingança, já estava pronta para a próxima fase da pesquisa, tinha certeza que meu estudo beneficiaria muitas pessoas, mesmo sendo financiado com dinheiro sujo as estatísticas e probabilidades eram boas e vidas seriam salvas.

Nem me dei conta do horário enquanto estava concentrada fazendo algumas considerações para meu artigo científico apenas quando meu estômago roncou, meu relógio biológico avisava que eu precisava me alimentar para poder aguentar as horas exaustivas dos plantões, quando olhei no meu relógio de pulso eram quase duas da manhã, saí trancando a porta para ir em busca de qualquer coisa que acalmasse meu estômago.

No caminho para o refeitório passei pela ala onde estavam meus pacientes, tudo estava calmo, no refeitório enchi um copo com o líquido

escuro e fumegante e o cheiro do café fresco preencheu minhas narinas, respirei fundo quando tomei o primeiro gole, conseguindo relaxar um pouco a tensão instalada nos meus ombros por ter ficado tanto tempo sentada na mesma posição, mas ouvir meu nome ecoando pelos alto-falantes do hospital me deixou em alerta.

"Doutora Hale, por favor, comparecer a emergência".

Saí praticamente correndo, logo meu celular apitou me avisando o mesmo, quando cheguei ao pronto socorro a ambulância já encostava, vesti o jaleco descartável e as luvas e fui de encontro, meu coração doeu quando vi o paciente naquela maca, era Jorge, os socorristas me passaram os sinais vitais que estavam descompensados e todo o ocorrido, sabia que essa poderia ser a tão temida hora da despedida.

O chamei algumas vezes e não tive resposta, o examinei e fiz um exame neurológico rápido.

— Encaminhem direto para a tomografia, quero uma tomo de crânio e uma do abdômen, chamem a neurologia também.

Enquanto Jorge era levado para a sala de exames, dei uma olhada em seus últimos resultados, o prognóstico desde o início não era bom, ao chegar às imagens na tela da tomografia do abdômen pude notar que as metástases haviam tomado boa parte de seus órgãos, a única coisa que eu poderia fazer agora era mantê-lo confortável, já que não havia um plano de tratamento viável a seguir, meus olhos ardiam em pensar que meu amigo estava partindo, mais cedo do que previ, mas enxuguei com rapidez aquelas lágrimas que escorreram sem permissão quando fui interrompida.

— Com licença doutora Hale, pediu a avaliação de um neuro? — a voz era conhecida, quando olhei para o lado a figura sublime de Thomas Hard encostado na porta de braços cruzados me surpreendeu.

— Hard, o que faz aqui? — eu realmente estava surpresa, ele se aproximou e me cumprimentou cordialmente.

— Eu disse que nos veríamos em breve. — o olhei curiosa e lembrei-me

de sua fala no aeroporto quando nos despedimos na Rússia. — Faz tempo que estava avaliando uma proposta do doutor Isaac Hale, realmente não pude recusar e confesso que tive um incentivo a mais para vir para outro continente.

Em meio a tanta confusão recordei que meu pai havia dito que faria algumas contratações, mas jamais imaginaria que Hard pudesse estar entre elas, uma surpresa mais do que agradável, mas entender seu trocadilho que teve um motivo a mais para vir para os EUA foi inevitável, sua amizade seria muito mais do que bem vinda, mas pensar em me envolver com alguém agora estava fora de cogitação.

— Bom doutor Hard, vamos ao que interessa! — ele se sentou ao meu lado enquanto aguardávamos as imagens da tomografia de crânio chegar, o coloquei a par do caso e enfatizei o quanto aquele paciente era especial para mim, depois de um tempo seus olhos se fixaram na tela do computador a nossa frente.

— Veja Vitória, é um AVC hemorrágico, os pontos de sangramento são grandes.

— Como vai proceder?

— Cirurgia! Vou ter que inserir um cateter para aliviar a pressão dentro do crânio, mas corre o risco de haver outro sangramento, porém você sabe a idade avançada e seu estado já não colabora, ele pode não resistir.

— Faça o que puder, por favor, da minha parte enquanto oncologista, não posso fazer mais nada, apenas mantê-lo confortável.

— Como o conheceu?

— Longa história, outra hora lhe conto.

— Vou cobrar! — Lhe dei um sorriso contido e confirmei com a cabeça.

Sabendo de todo procedimento que seria feito, ali mesmo naquela sala de exames fechei os olhos e abaixei a cabeça, pedindo em uma oração silenciosa

o que era praticamente impossível.

— Quer acompanhar o procedimento?

— Melhor não, vou esperar notícias aqui fora.

Thomas era gentil, atencioso, inteligente, um exímio profissional, enquanto andávamos pelos corredores do hospital era notável o olhar das mulheres em cima dele, tanto aqui como notei lá na Rússia o homem exalava masculinidade por onde passava.

Depois que Jorge foi preparado para a cirurgia e sedado voltei para meu laboratório, olhava no relógio de cinco em cinco minutos, não conseguia me concentrar em nada, e também não queria voltar ao centro cirúrgico até o final do procedimento.

Quando resolvi voltar para ter notícias, Thomas me olhou através do vidro da sala em que nós médicos usamos para nos lavar, desviou o olhar do meu e lamentou, balançou negativamente a cabeça, ali soube que tinha perdido meu amigo, uma perda tão dolorosa quanto à da minha mãe, as pessoas boas se vão logo, mas deixam sua marca no coração das pessoas que as amam. Sai dali correndo, parecia uma criança sem rumo, quando esbarrei em alguém.

— Doutora Hale, porte-se como tal, por favor! — fui repreendida, e aquela voz me confortou, era meu pai, quando o olhei e ele viu meu estado emocional me abraçou sem pensar suas vezes, o cara durão e chefe do hospital tinha se retirado e o pai protetor tomado posse. — O que houve filha?

Não conseguia responder, o choro veio forte, a dor da perda era intensa, meu pai e minha irmã eram as únicas pessoas nesse mundo que me restavam e não suportaria perdê-los também.

Papai levou-me para seu escritório e depois de termos conversado me deixou ali sozinha para que pudesse colocar minha cabeça no lugar, deitei no sofá que havia ali e as lágrimas jorraram mais uma vez molhando a pequena almofada em que pousava a cabeça, minhas narinas ardiam e a garganta doía

em uma tentativa insana de tentar me conter, até o cansaço vencer meu corpo e o sono vir pesado me tirando da realidade e me levando para o meu inconsciente.

Não sei por quanto tempo dormi, mas fui acordada com um carinho leve na cabeça.

— Filha, acorde, tem uma pessoa que quer conversar com você. — quando abri os olhos à claridade que invadia a sala me incomodou, o sol já brilhava lá fora e senti um mal estar — levante-se, vá lavar o rosto e recomponha-se.

— Quem é? — minha pergunta fez com que o velho Isaac coçasse a nuca e apertasse os lábios — Não sei se isso é bom ou ruim Vitória, é melhor estar preparada.

CAPÍTULO 36

Kevin

Entrar no prédio da empresa Ruschel era como estar entrando na cova dos leões, minha visita seria decisiva, sem mais rivalidade, sem vingança, queria libertar meu coração daquele sentimento que só fodeu com toda a minha vida.

— Por favor, gostaria de falar com o senhor Andrei Ruschel.

— Tem horário marcado? — palhaçada.

— Não! Não tenho, diga a ele que é Kevin Collins quem está aqui e que não irei embora até resolver as pendências que tenho com ele.

Impor minhas vontades a alguém nunca foi um problema, a mulher na minha frente arregalou os olhos, pegou o telefone discou um número e depois de algum tempo liberou minha entrada.

No elevador fechei os olhos e respirei fundo, não seria nada fácil estar aqui na frente de um cara que odiei a vida inteira, ou pelo menos fui obrigado a odiar. Quando as portas se abriram adentrei um saguão impecavelmente organizado e limpo o piso escuro de mármore brilhava tanto que era impossível não reparar.

— Senhor Collins, aguarde um momento, por favor, o senhor Ruschel logo irá atendê-lo — fui interrompido por uma das secretárias e pude notar olhares para cima de mim, minha aparência nunca foi tão notada, mas também não me senti acuado, dei um sorrisinho sem graça daqueles que remetem a percepção de estar sendo observado e quando encarei uma das moças ali ela desviou o olhar rapidamente voltando aos seus afazeres.

Sentei-me na sala de espera e fiquei ali observando o ambiente até uma senhora de cabelos grisalhos perfeitamente vestida aparecer e me chamar.

— Por favor, senhor Collins, entre!

Ela fechou a porta atrás de mim e me deparei com um velho me olhando de cara feia, coloquei na frente minha melhor manobra de negociação e calma para enfrentar aquilo.

— O que faz aqui? — Foi o primeiro a se manifestar.

— Quero conversar!

— Não tenho tempo para isso!

— Vai ter quando escutar o que tenho para falar! — me sentei na poltrona que estava à frente de sua mesa e coloquei uma perna em cima da outra tentando parecer confortável.

— O que quer Collins?

— Fui eu que mandei as imagens e os vídeos de Vitória e Beatriz Hale, creio que você já tenha investigado e sabe que elas são suas filhas.

O velho se sentou e levou a mão no queixo incrédulo com a notícia, ganhei sua atenção com poucas palavras, à conversa seria longa, ele pegou o telefone e comunicou a secretária.

— Desmarque todos os meus compromissos de hoje!

Vitória

Meu pai me deu um tempo para que eu pudesse me recompor lavar o rosto e tirar o uniforme amassado, quando retornei ao seu escritório Andrei já estava lá, sentado de frente para Isaac, pareciam conversar amigavelmente, mas o vinco estampado no meio das sobrancelhas do meu pai não o deixava esconder sua preocupação, respirei fundo e engoli seco.

O que iria falar agora?

E como seria daqui pra frente?

Enfiei as mãos no bolso do jaleco, ele usava um terno bem cortado em tom pastel, uma camisa branca com o colarinho aberto, sua fisionomia pesou em minha mente com a conversa que tivemos na Rússia, quando desviou a atenção de Isaac para mim senti curiosidade em seu olhar, confesso que estava assustada e sem saber como reagir.

— Boa tarde filha! — a palavra filha pesou mais do que deveria.

— Oi!

— Posso te abraçar?

Sem palavras apenas dei de ombros concordando, aquele era meu pai de verdade, às vezes era difícil de acreditar em tudo o que aconteceu, mentiras em cima de mentiras, desavenças e o descontrole de terceiros que levou toda essa confusão.

Quando Andrei passou os braços em volta de mim me senti diferente, fechei os olhos e por mais incrível que pareça aproveitei o momento, olhei meu pai por cima dos ombros de Andrei, aquele pai de verdade, que cuidou de mim por toda vida, ele sorriu me confortando, seu olhar dizia algo a respeito, mas não conseguia identificar.

— Vou deixar vocês a sós para que conversem — Isaac se pronunciou.

— Por favor, fique! — Andrei pediu. — Quero conversar com todos, onde está Beatriz?

— Beatriz saiu do país. — minha irmã havia saído de casa para viajar a alguns dias e só soubemos quando já estava fora, não nos disse para onde ia, só falou que precisava de um tempo para se recuperar de todo o ocorrido e que logo estaria de volta, nós não a questionamos, pois sabíamos muito bem como ela lidava com as coisas. — Não sabemos para onde foi, mas logo estará de volta.

— Tem algo haver com o sequestro?

— Beatriz tem um espírito livre, uma menina de ouro, passou por uma situação muito difícil além do sequestro, então melhor conversar quando ela se sentir a vontade.

— Você a conhece muito bem.

— Claro! Ela é minha filha! — se impôs.

Andrei olhou para Isaac como se fosse interrogar algo, mas ambos sabiam que ninguém estava em posição de fazer questionamentos, pois todos sofreram com a situação de alguma forma, ele se sentou na poltrona onde estava antes que chegasse e apontou a poltrona ao lado para que me sentasse, o fiz, mas ainda fiquei desconfortável sem saber muito como reagir.

— Bom! Acho que devo explicar tudo do início, mas antes de qualquer coisa quero que saibam que se estou aqui hoje é na melhor das intenções.

— Foi bom que veio senhor Rushel, é bom que esclarecemos toda essa história.

— Exato doutor Hale — Andrei se virou para mim e segurou forte minha mão. — Primeiro quero que saiba que nunca desisti de encontrar vocês, naquela noite quando Elisa e eu chegamos em casa e encontramos tudo revirado, havia sangue no chão e o quarto de vocês estava destruído, imaginamos mil coisas, o desespero foi tão grande que não conseguia pensar direito. Nunca imaginei que Lúcio Collins teria algo haver com o ocorrido e depois de anos de procura sem nenhuma pista do seu paradeiro o caso foi arquivado.

— Você matou o filho dele? — as palavras saíram com tanta naturalidade da minha boca que nem me dei conta.

— Não, eu estava lá, mas não fui eu quem atirou. — Realmente não queria saber, o culpado disso tudo nunca ia dar as caras e assumir a culpa.

— Olha senhor Ruschel, sinceramente não tenho interesse em saber de seus negócios ilícitos, Beatriz e eu estamos bem aqui, com a família que nos

criou, sei que o senhor passou por um momento difícil, mas já se passaram muitos anos, o que mais quero é seguir a minha vida sem mais problemas e muito menos quero descobrir mais alguma coisa entre essa rixa que existe entre sua família com a família de Kevin Collins, o que mais desejo no fundo do meu coração é passar uma borracha em tudo e deixar isso no passado e seguir em frente.

— Minha filha... — ergui a mão pedindo para que me deixasse continuar.

— Por favor, me deixe terminar! Quero que saiba que pode vir nos visitar sempre que desejar, mas sinceramente não quero participação nenhuma em seus negócios, não posso falar por Beatriz, mas garanto que ela também não terá interesse.

— Jamais envolveria vocês em algo do tipo!

— Acho bom! — Isaac se pronunciou — Jamais iria permitir, elas podem não ter meu sangue, mas são minhas filhas, iria até o inferno para protegê-las, não importa quantos leões eu tenha que enfrentar.

— O maior leão foi abatido pela nossa filha! Está tão entregue que jurou protegê-la até dele mesmo.

— De quem está falando? — interferi.

— Collins! Ele me procurou e falou do que aconteceu desde o início até o seqüestro onde fiquei desesperado quando recebi notícias de vocês, movi um exército para tentar resgatá-las, mas cheguei tarde, Kevin levantou a bandeira branca, sem mais desavenças agora e me fez entender tudo.

Aquela notícia fez meu estômago revirar, ouvir o nome de Kevin me afetava demais e mais uma vez a bile subiu pela minha garganta.

— Se me dão licença, preciso sair!

Quando sai daquela sala e fechei a porta atrás de mim, o ar começou a faltar e minhas pernas fraquejaram.

Meu Deus aquele homem tinha tanto poder sob mim que até de longe me

afetava, sem querer recordei de um fato, uma coisa não tinha nada haver com a outra, mas a lembranças foi viva demais para ser ignorada, mais que depressa tirei o celular do bolso e verifiquei meu calendário.

— Meu Deus, Não!

CAPÍTULO 37

Vitória

Enquanto estava ali, encostada na parede tentando entender o que estava acontecendo, fui interrompida pela voz grossa do meu pai.

— Vitória está tudo bem?— Apenas o olhei e neguei com a cabeça — Andrei contou o que houve naquela negociação onde irmão de Kevin morreu, venha.

— Não papai, agora não, por favor, preciso de um tempo. — virei as costas e saí.

— Vitória! — seu tom de repreensão foi abafado pelas mãos que coloquei nos ouvidos.

Eu não tinha mais Jorge e nem Beatriz aqui comigo para desabafar, único lugar que me faria me sentir segura de qualquer um era o meu laboratório, quando entrei e passei a chave na porta fechei as persianas excluindo qualquer olhar curioso, ali dentro, isolada e sozinha era como queria ficar naquele momento.

Um milhão de pensamentos na minha cabeça, que falava uma coisa e o coração outra, não sabia qual deles ouvir, mas pela lógica o certo era ir pela cabeça, mas meu coração falava mais alto, o caminho a seguir era difícil e tempestuoso, se ao menos soubesse em qual deles continuar pois ficar estagnada no meio da ponte era pior.

Peguei meu celular e abri o aplicativo de mensagens, cliquei na conversa de Kevin, sua foto não aparecia mais, digitei algumas palavras e fiquei analisando se mandava ou não, até apagar todas e escrever de novo.

Não!

Se minhas suspeitas estivessem certas eu seguiria com isso sozinha, então

apaguei minhas palavras escritas ali e guardei o aparelho.

Enquanto eu estava ali sentada no chão olhando para a parede branca e pensando no que fazer não me dei conta da hora, apenas quando recebi um chamado de emergência, me levantei e passei a mão no rosto em uma tentativa de disfarçar o inchaço e saí.

Na ala pediátrica da oncologia uma das crianças estava entrando em falência múltipla de órgãos, a preocupação em salvar a vida daquela pequena era fundamental, não havia muito que pudesse fazer, o câncer tomou conta de todos os tecidos saudáveis que restavam, uma cirurgia para tirar as metástases era inviável, pois a saúde já deteriorada daquele anjo não aguentaria horas de sedação.

Então fiz o que qualquer médico odeia fazer, comuniquei a família sobre os fatos e infelizmente aquela vida foi levada no fim do dia.

Mais uma perda.

Que merda!

Tudo conspirava contra mim nos últimos dias.

Depois de um tempo fui para o refeitório pegar um café forte, me sentei em uma das mesas e tomei o primeiro gole, o líquido desceu suave pela minha garganta.

— O que faz aqui sozinha?

— Oi Thomas.

— Que desanimo é esse? E essas olheiras?

— São perguntas difíceis de responder, mas posso tentar. — ele abriu aquele sorriso lindo para mim me motivando a falar.

— Sou todo ouvidos!

— Perdi um paciente! — estava na dúvida se contava ou não o restante da

história — E...

— E?

— Aí Thomas, é complicado!

— Quando se sentir a vontade e quiser conversar, estou aqui.

— Me fale um pouco de você?— tentei mudar o foco do assunto! — Por que resolveu vir trabalhar do outro lado do mundo?

— Escolhas Vitória! Acho que devemos correr atrás do que desejamos.

Minhas mãos estavam unidas em cima da mesa e Hard colocou a sua por cima e fixou seus olhos nos meus e entendi seu recado, então tentei ser o mais justa possível comigo mesma e principalmente com ele.

— Thomas, serei bem sincera com você, passei por uma situação bem difícil onde me envolvi com uma pessoa que virou meu mundo de pernas para o ar...

— Me deixe tentar colocar seu mundo de volta no eixo! — Parabéns Hard, direto ao ponto!

— Não é tão simples.

— Por que não? — sua insistência estava me deixando sem saída.

— Vou tentar resumir! Creio que saiba que minha irmã fomos vítimas de um sequestro.

— Sim!

— Então! Depois de retomar o controle de tudo nós soubemos o motivo, fui envolvida em um desejo sujo de vingança pelo único homem que amei de verdade na vida, não é justo isso, e não tenho intenção nenhuma de me envolver com alguém de novo, pelo menos não agora. Me entende?

— Claro Vitória! Quero que saiba que estarei aqui, vou esperar

pacientemente, tome seu tempo.

— Não se prenda por mim Thomas, por favor.

— Não vou! Mas quero que saiba que tem um amigo se precisar de qualquer coisa.

Ele pegou a garrafa de água que deixou em cima da mesa e se levantou, mas antes de abaixou e se aproximou de mim deu um sorriso contido, beijou o canto dos meus lábios e saiu, aquilo me deixou constrangida e sem saber o que fazer, eram muitas surpresas para um único dia.

E a surpresa maior ainda estava por vir se caso minhas teorias estivessem certas.

Kevin

Quando desembarquei em Washington a minha intenção era tentar mais uma vez a fazer com que Vitória me ouvisse, depois da conversa que tive com Andrei muitas coisas foram esclarecidas, aquilo em que acreditei por anos não passava de uma mentira.

Segundo Andrei a negociação onde meu irmão foi morto não passou de um mal entendido, o pagamento das armas encomendadas por uma facção criminosa não havia sido feito dentro do prazo acordado, meu pai tentou cobrar o dinheiro e um dos capangas da facção apontou uma arma em seu peito, Andrei e Lúcio estavam trabalhando juntos para a entrega das armas e tudo desandou, meu irmão como um bom negociador tentou intervir e Andrei também e foi aí que tudo aconteceu.

Fizeram parecer que Andrei havia atirado, mas na verdade, ninguém sabe se foi armação ou não e também de qual arma a bala que acertou meu irmão saiu, meu pai acreditou que Andrei havia de propósito se aproveitado da situação e no calor do momento não quis saber de explicações, por um único mal entendido aconteceu tudo isso fazendo com que tudo virasse uma bola de neve.

Entender perfeitamente tudo aquilo era impossível, se Ruschel estava mentindo ou não eu também nunca ia saber, mas senti que foi sincero em suas palavras, então fui movido pela vontade única de enterrar essa merda toda e deixá-la no passado.

Segui direto para o hospital, bem provável encontrar Vitória lá, minhas mãos suavam com a necessidade de tocá-la, de tê-la em meus braços e dizer que amava com toda força do meu coração, mas quando entrei naquele refeitório e a vi conversando com um médico engomadinho fui tomado pelo ciúme, minha vontade era chegar lá e pegar aquele idiota e socá-lo até ele pedir clemência por estar com as mãos na minha menina, mas o pior foi vê-lo se despedir dela com um beijo e ainda me olhar nos olhos e dar aquele sorrisinho sarcástico.

Fechei os punhos com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos, me contento para não fazer besteira, virei às costas e fui embora, precisava me segurar, Vitória estava seguindo a vida e eu aqui estagnado e a culpa era única e exclusivamente minha.

CAPÍTULO 38

Vitória

Duas linhas!

Duas linhas vermelhas vibrantes naquele palito, encarar aquele exame era como estar olhando para um mapa desordenado que só servia para confundir ainda mais seus leitores, como um verdadeiro enigma e a minha capacidade de decifrar as entrelinhas estava comprometida pela visão turva e a confusão.

Um exame tão simples que mudou minha vida por completo.

Dentro de mim crescia uma nova vida, não sei quanto tempo fiquei fechada dentro daquele banheiro absorvendo a notícia, respirava fundo e soltava o ar devagar tentando conter o desespero crescente.

Eu estava grávida!

Grávida de um filho de Kevin.

E agora?

Em um movimento involuntário acariciei a barriga lisa para cima e para baixo.

— Eu vou cuidar de você meu amor!— falei baixinho — Independente do que houver será sempre você e eu!

Meu coração batia por dois, as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, abaixei a cabeça e deixei o choro silencioso vir. Pela primeira vez em meses estava realmente feliz.

Enquanto esperava meu ritmo cardíaco e a respiração ofegante se normalizarem pensava em como planejaria minha vida e do meu bebê dali pra frente, meu pai ia adorar a notícia, mas o primeiro passo era procurar um bom

obstetra e iniciar o pré-natal, colher exames e verificar se tudo estava em ordem.

Quando deitei na mesa do ultrassom, a obstetra e minha colega me preparou para o exame e me encolhi com a expectativa.

— Preparada doutora Hale?

Fiz que sim com a cabeça e quando a tecnologia fez sua mágica eu vi aquele pequeno borrão na tela meu coração quase transbordou, foi impossível não chorar de alegria, quando ela ligou o som e o batimento cardíaco extremamente rápido e alto preencheu a sala me entreguei de vez às lágrimas de felicidade.

— Meu bebê! — Era real e estava ali!

— Parabéns Vitória, já está entrando na nona semana, mais algumas semanas e passamos da fase de risco que são os três primeiros meses e já poderemos ver o sexo.

— Está tudo bem com ele?

— Sim, tudo em perfeita ordem aí dentro do forninho, mas agora precisamos saber como vai sua saúde. Tem sentido os sintomas da gravidez?

— Não, o que me fez desconfiar foi apenas o atraso e as emoções fora de controle.

— Que bom, sem enjoos, vou solicitar alguns exames para verificarmos se tudo está bem mesmo e vou lhe receitar algumas vitaminas, me traga os resultados na próxima consulta.

Enquanto ela escrevia no receituário meus olhos só olhavam para a tela do computador à minha frente, a imagem congelada do meu borrão que já estava tomando forma tinha o tamanho de um dedo mindinho, mas à proporção que tomava dentro do meu coração era imensa, não dava para explicar o sentimento, aquilo que nunca conheci agora fazia minha vida ter sentido.

Saí do consultório com aquele sorriso bobo estampado na face, meu dia foi tão produtivo que tudo parecia fluir, minha fé que estava abalada agora havia sido restaurada com força total, isso era Deus me testando e provando a mim mesma o quanto eu era forte.

No decorrer dos dias aos poucos minha barriga foi aparecendo, meu pai ficou feliz demais com a notícia e me abraçou tão forte que parecia não querer me soltar nunca mais, Beatriz só ficou sabendo quando ligou falando que estava bem e que assim que se sentisse pronta estaria de volta, a novidade a deixou eufórica, mas percebi em seu tom de voz que aquilo a fez lembrar sua perda, conseguia imaginar a proporção de sua dor, o buraco que ela tinha no peito seria difícil de ser preenchido, mas ainda acreditava que ela encontraria alguém que supriria sua dor e a faria feliz.

Hard se tornou um amigo próximo, vez ou outra dava umas indiretas e sempre dizia que poderia ser o pai do meu bebê se assim eu desejasse suas brincadeiras não tinham fim, se mostrou um grande companheiro, às vezes deixava escapar uma palavra ou outra de seu desejo de estar comigo não apenas como amigo, mas me fazia de desentendida, não havia espaço no meu coração para mais ninguém, as barreiras que construí foram feitas do mais puro concreto e seria difícil que alguém as derrubasse tão fácil.

Quase cinco meses de gestação e nada de descobrir o sexo do meu borrãozinho, impossível não deixar de dar um apelido carinhoso ao meu bebê quando cheguei para a consulta rotineira do pré-natal minha obstetra estava radiante.

— Boa tarde Doutora Hale, será que hoje essa criança nos deixa descobrir o que vem por aí?

— Boa tarde Doutora Evans! Espero que sim, confesso que estou ansiosíssima pra saber o sexo.

— Então vamos lá.

Como de costume, fui até o banheiro e coloquei a camisola, me deitei na maca, quando a médica apagou as luzes e colocou o gel em minha barriga e

em seguida o aparelho e logo a tela na minha frente foi preenchida com a imagem do verdadeiro amor da minha vida.

— Sua intuição de mãe te diz o que?

— Que meu borrão é uma linda menininha de olhos verdes cintilantes. — foi impossível não lembrar de Kevin e seus olhos expressivos e marcantes, senti um aperto no peito como se algo estivesse faltando e realmente estava, faltava ele aqui comigo segurando minha mão.

— Então mamãe, sua intuição estava certa, só não posso te dizer quanto à cor dos olhos. — ela riu do comentário e engoli seco tentando segurar o choro que veio sem permissão mais uma vez, às vezes esses hormônios aflorados me deixavam irritada comigo mesma. — É uma bela mocinha.

Era a minha Cecília!

Saí da consulta mais feliz do que nunca, liguei para meu pai avisando que o avô babão iria ter uma netinha, só não posso dizer que deu pulos de alegria, pois não estava comigo pessoalmente, mas sua voz me dizia que a comemoração foi feita daquele jeito que só o velho Isaac sabia fazer.

Entrei no carro e segurei o volante com força, depois acariciei minha barriga mais uma vez, minha pequena, minha pedra mais preciosa do mundo, não pude deixar de pensar em Kevin mais uma vez, eram pouco mais de cinco meses sem vê-lo e sem ter notícias, era impossível não sentir saudades quando a única pessoa que queria perto estava bem longe porque destroçou meu coração e assim seria sempre, o que era tóxico deve ser retirado antes de causar mais danos.

Sem poder conter a ansiedade e tentando esquecer aquilo que rondava meus pensamentos dei partida no carro e fui direto para o shopping, as roupinhas brancas e amarelas que Joana me presenteou já poderiam ter mais uma cor, estacionei, peguei minha bolsa e descii, fui de loja em loja olhando as vitrines e comecei a planejar o cantinho da minha boneca, eram tantas coisas que a minha vontade era de levar tudo, mas me contive, entre uma peça e outra comprei um macacão quentinho todo cor de rosa, com pequenas flores desenhadas, outro bege com azul com lacinhos ornamentados com

pequenas pérolas, e uma toquinha combinando, mas os laços para o cabelo foram paixão a primeira vista, comprei muitos e de várias cores.

Enquanto ajeitava as sacolas de compras fui direto a praça de alimentação, pedi um suco de laranja e uma refeição completa, desde a descoberta da gravidez em um dos exames apontou uma leve anemia então passei a ter uma alimentação regrada e saudável.

— O que a minha pessoa favorita de Washington faz por aqui?— Hard me pegou desprevenida.

— Oi Thomas, que surpresa boa!

— Vejo que veio as compras!

— Ah com certeza, enchendo minha pequena de mimos! — meu sorriso ia de orelha a orelha.

— Então teremos outra princesa?

— Outra princesa! — confirmei.

Tivemos um papo descontraído sem aquela loucura de hospital, suas piadas ruins conseguiam me fazer rir pelo simples fato dele ser uma pessoa divertida, quando terminamos de almoçar, ajudou com as sacolas e me acompanhou até o estacionamento o dia estava quente e agradável o sol já começava a perder o brilho.

Quando coloquei as sacolas no banco de trás senti meu borrãozinho mexer, agora nesta fase da gestação já começava a sentir os movimentos da pequena com mais intensidade, coloquei a mão na barriga e arregalei os olhos e Thomas me olhou com curiosidade.

— O que foi?

— Ela está mexendo, olha só! — peguei sua mão e coloquei sobre minha barriga e a segurei ali até sentir outro movimento, depois ele me olhou e sorriu como se aquilo fosse à coisa mais incrível do mundo.

— As coisas estão agitadas aí! — E então em um movimento rápido ele se abaixou e chegou bem próximo a minha barriga falando baixinho — Mocinha vá devagar que sua mamãe tem muitas vidas para salvar antes da senhorita sair daí!

— Seu bobo! — foi impossível não gargalhar e apreciar o momento. — Preciso ir, obrigada pela companhia.

— Não tem cabimento agradecer por isso! Descanse.

Thomas me abraçou e deu um beijo no rosto e saiu, entrei no carro e peguei meu celular para ver se havia alguma ligação de Beatriz, estava ansiosa para falar com ela, mas não havia nada, meu coração quase saltou pela boca com a figura enigmática me encarando do lado de fora do carro.

— Vitória! — Não agora não!

CAPÍTULO 39

Kevin

Houve um tempo em que vivi recluso dentro de uma casca onde acreditava que seria minha pelo resto dos meus dias, mas conforme o tempo foi passando entendi realmente quem eu era de verdade algo mudou, compreendi que sempre tive tudo o que quis, mas nada do que precisava e tudo aquilo que realmente precisava, deixei escapar entre meus dedos e me martirizaria por conta disso para sempre.

Tenho uma vaga lembrança de Vitória me falando sobre mudanças...

"as pessoas mudam Kevin, às vezes nos acontecem coisas que não sabemos explicar e isso nos faz enxergar a vida e as pessoas de outra forma".

E isso de fato era real, meu entendimento agora era outro e tinha a melhor das intenções, já se passaram meses desde a última vez que a vi, não aguentava mais, precisava tentar de novo e de novo e se for preciso mais uma vez.

Comprei as passagens para o dia seguinte, terminei de colocar alguns assuntos em dia na empresa, deixei Klein responsável por outras, o cara vez ou outra tentava me falar algo, mas quando chegava na hora se esquivava e isso já estava me dando nos nervos, então pedi que nunca mais tentasse tocar no assunto se não fosse para realmente me contar o que estava entalado.

A viagem de Hamburgo a Washington foi mais longa do que de costume, passar quase doze horas dentro de uma lata de metal foi tão monótono quanto ficar sentado naquele escritório durante o dia avaliando papelada e burocracia, assumir a empresa da família não foi tão difícil quanto imaginava dessa vez eu faria tudo certo, a parte ilícita de lavagem de dinheiro não iria acabar do dia para a noite, mas tomei minhas providências para que isso fosse extinto, implantei um novo projeto de evolução e tecnologia que foi bem

aceito pelos acionistas, isso traria novos clientes e a proporção dos lucros cresceria exponencialmente, desde então venho trabalhando duro para seguir em frente sem me envolver mais nas negociações que meu pai fazia. Sair por completo do mundo do crime do dia para a noite era praticamente impossível, com a morte do meu pai as coisas deram uma acalmada, e então diminui o fluxo de tudo.

Quando desembarquei fui para um hotel, tomei um banho e pude finalmente descansar, meu corpo pedia por isso e saber que eu estava um pouco mais perto de Vitória me deixava mais aliviado.

Quando acordei, dei meu jeito de encontrá-la, usar certas ferramentas para esse fim me deixava ainda mais tranquilo quando me sentia no controle da situação, rastreei o sinal do seu celular peguei um táxi e fui direto para o local.

O shopping estava cheio, a multidão me incomodava um pouco, nos últimos meses tenho evitado aglomerações, vivia enclausurado dentro de casa, somente os empregados e eu, não demorei avistá-la de longe, estava diferente mas ainda mais linda, usava o cabelo em um coque bagunçado, sua pele alva estava vistosa, sorria sozinha olhando as vitrines, entrava de loja em loja e saía com algumas sacolas, quando me aproximei mais notei que estava com o quadril mais largo e quando finalmente a vi mais de perto notei a pequena protuberância em seu abdômen.

Não era possível! Ou minha cabeça estava tão perturbada que eu estava vendo coisas?

Mas antes de me aproximar de vez, resolvi observar mais um pouco vê-la de longe era quase uma tortura, a única coisa que confortava meu coração era ver aquele belo sorriso estampado em seu rosto. Ela estava feliz, parecia realizada, entrou em mais uma loja e saiu de lá com várias sacolas e foi direto para a praça de alimentação, fez o pedido e se sentou em uma das mesas.

Quando finalmente resolvi aparecer, um cara alto se aproximou todo sorridente e a resposta dela com a chegada daquele idiota fez com que eu fechasse os olhos com força respirando fundo contando até cem, pois até dez seria impossível conter a irritação e a vontade de pegar o cara e acabar com

ele, mas se queria fazer tudo certo dessa vez, teria que ter paciência e sangue frio.

Dei uma volta e parei em frente à loja em que ela entrou por último, entrei e a vendedora me olhou assustada, talvez minha aparência largada à fez pensar o que um cara como eu fazia em uma loja de coisas para crianças.

— Boa tarde, saiu daqui agora pouco uma moça de olhos azuis, o que ela comprou?

— Bo... Boa tarde!

— Não vou te morder, fique tranquila!

— Me desculpe! — abaixou a cabeça envergonhada. — a moça levou roupinhas para menina e alguns laços para cabelo.

Uma menina!

Meu coração se apertou na expectativa, algo me dizia que aquela era minha menininha, precisava tirar essa história a limpo de uma vez por todas.

— Ela viu algo que gostou, mas não levou?

— Um macacão vermelho!

— Embrulhe-o para presente que vou levar.

A vendedora me entregou o embrulho, paguei pela compra e quando saí da loja com o pacote nas mãos fui direto para onde Vitória estava com o engomadinho, ainda estavam sentados na mesma mesa e conversavam animadamente, fiquei ali esperando, demorou até que se levantaram e saíram, pegaram o elevador principal e foram para o estacionamento, descí correndo pelas escadas.

Quando os encontrei o médico engomadinho segurava a barriga dela entre as mãos, aquele ciúme me corroeu como ácido comendo carne e quando se aproximou da barriga redonda de Vitória, pude ouvir o que dizia dei dois passos largos na direção deles e me contive mais uma vez.

Dessa vez não iria fazer errado! Repetia essa frase copiosamente.

— As coisas estão agitadas aí! — Vitória sorria linda, satisfeita com a situação — Mocinha vá devagar que sua mamãe tem muitas vidas para salvar antes da senhorita sair daí!

— Seu bobo! Preciso ir, obrigada pela companhia.

O desgraçado a abraçou e beijou seu rosto me fazendo sentir um gosto amargo na boca, ele saiu e Vitória entrou no carro, só então fui até ela, parei ali do lado de sua porta, ela olhava o celular quando baixou o vidro a chamei.

— Vitória! — Me olhou assustada, apertou o volante parecendo engolir seco, estava surpresa com a minha presença ali.

— Kevin! O que faz aqui?

— Vim ver você.

— Já falei que não temos mais nada para conversar!

Ela desceu do carro, parecia tremer apoiando-se a porta aberta e não soltou.

— O que você quer?

— Está grávida?

— Não, só engoli uma melancia, meio obvio não é mesmo senhor Collins!

— Sem ironia, por favor, não é o momento! Quanto tempo? — ela engoliu seco.

— Não é da sua conta!

— Vitória! — tentei repreende-la, mas às vezes ela conseguia ser mais teimosa que eu.

— O que você quer? Já não basta ter acabado com a minha vida agora quer explicações?

— Só estou preocupado com você!

— Se estivesse realmente preocupado não teria feito o que fez — ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha seu nervosismo era nítido — Mas foi você quem pediu, estou grávida e estou muito feliz sem você na minha vida, Thomas e eu estamos bem e vamos ter nosso bebê. Contenta agora?

Escutar aquilo foi como levar um tiro no peito, por um momento imaginei que aquele bebê era meu, que Vitória estava à espera da nossa filha e aquela imagem de uma pequena de cabelos castanhos e olhos verdes correndo no quintal se desfez em mil cacos, fechei os olhos contendo a raiva crescente e apertei os punhos com força.

— Está mentindo! — tentei pressioná-la, mas estava muito convicta de suas palavras.

— Único mentiroso aqui é você! — fixei meus olhos nos seus e vi que segurava as lágrimas, entrou no carro deu a partida e saiu.

A mágoa que sentia de tudo o que aconteceu era grande demais, então dessa vez a deixei ir, fiquei para trás, eu era indigno a única coisa que merecia era o desprezo, me enganei quando achei que poderia ser um filho meu e me enganei quando pensei por um segundo que me perdoaria e voltaria para mim, outra pessoa já ocupava um lugar que de fato nunca foi meu.

No caminho para o hotel meu celular tocava, o nome de Klein aparecia na tela e eu fazia questão de desligar, o que esse idiota queria agora? Ignorei as cinco tentativas de contato, se tinha algo para me falar ia ter que esperar, pois eu não estava disposto a aguentar suas tentativas fracassadas de me falar algo que há meses não conseguia.

CAPÍTULO 40

Vitória

Não sabia o que fazer perante a presença de Kevin na minha frente, tantos questionamentos me deixaram nervosa e acabei mentindo, o culpei tanto por conta das mentiras que contou que agora acabei fazendo igual, mas foi a única maneira que encontrei para afastá-lo, mas minha vontade era de abraçá-lo tão forte e sentir seus braços em volta de mim, contar a ele que teríamos uma menininha linda.

Mas como?

Como que eu faria isso com alguém que mentiu para mim por todo o tempo em que estivemos juntos, nunca houve um relacionamento de verdade, mas eu não ia conseguir sustentar essa mentira por muito tempo e sabia que isso não era certo, a culpa começava a me corroer.

Mal dormi durante a noite, levantei cedo no dia seguinte, tomei um banho quente que ajudou a aliviar a tensão que havia se instalado em meu corpo. E me olhando no espelho virei de lado e aquela protuberância redondinha na minha barriga me encantava cada dia mais, não via a hora de ver o rostinho da minha menina, enquanto passava um hidratante na pele e acariciava de leve minha barriga, senti os movimentos inquietos da minha pequena.

— O que está acontecendo aí dentro mocinha? — minha conversa com ela foi interrompida por batidas leves na porta.

— Filha? Posso entrar? — Me vesti com um roupão rapidamente e abri a porta — Está tudo bem? Não te vi ontem depois que me deu a notícia que vamos ter mais uma princesa correndo pela casa.

— Sim papai, está tudo bem!

— Tem que avisar Andrei.

— É realmente necessário?

— Vitória, independente de toda situação, ele também é seu pai e vem tentando se aproximar, ficou feliz com a notícia e garanto que vá ficar ainda mais em saber que terá uma neta.

— Não sei, não me sinto bem, é como se algo de ruim fosse acontecer com ela.

— O que você não está me contando? — cruzou os braços e me encarou, fazendo aquele vinco se formar entre suas sobrancelhas quando seu modo observador estava ligado.

— Kevin apareceu ontem, me viu com Thomas, fiquei confusa, ele me questionou sobre o bebê e eu acabei mentindo dizendo que Thomas era o pai.

— Por Deus Vitória, você está errada, o rapaz errou sim, todos sabemos disso, mas ele tem o direito de saber que é o pai dessa criança, você não pode negar isso a ele. — seu tom de repreensão foi mais duro do que eu esperava — Tem que concertar esse erro, não se deve julgar as pessoas e depois repetir o mesmo erro, a verdade pode ser dolorida, mas a mentira é ainda pior.

— Me desculpe papai! — eu sabia que estava errada, mas admitir isso era mais difícil, pois eu queria que ele estivesse comigo, mas também não queria vê-lo nunca mais.

— Pense na sua filha agora, eu sei que está machucada e tem fortes motivos para tentar afastar Kevin de sua vida, mas tenho certeza que você o ama, e que ele corresponde na mesma proporção, caso contrário não teria feito o que fez.

Enquanto eu tentava segurar as lágrimas que já caíam dos meus olhos, meu pai me abraçou e me deu um beijo na testa, o conforto de seu abraço ajudou a amparar meu coração machucado, eu não sei o que seria da minha vida sem esse homem.

— Queria que a mamãe estivesse aqui!

— Acredite filha, ninguém nesse mundo queria tanto Raíssa aqui conosco do que eu, sua mãe foi luz na minha vida, garanto que ela saberia melhor do que eu te orientar em toda essa situação, mas uma coisa que ela sempre dizia que amar é colocar as necessidades da pessoa acima das suas e é isso que vejo Kevin fazendo com você, pense bem nisso tudo, faça sua avaliação, você é inteligente vai saber ponderar as coisas.

Quando meu pai saiu do quarto deitei na cama e abracei o travesseiro, comecei a fazer uma breve avaliação de tudo que me aconteceu, eu queria ter um coração de ferro, queria entender melhor e subjugar qualquer situação, de nada adiantava ter controle de tudo a minha volta se eu não tinha controle das minhas próprias emoções.

Kevin

— Caralho Klein, o que você quer?

“Por que não me atendeu seu filho da puta?”

— Porque você não sabe o que quer da vida seu idiota! — Escutei sua respiração pesada do outro lado da linha, mais uma vez começava a enrolação. — Fala logo caralho!

"Se lembra de quando falei que não queria que carregasse uma culpa que não era sua?"

— Vá direto ao ponto Charlie!

"Minhas suspeitas de que seu pai armou toda aquela confusão para te testar..."

— Como assim? — não consegui deixar que terminasse falar antes de questionar.

"Kevin, seu pai não morreu!"

— Está louco Charlie! Como não? — por um instante achei que meu coração fosse parar de bater.

"Eu não sei, era isso que devia ter te falado desde o início, mas não tinha certeza".

— Seu filho da puta, ficou fazendo rodeios todo esse tempo por isso, seu desgraçado! Sua sorte que não esta aqui comigo agora se não eu ia quebrar seu nariz.

"Olha não tinha certeza e ainda não tenho, mas foi feita uma transferência grande da conta da empresa para uma conta que não consegui rastrear."

— Preciso desligar!

Desliguei o telefone e não deixei que terminasse de falar, aquilo era confuso e eu não sabia se acreditava ou não, sai em disparada tentando organizar meus pensamentos e ver lógica em tudo, mas não conseguia encontrar. Disquei o número de Andrei e o mesmo me informou que estava nos EUA, minha cabeça dava voltas e não conseguia entender direito o que estava acontecendo, mas a sede de vingança de Lúcio Collins ia muito além do que eu imaginava e agora depois do que fiz ainda mais. Se tudo o que se passava na minha cabeça naquele momento fosse real o pior estava por vir, confesso que pela primeira vez na vida fiquei assustado com o que poderia acontecer, teorias e teorias borbulhavam e meu cérebro queimava, uma das características do meu pai era ser totalmente imprevisível, então resolvi não descartar nada ao acaso.

Tentei falar com Isaac inúmeras vezes para saber se tudo ia bem, mas foi impossível, passei os dias na espreita vigiando os passos de Vitória, a via saindo e voltando para casa, mas não conseguia controlar seus passos dentro do hospital, eu estava preocupado e despreparado e sem saber o que esperar.

O sol já se escondia no horizonte, quando avistei um SUV preto com os vidros totalmente escuros que estacionou e ninguém desceu, desci do meu carro e entrei na recepção do hospital, aquilo ali era como um labirinto havia corredores que davam para todos os lados, o lugar era imenso e praticamente impossível de fazer alguma coisa se algo desse errado, mas eu estava atento a

tudo o que acontecia a minha volta, logo avistei Vitória vindo do meu lado oposto, seus olhos se cruzaram com os meus e automaticamente ela colocou a mão na barriga, eu ainda não acreditava que aquele bebê não era meu, como sempre linda e radiante, mas seu semblante era triste, não tinha o brilho habitual, ela respirou fundo e veio na minha direção com a cabeça baixa, observei tudo a nossa volta, havia algo de errado.

Tudo aconteceu muito rápido, a porta da frente foi aberta e a figura assombrosa de Lúcio Collins apareceu, tirou a arma da cintura e apontou para Vitória, a puxei para trás, ouvi o barulho do tiro e senti o impacto, logo em seguida uma dor lancinante em meu peito. Ainda tive tempo de ver Andrei disparar contra meu pai varias vezes tornando tudo mais sangrento e transformando a porta do hospital em um show de horrores.

Com a mão no peito não suportei o peso das pernas e cai de joelhos, Vitória tentava estancar o sangue em meu peito com as mãos e a aglomeração começava a se formar.

— Kevin, não, por favor, uma maca aqui — ela gritou pedindo ajuda, colocou uma das mãos no meu rosto e falou baixinho — fica acordado, fica comigo Kevin, por favor!

— Eu te amo Vitória! — foi à última coisa que consegui falar antes de mergulhar na escuridão.

CAPÍTULO 41

Vitória

Foram horas de cirurgia, o estado de Kevin era grave e delicado, eu assistia a cirurgia pela sala onde usamos para nos esterilizar, aflição era pouco para o que eu julgava sentir, meu pai trabalhava junto com um cirurgião de trauma para salvar a vida de Kevin, o tiro no peito passou muito perto do coração causando sérios danos, mas eu estava confiante que tudo daria certo.

Ver um homem marcante e forte como ele tão vulnerável era ainda pior, parecia que eu esperava ele se levantar daquela mesa de cirurgia a qualquer momento para me olhar nos olhos e dizer que estava tudo bem, mas a realidade era outra, ele estava entre a vida e a morte e eu realmente desejava que ele se recuperasse de tudo sem nenhuma sequela.

Depois da cirurgia Kevin foi levado para a UTI, seu estado era delicado, estava entubado e respirava por aparelhos, às vinte e quatro horas seguintes eram cruciais.

Passei a noite no hospital tentando absorver tudo o que aconteceu nos últimos meses, a pior parte de tudo foi o depoimento que dei para a polícia sobre o acontecimento, até citaram o sequestro e o caso foi ligado um ao outro, mas meu pai e os advogados de Andrei cuidaram de tudo e nenhuma parte foi lesada, eu não entendia e nem queria entender as artimanhas que Andrei tinha em se livrar das consequências de seus atos e deixei claro que essa vida ilícita não me pertencia, eu entendia perfeitamente seus motivos, mas não queria fazer parte de nada e por sorte ele respeitou isso.

Quando terminei meus afazeres me sentei ao lado do leito onde Kevin repousava, estava pálido, ligado a inúmeros aparelhos, queria que ele acordasse logo, fiquei um tempo ali até que o ouvi balbuciar.

Finalmente!

Seus olhos verdes estavam confusos, procuravam por algo, mas eu tinha certeza que era apenas a visão borrada se acostumando com a claridade, retirei os tubos que o ajudavam a respirar e pedi que chamassem meu pai.

Na avaliação pós-cirúrgica seus reflexos estavam intactos, e o prognóstico era bom, só nos restava agora aguardar sua recuperação, mas quando meu pai terminou sua avaliação me olhou firme.

— Lembra quando falei que amar é colocar as necessidades do outro acima das suas, pense bem no que aconteceu aqui! — apenas concordei com a cabeça, não havia mais como negar.

Com o passar das horas eu saía do lado de Kevin somente para atender meus pacientes, enquanto eu estava ali às vezes ele pronunciava apenas frases fragmentadas e sem sentido, o relógio parecia travar, até que ele estivesse consciente e fora de risco meu coração não ia sossegar.

A noite começou a cair novamente fria e cinzenta, enquanto eu olhava pela janela o vento fazia o balançar das árvores como uma valsa doce e ritmada, o fundo escuro e sombras dos galhos pareciam uma tela de pintura que era feita e desfeita a cada dia, Deus e suas maravilhas.

Meus pensamentos voaram para a primeira vez em que vi Kevin, naquela boate onde sua mão forte segurou meu braço e seus olhos verdes cintilantes encararam firmemente os meus, ali o destino cruzou nossas vidas e mudou o rumo do meu sonho tardio de encontrar um príncipe encantado, mas que veio em forma de um homem extremamente sexy, com a pele colorida por belos desenhos, uma barba farta e bem cuidada e um temperamento explosivo, mas que se mostrou um homem carinhoso e preocupado, se tudo o que ficou entre nós não fosse motivo para uma grande decepção nunca teria aberto mão de me perder nos braços de Kevin, pois a magoa estava ali, mas eu ainda o amava.

— Vitória! — sua voz aliviou meu coração de uma angustia contida, fechei os olhos e agradei mentalmente.

— Finalmente acordou. Como se sente?

— Dói um pouco, mas é suportável, o que houve?

— Não se lembra?

— Até a hora que meu pai ressuscitou dos mortos e tentou acertar você eu lembro!

— Você levou um tiro, meu pai atendeu você, na cirurgia reconstruíram as lesões e tiraram a bala que se instalou aqui— sem pensar coloquei a mão em seu peito que estava coberto apenas pelo lençol fino e o curativo, ele colocou a mão em cima da minha e minha pele queimou, me afastei com pressa e com medo da incerteza. — Me desculpe.

— Eu voltei por você Vitória, não desisti ainda, não importa se estou moribundo e inútil nessa cama agora, mas... — algo fez com que parasse de falar, e o semblante de quem sentia dor estava ali — eu não vou parar até ter você de volta, aquele médico metido a besta que me aguarde.

— Para com isso Kevin, se recupere primeiro. Preciso ir.

— Fique, por favor.

— Não posso! Vou avisar ao meu pai que você acordou para que ele venha te avaliar.

Sai pela porta com a mesma pressa que eu tinha para que ele acordasse e estivesse consciente, era difícil dividir o mesmo espaço ciente da sua presença, por mais vulnerável que esteja ele era profundamente marcante e envolvente.

Eu realmente era patética! Nunca saberia me comportar direito diante de certas ocasiões, alisei minha barriga redonda e me desculpei com a minha pequena, pois mais uma vez não tive coragem de assumir a culpa pela mentira que contei.

Os dias foram se arrastando, Kevin estava fora de perigo, saiu da UTI e foi para um quarto, vez ou outra eu passava para vê-lo, sempre durante a madrugada quando estava de plantão, ficava ali observando seu sono

tranquilo, mas a coragem sempre me abandonava quando se tratava da vontade de acordá-lo e dizer que eu estava ali, que não havia sumido, mas a incerteza era maior que eu.

Meu pai sempre me dizia da evolução de Kevin enquanto paciente, tudo ia bem e mais alguns dias estaria se recuperando em casa, de certa forma fiquei aliviada e descontente, pois ali fora das paredes do hospital eu não o veria mais e me esconder atrás das cortinas seria impossível, enquanto isso ele continuava sem saber que tínhamos uma linda menina.

Até que o tão esperado dia chegou e a notícia de que Kevin Collins estava de alta e iria embora se espalhava pelos corredores, os murmurinhos sempre estiveram presentes, mas não era pra menos! Tudo aconteceu dentro das dependências do hospital, nada foi esclarecido e as pessoas tiravam suas próprias conclusões, o maior erro do ser humano é esse, falar de algo que não sabe, era como aquela velha brincadeira de telefone sem fio, começava aqui uma história e lá na frente estava totalmente distorcida. Mas me incomodar com o que as pessoas pensavam não fazia e não faz parte de mim. Senti um chute de baixo das minhas costelas, Cecília se remexia tanto que parecia entender minha inquietação.

— Eu sei, ele está indo embora! — falei para que ela se acalmasse e me deixasse trabalhar. — Mamãe precisa focar no trabalho agora! — fui direto para o laboratório onde só me trouxe mais lembranças.

Não consegui me conter até que recebi uma mensagem do meu pai avisando que tinha acabado de assinar a alta de Kevin e que ele estaria indo embora do hospital dentro de alguns minutos, sai correndo do laboratório e fui em direção ao seu quarto, encontrei Thomas no caminho que tentou chamar minha atenção.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Agora não Thomas!

Falei sem parar e segui meu caminho até o quarto, todos me olhavam com curiosidade e a vontade de mandar cada um cuidar da sua vida só aumentava, quando enfim estava em frente à porta daquele quarto hesitei em abri-la ou ao

menos bater, fiquei ali olhando para a parede pedindo coragem para enfrentar a situação.

Até que não precisei bater e a porta foi aberta e aqueles olhos verdes penetrantes me encaravam.

— Kevin! Soube que vai para casa então vim saber como se sente e se precisa de algo — falei a primeira coisa que me veio na cabeça.

— Entra, por favor! E eu preciso sim, preciso de você!

Entrei naquele quarto de hospital com as pernas bambas, ignorei suas últimas palavras porque não sabia lidar com elas, era agora ou nunca, ele estava lindo, o cheiro de banho recém-tomado, os cabelos molhados, usava uma camisa de manga longa preta e a calça da mesma cor, o estilo largo e despojado era o que chamava mais atenção.

Sentei-me no sofá que havia ali no canto, Kevin passou a chave na porta e sentou do meu lado, passou as mãos no cabelo e depois alisou a barba, o curativo em seu peito aparecia pela gola da camisa, eu o observada a cada movimento, fiquei ali quieta sem dizer uma só palavra esperando para ouvir o que ele tinha para me falar.

—Eu não sei muito bem por onde começar! — deu de ombros e respirou fundo — nunca soube o que era o amor, nunca ninguém atravessou meu coração, você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, a melhor escolha e não me arrependo de nada do que eu fiz em seu favor, só peço uma chance de me escutar só te peço isso.

— Olha Kevin... — ele não me deixou terminar.

— É complicado e difícil, eu sei disso e entendo suas razões, mas se estiver disposta eu vou buscar uma saída, tentei esquecer você, viver a minha vida mas eu não consigo, não sem você! — segurou firme em minha mão e olhou diretamente para minha barriga redonda.

— Tem muita coisa em jogo aqui e eu não estou disposta a correr riscos, não depois do que aconteceu, tudo entre nós foi rápido demais e intenso

demaís.

— Eu sei disso, eu só preciso que me perdoe e te prometo que independente de qualquer situação eu estarei com você.

— Kevin! — não aguentei e me joguei em seus braços, o abracei forte enquanto meus olhos queimavam pelas lágrimas que caíam sem controle. Ele me abraçou tão forte e encaixou o rosto na curva do meu pescoço e depositou ali um beijo doce.

— Me perdoe por mentir também?

— Você mentiu? — me soltou e olhou confuso.

— Fui uma idiota escondendo isso de você — alisei minha barriga e seus olhos foram de encontro com o gesto simples e ele entendeu o recado.

— O que? É sério? — pela primeira vez vi aquele homem emocionado — Porque fez isso? Meu Deus eu tinha certeza que era nosso bebê, desde que te vi linda assim.

— Eu estava com medo, me perdoe.

— Claro! Claro que te perdôo! Posso tocar? — seus olhos estavam marejados e fixos nos meus.

— Claro! Vem aqui, me de sua mão— enquanto ele delicadamente encostou em minha barriga, a pequena deu um salto lá dentro e coloquei minha mão por cima da sua — O nome dela é Cecília!

Ele se ajoelhou na minha frente e beijou minha barriga e depois minha mão, encaixou meu quadril entre os braços e nos abraçou.

— Minhas! Só minhas, te amo Vitória, e amo essa criança mais do que qualquer coisa nessa vida, você não sabe o alívio que me deu em saber isso.

— Me prometa que nunca mais vai mentir, que por mais que doa será sempre a verdade, eu não aguento mais isso, eu não aguento mais ficar sem você eu te amo Kevin, e acho que te amei desde o primeiro momento.

— Eu não vou mentir dessa vez! Nunca mais.

— Por mais que doa, quero sempre a verdade meu amor.

— Nada mais importa, daqui pra frente seremos apenas um.

Ele atacou meus lábios com uma fome feroz, seu gosto era único, o beijo foi quente e avassalador, a entrega foi intensa, eu não sabia o que ia acontecer e confesso que isso me causava uma felicidade imensa, não tinha proporção.

Nunca estive tão poderosamente consciente de sua presença, surpreendentemente aqueles pensamentos que me atormentavam em relação a Kevin não estavam mais presentes, bloquear a atração recíproca que parecia emergir a cada palavra e a cada olhar era impossível, então os muros que levantei em volta do meu coração foram abalados pela força que ele tinha, eu tentava segurar o ar em meus pulmões, me recusando a me sentir indefesa, achando que estivesse morta por dentro, sobrevivendo apenas pela minha filha.

Pela nossa filha!

Eu não sabia mais como manter minhas barreiras internas enquanto outras desmoronavam, e então deixei tudo cair de uma vez e aí tive a certeza que meu incansável coração podia estar pronto para receber Kevin Collins de volta a minha vida.

Kevin

Quando abri a porta para sair e encontrei Vitória parada ali com o olhar assustado encontrei a chance que eu precisava de novamente pedir perdão, mas eu não esperava que a maior surpresa fosse saber que seria pai.

Minha pequena Cecília, a alegria foi tanta que não imaginava ser possível, lembrei-me do presente que comprei para Vitória e que com a raiva acabei jogando fora, mas isso não importava.

Tomei a boca de Vitória com uma sede feroz, a necessidade que eu tinha de sentir seu corpo no meu era demais, não ia conseguir esperar até estarmos em lugar mais apropriado, lembrei-me das aventuras que tivemos no começo e em como nos arriscamos e seria aqui nesse quarto de hospital que eu a teria em meus braços de novo.

Tirei seu jaleco com pressa, ergui a blusa azul do uniforme e acariciei sua barriga protuberante e desferi beijos leves.

— Papai vai cuidar de você, e aí do marginal que se aproximar! — Vitória riu do meu comentário.

— Seu bobo, por enquanto ela está bem protegida aí dentro.

— Me desculpe filha, mas o papai vai ter que matar a saudade da sua mamãe.

— Kevin! — me repreendeu, a encarei e sua face estava corada, sua timidez me encantava.

Terminei de tirar sua blusa e beijei sua pele macia inalando seu aroma único, seus gemidos eram contidos, sua boca carnuda ia de encontro com a minha, a eletricidade existente entre nós era assustadora.

Ela puxou minha camisa para cima de meus braços, deslizou as mãos no meu peito e por todo meu abdômen até chegar ao cóis da minha calça, o desejo ali era nítido em nós dois, precisávamos um do outro.

Enrosquei os dedos no cóis da sua calça e a baixei, admirei sua calcinha lilás de renda e lhe beijei por cima do tecido, enquanto estava sentada ali naquele sofá e eu de joelhos aos seus pés, meu pau pulsava dentro da cueca e Vitória se remexia de tesão.

Deslizei as mãos mais uma vez pela sua barriga e deposei outro beijo, eu nunca me cansaria de fazer isso, desabotoei o sutiã, seus seios estavam mais volumosos, seus mamilos mais inchados e intumescidos, passei a ponta da língua de leve e Vitória se remexeu, dei leves mordiscadas, e depois fiz o

mesmo no outro seio.

Deliciosa, como sempre!

Ataquei sua boca, nossas línguas febris se encontrando tirando aquele atraso de meses, agora eu entendia o porquê a reconciliação era boa, porque o sexo era ainda melhor, mais quente, mais prazeroso.

Olhei em seus olhos e suas pupilas estavam dilatadas deixando o azul de sua íris mais escuro, estava tão entorpecida quanto eu, minha euforia era intensa.

— Senti tanto sua falta Vitória!

— Eu também! Ah — gemeu quando invadi sua calcinha com um dedo e o mergulhei na sua entrada molhada.

Tirei a calcinha devagar me aproximei com calma, sua boceta rosada pequeninha e então suguei tudo dela, Vitória agarrou meu cabelo e me puxou mais para perto, senti uma pequena pontada de dor no peito e me contorci, ela me olhou envergonhada.

— Me desculpe, isso é loucura, acabei esquecendo, não pode se esforçar demais, pode abrir os pontos.

— Pro caralho com esses pontos, eu quero você agora.

Avancei o sinal e ela se remexeu, chupei sua boceta com volúpia, dei toda atenção que ela merecia ali, passei as mãos de baixo de sua bunda a apertei.

Tirei meu pau de dentro do tecido da cueca e o pincelei pela sua umidade.

— Ah, por favor!

— Vai me deixar doido implorando desse jeito! — que mulher e era toda minha!

A encarei e sorri, suas bochechas coradas e o cabelo bagunçado lhe davam o ar de delicadeza e sensualidade ao mesmo tempo, passou levemente

os dedos no meu rosto e mordeu o canto da boca retribuindo meu sorriso.

Não era só sexo, era amor, tinha paixão.

Penetrei-lhe devagar, ela veio de encontro, aquele vai e vem gostoso, quente, preciso, um encaixe perfeito.

— Eu te amo! — falei em êxtase.

— Ah... Eu também!

Enquanto nossos corpos se uniam em um só, desci distribuindo beijos e dando leves mordiscados pelo seu pescoço.

— Por favor, mais rápido! — falou em um gemido quase suplicante.

Intensifiquei os movimentos e com o polegar estimulei seu clitóris inchado e pulsante.

—Por favor, Kevin!

Afundi-me nela ainda mais, o grunhido que saiu da minha garganta foi gutural, sua boceta tão quente e apertada me engolia por inteiro, ela apertou meus ombros e deslizou as unhas pelos meus braços.

O ritmo das investidas foi tão prazeroso e que nossas respirações estavam tão ofegantes que o ar poderia faltar facilmente, beijei a garota até seus lábios inchados ficarem vermelhos, sua boca entreaberta contendo os gemidos que saiam de sua garganta, o barulho dos nossos corpos se chocando, encostei minha testa na sua e senti sua boceta contrair cada vez mais, massageei seu clitóris até sentir que seu fim estava próximo aumentando o ritmo das investidas.

Seu gozo explodiu e foi meu fim, meu pau começou a pulsar tão forte que me derramei dentro dela varrendo qualquer resquício de sanidade que me restava, me debrucei sobre seu corpo e senti as batidas frenéticas do meu coração, Vitória me abraçou e fiquei ali debruçado em seu peito, alisando sua barriga e ela acariciando meus cabelos enquanto nos recuperávamos do nosso momento.

Porra!

Ficamos um tempo assim, suados, arfantes, ainda alterados pela sensação feroz do prazer que sentimos, foi intenso, até sermos interrompidos com batidas na porta.

— Que droga! Quem é? — perguntei irritado pela interrupção.

— Doutor Hale!

— Meu Deus, é meu pai!

Levantamos rapidamente e tentamos nos recompor da melhor forma possível, a situação foi engraçada, pois Vitória agia como se fosse uma adolescente sendo pega no flagrante. Quando tudo estava sob controle abri a porta e Vitória continuou sentada no sofá, Isaac entrou e avaliou o local.

— Aqui está suas receitas e as recomendações de cuidado, a data do retorno para tirar os pontos e fazermos alguns exames. — tentou disfarçar um sorrisinho que só eu vi, chegou bem pertinho de mim e falou para que somente eu escutasse. — Se machucar minha filha de novo eu acabo com você.

— Fique tranquilo doutor, daqui para frente eu vou ser tudo o que elas precisam!

— Assim espero! Vitória depois vá ao meu escritório.

— Sim senhor!

Quando ele saiu Vitória me olhou com suas zafiras azuis e deu de ombros.

— Vai lá, te espero lá fora, você vai embora comigo hoje!

Despediu-se de mim me dando um beijo casto, eu queria passar o resto da vida ao lado dessa mulher, fiquei a observando de longe até sumir da minha vista e logo aquele projeto de médico apareceu. Cruzei os braços e o encarei,

ele não desviou sua atenção de mim e parou na minha frente.

— Vejo que se recuperou bem!

— Não graças a você!

— O que quer? — questionou.

— Fique longe de Vitória, ou eu juro que quebro cada osso do seu corpo!

— Não tenho medo e é só questão de tempo até você aprontar de novo.

— Você pode ter os méritos que quiser Hard, mas sua origem eu conheço bem, você pode ter enganado a todos e Andrei ter te colocado aqui sem que ninguém perceba a ligação, mas já sei de tudo, estou sempre um passo a frente.

Olhou-me assustado e enfiou as mãos no bolso do jaleco.

— Eu realmente gosto de Vitória, fiz o possível para mantê-la segura até de você mesmo, nunca tive nenhuma intenção a não ser protegê-la.

— Eu sei disso, mas as coisas mudaram, ela é minha e de mais ninguém e de agora em diante esse trabalho é meu, então mantenha distância, caso contrário você pode ir para o inferno um pouco mais cedo, então faça apenas seu trabalho como médico, e não como bode expiatório de Andrei e aproveite para avisá-lo sobre isso. — lhe dei dois tapinhas no ombro, mas a vontade era de quebrar seu nariz.

E então segui pelo longo corredor para buscar minhas garotas e levá-las para casa.

CAPÍTULO 42

Kevin

Tarefas comuns do dia a dia se tornaram corriqueiras para mim, para quem tinha uma vida desregrada e atividades incomuns, confesso que o prazer em acordar todos os dias ao lado de uma mulher maravilhosa era uma sensação singular, minha única infelicidade era às vezes ter que ficar horas sozinho, ou sentir a cama ficar vazia no meio da noite, Vitória nunca deixava de atender seus pacientes ou alguma emergência no hospital mesmo estando em estado avançado da gestação.

O comando das empresas do meu pai era meu por direito, então resolvi vender boa parte das ações ficando apenas com uma pequena porcentagem, não queria mais nada ilícito em minha vida, e sai de vez do crime, pois agora eu tinha família e iria honrá-la até o meu último suspiro, então comecei um novo negócio naquilo que sempre fui bom.

Mudei-me de vez para Washington, comprei um apartamento grande pensando no futuro, Vitória escolheu toda decoração e quando tudo finalmente ficou pronto a pedi em casamento, foi uma cerimônia simples onde apenas os mais chegados estavam presentes, confesso que ver a minha mulher vestida de branco com uma coroa de flores na cabeça e aquele barrigão lindo vindo ao meu encontro no altar foi outra sensação única que experimentei na vida.

Nos dias que fiquei em recuperação depois de ter levado um tiro Vitória cuidou de mim, dividimos seu quarto na casa de Isaac, nunca fui tão paparicado, Vitória era incrível, uma mulher excepcional, ao mesmo tempo em que parecia frágil se mostrava ser forte e determinada e isso me encantava a cada dia que passava.

O amor era recíproco, o sexo era quente, encontrar a minha metade em uma situação improvável foi um desafio e nele encontrei a minha cura.

A noite estava chuvosa, o medo de Vitória pelos temporais nunca foi

explicado, e por certo nem deveria, poderia ser um trauma do passado, ou quem sabe apenas uma fobia boba, mas eu estava ali sempre que era necessário.

— Kevin, acorda, por favor!

— O que houve? — eu estava preocupado, pois seu tom de voz era urgente.

— Está na hora!

— Na hora do que?

— Cecília quer vir ao mundo! — e só então notei a cama molhada, levantei num salto e corri pegar a bolsa que estava preparada, meu coração parecia que ia saltar pela boca, nunca fiquei tão apavorado.

Vitória

Kevin parecia que ia ter um treco a qualquer momento, foi impossível não rir ao ver um homem de seu porte todo desesperado andando de um lado para o outro sem saber o que fazer.

— Do que esta rindo Vitória?

— De você meu amor!

— Não é engraçado, minha filha quer nascer e você ai nessa paciência toda!

— Calma, vai dar tudo certo. — me levantei da cama e peguei em sua mão. — Venha me ajude a tomar um banho.

— Não, não agora não é hora pra isso!

— Por Deus Kevin! Não estou pedindo sexo, só pedi ajuda para ir para o banheiro, não vou sair de casa desse jeito. Fique tranquilo homem!

Quando terminei de me trocar, as coisas estavam todas no carro, já havia avisado meu pai sobre o ocorrido e estava a caminho do hospital. Quando chegamos fui encaminhada para o centro cirúrgico Kevin entrou na cirurgia e pude perceber que suava frio, meu pai me olhava e seu semblante era divertido por trás da máscara, enquanto Kevin segurava minha mão e me olhava nos olhos logo ouvimos o chorinho da nossa menina. Foi impossível não nos emocionarmos juntos, nossa família agora estava completa, finalmente eu veria o rostinho da minha menina.

— É a nossa menina Vitória, é a nossa pequena!

— Sim meu amor é a nossa menina.

Enquanto eu estava no hospital, Thomas veio nos visitar, Kevin não podia vê-lo por perto que seu modo alerta era ligado no último, só depois ele me contou que Thomas era aliado de Andrei e que estava aqui para ficar de olho em mim, até questionei Andrei sobre o assunto e ele se justificou dizendo que queria apenas a minha segurança e que Thomas era um amigo próximo e uma pessoa de confiança. Isaac era um avô babão, Beatriz me preocupava apareceu para nos visitar apenas uma vez, e depois sumiu de novo sem dar notícias, sua única fala era que estava estudando para poder exercer a profissão na qual se formou e nunca se dedicou.

O tão esperado dia de voltar para casa chegou, quando voltamos nosso apartamento estava no mais completo silêncio, Kevin nos preparou um jantar saboroso, era um homem dedicado, quando nossa princesinha dormiu, a coloquei em seu berço e deixei a baba eletrônica ligada, logo depois eu e Kevin nos deitamos na sala para assistir um filme, estava deitada em seu peito e sentia sua respiração pesada, acariciei seu abdômen de leve até escorregar devagar até seu membro, minha boca salivou com a expectativa, as carícias começaram leves até eu ser repreendida.

— Não comece aquilo que não vamos poder terminar! — segurou minhas mãos. — esta me deixando louco.

— E eu morta de desejo.

Ataquei seus lábios com fome, o resguardo por causa do parto recente era necessário, mas muita coisa dava para se fazer ainda que com restrições. Deslizei meus lábios pelo seu corpo, mordisquei seu membro por cima da cueca que já estava rígido, o tirei do tecido branco da cueca e o apalpei, minha boca salivou, deslizei o polegar sobre a cabeça rosada e o líquido que seu corpo expelia ajudou na lubrificação, o masturbei de leve fazendo arfar e se contorcer, até que passei a língua nos lábios e o enfiei na boca sentindo seu gosto agriçoce.

Enquanto ele me observava com os olhos semicerrados e escuros de pura luxúria eu o encarava devassa e um grunhido saiu pela sua garganta fazendo com que enfiasse os dedos entre meus fios e me segurou firme acompanhando meus movimentos, o enfiei fundo até minha garganta até ele se despejar em minha boca.

— Desse jeito fica difícil manter a sanidade. — sorriu

— Eu te amo Kevin.

— Eu te amo mais.

Tudo o que passamos foi uma luta, meu coração ferido foi curado, formamos uma linda família, o recomeço era o que mais importava agora, seguir um passo de cada vez, um dia de cada vez, uma conquista de cada vez. Eu estava completa, Kevin daquele seu jeito torto de ser me completava, meu coração batia ainda mais forte agora, pois eu tinha um motivo a mais para seguir em frente, e tenho a plena convicção em dizer que superamos todas as dificuldades.

Kevin

Os dias passaram voando, enquanto eu olhava Vitória ninar nossa filha com tranquilidade um filme passou pela minha cabeça e ali tive a certeza de que recomeços são necessários, aprendi da pior forma possível, a morte do

meu pai nunca esteve nos meus planos, acreditar que ele estava morto foi um erro, nunca soube onde ficou durante todo o tempo em que todos acreditavam em que já havíamos o enterrado. Amar tanto aquela garota a ponto de sacrificar alguém também não fazia parte, mas fui tão envolvido pela sua delicadeza e sensualidade que passei a acreditar e ainda acredito que eu não possa viver em mundo sem a minha redenção, sem a minha garota, e agora mais do que nunca marcando na pele uma prova da minha entrega.

Minhas tatuagens sempre tiveram um significado para mim, mas nunca algo fez tanto sentido como o nome de Vitória caracterizado para sempre, agora mais um motivo para minha felicidade se chamava Cecília e ali naquele desenho pequeno de um pezinho também havia mais um prova da minha redenção.

Cecília Hale Collins, mais um motivo para lutar todos os dias pelas pessoas que amo, o ódio plantado no meu coração foi substituído pelo amor, o sentimento mais belo e puro, lutar pelo que se deseja nunca esteve tão claro dentro de mim como agora, cometi muitos erros, mas o arrependimento foi sincero, e conseguir o perdão de Vitória foi crucial, sentia que havia perdido a vida sem ela, todas as besteiras que já fiz nunca serão apagadas da nossa memória, mas a gratidão por ter recebido seu perdão é eterna.

— Ela dormiu, vou colocá-la no berço!— meus devaneios foram interrompidos enquanto eu as observava ali de braços cruzados.

— Espere um pouco, quero registrar esse momento. — tirei o celular do bolso e tirei um foto. — Nada mais importa meu amor, essa é a nossa família, sou louco por você Vitória.

— Então me leva pra cama! — falou travessa depois de colocar nossa boneca no berço.

A peguei no colo, ela envolveu os braços em meu pescoço e segurei firme sua bunda a erguendo do chão e fazendo-a enlaçar as pernas em minha cintura, encostou sua testa na minha e roçou seu nariz no meu enquanto eu caminhava devagar até nosso quarto. Quando enfim estávamos em nossa cama a beijei devagar e logo depois aprofundei o beijo sentindo o calor de sua língua na minha, tomei seu corpo a fazendo arfar delirando de desejo.

Éramos apenas um e seria assim pelo resto dos nossos dias.

Epílogo

Vitória

Apesar das nossas diferenças nunca fui tão feliz, Kevin era um homem incrível, seus defeitos e qualidades condiziam com a nossa realidade e eu amava cada pedacinho disso tudo.

Pelo menos uma vez no ano viajávamos para Hamburgo, eram horas naquele cemitério olhando para a lápide de Lúcio Collins, aceitar tudo o que aconteceu foi difícil, Kevin por vezes sentia-se culpado, e ao mesmo tempo dizia que foi a coisa certa a se fazer, pois era um homem podre a menos no mundo, sempre me abraçava e agradecia por eu ter entrado em sua vida o salvando do expurgo de se tornar um criminoso de fama internacional, todo o escândalo foi abafado por Andrei que aparecia vez ou outra para nos visitar, foi como se nada tivesse acontecido.

Uma surpresa grande para mim foi encontrar a lápide com meu verdadeiro nome e de Beatriz no mesmo cemitério, de certa forma foi assustador ver seu nome ainda que não o use escrito em uma lapide de mármore, Liana e Amanda Ruschel, eu nunca esperei por isso o que acabou me desestabilizando um pouco por conta da gestação e os hormônios a flor da pele.

— Vamos embora?

— Vamos!

O vôo de retorno para casa foi tranquilo, quando chegamos Beatriz estava com Cecília no quarto e brincavam de boneca, minha pequena usava uma fantasia da branca de neve e uma maquiagem azul que brilhava de longe e Beatriz uma peruca rosa Pink e óculos azul néon, vê-la sorridente e feliz tranquilizava meu coração. Com toda certeza Cecília chegou trazendo esperança de uma vida nova e um novo recomeço para todos.

— Parece que cheguei bem na hora! — as interrompi.

— Mama — Cecília saiu correndo e me abraçou, lhe beijei e cheirei seus cabelos castanhos matando a saudade.

— Mamãe estava com saudades meu amor.

Nossa pequena era uma perfeita cópia de Kevin, olhos verdes cintilantes e os cabelos castanhos, uma pequena que alegrou tanto nossas vidas como a da minha família, Beatriz me olhou surpresa pela minha chegada repentina.

— Achei que me daria mais um dia para mimar minha sobrinha Vitória. — me beijou sorridente.

— Voltamos mais cedo, Kevin tem compromissos no trabalho.

— Então não espere que eu vá embora hoje, ainda quero curtir Cecília mais um pouco antes de voltar para aquele escritório.

— É sempre um prazer ter você aqui, ainda mais quando Nicolas chegar daqui uns meses irei precisar de você.

— Será um prazer mimar esse garotão. — segurou minha barriga protuberante e depositou um beijo.

Descemos para o jantar, Joana agora trabalhava em minha casa e me ajudava com a correria do dia a dia, paparicava minha filha como se fosse sua neta e realmente esse relacionamento entre a pequena, Beatriz e Joana me alegrava muito.

— Oi cunhadinho, como foi de viagem?

— Bem Bia, cuidou bem da minha filha?

— Como sempre fiz!

— Estou vendo, e essa maquiagem na menina?

— Conhece água e sabão? — Piscou debochada.

— Engraçadinha!

— Depois eu tiro senhor ranzinza, deixa a menina brincar!

Enquanto Kevin se sentou à mesa para o jantar o abracei por trás e o falei baixinho em seu ouvido.

— Deixe as meninas, depois nós dois vamos brincar um pouco. — falei com segundas intenções.

— Ansioso por isso! — me beijou docemente.

— Deixem a melação para depois, por favor, tem crianças na mesa. — Beatriz e seu jeito doido de ser.

— Você está é com inveja Beatriz, mas eu ainda acho que você vai encontrar alguém especial, e aí desse cara se te magoar, juro que junto na garganta dele com as duas mãos.

Kevin tinha um cuidado especial com Beatriz, dizia que se sentia culpado por tudo o que aconteceu conosco e que a considerava uma irmã mais nova e que cuidaria dela sempre que necessário. Meu pai vivia enfiado no hospital, dizia que aquilo era sua vida e que morreria trabalhando e que ainda não pensava em aposentadoria.

Eu estava feliz e realizada com a minha família de um jeito ou de outro todos nos aproximamos ainda mais, éramos felizes a nossa maneira, nos entendíamos a nossa maneira.

Mais tarde na hora de dormir, passei no quarto de Cecília para lhe dar um beijo de boa noite, Kevin estava sentado na poltrona e ninava nossa filha que dormia calmamente em seus braços, ali ela encontrou a proteção e aconchego, assim como eu.

— Hora de colocar ela na cama. — falei baixinho.

Ele se levantou e carinhosamente a colocou na cama e a cobriu, beijou seus cabelos e disse baixinho.

— Papai vai estar aqui sempre! — se derretendo como sempre fazia. —

Agora é a sua vez, vamos!

Kevin

Quando eu estava com Cecília nos braços sentia que aquele instinto protetor era aflorado, acho que qualquer coisa que fosse relacionado à minha família me despertava esse sentimento. Faltavam alguns meses para vermos o rostinho do nosso filho e eu estava ansioso por isso.

Quando nos deitamos Vitória se virou de costas e me aconcheguei a seu corpo, acariciando levemente sua barriga protuberante, logo as coisas foram esquentando, tirei seu cabelo do pescoço e desferi beijos até seu ombro, baixei a alça da sua camisola até ir de encontro com sua intimidade quente e molhada, pronta para mim. O sexo entre nós dois sempre era quente e cheio de desejo.

No dia seguinte acordei sozinho na cama, mas ouvi o barulho da água caindo do chuveiro no banheiro do nosso quarto, mais do que depressa aproveitei a deixa e me enfiei com Vitória no box, ali dentro mais uma vez fizemos amor apaixonadamente até nos perdemos com a mais prazerosa sensação de sentirmos um ao outro.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Ela saiu primeiro que eu, se secou e ficou ali com a toalha enrolada no cabelo, passando um creme no corpo enquanto eu tomava meu banho e admirava sua beleza única. Logo ela saiu e vestiu uma camisola branca com transparência e disse que me esperaria no quarto.

Quando terminei sai com a toalha enrolada na cintura vi uma das cenas mais lindas que já presenciei na vida. Vitória estava na janela com uma das mãos nas costas e outra acariciando a barriga, a luz do sol refletia em sua pele alva, era impossível olhar aquela mulher e não admirá-la, ficava ainda mais linda com aquela barriga.

Grávida do meu filho, do nosso filho!

Agora, mais do que nunca, eu estava completo.

Fim

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a Deus por estar comigo em todos os momentos, e a minha família que sempre foi meu ponto de equilíbrio.

Essa foi uma obra que exigiu muito de mim, é meu segundo trabalho como escritora e acredito muito que me fez crescer, como sempre digo cada linha escrita é um novo aprendizado e quero melhorar sempre para proporcionar aos meus leitores o melhor que posso dar de mim. A imensa gratidão pelas minhas leitoras, que me acompanharam nessa caminhada seguindo firmes e fortes junto comigo, não há palavras para descrever o quanto sou grata por ter vocês comigo.

As meninas do meu grupo do whatsapp que estão comigo em todas as horas, não tenho palavras para expressar a gratidão que sinto a cada uma de vocês, nas horas boas e nas ruins de cada uma é ali naquele grupo que encontramos o apoio, mesmo de longe saibam que cada uma de vocês tem um lugarzinho especial dentro do meu coração. Posso afirmar com toda convicção que sou orgulhosa por fazer parte do melhor grupo.

Não posso deixar de agradecer a Ana Caroline minha linda, que lá do outro lado do Brasil me ajudou na revisão dessa obra e na diagramação, não tenho palavras para expressar minha gratidão, obrigada por ser essa pessoa maravilhosa que cruzou meu caminho por causa do booktrailer dessa obra, chegou de mansinho e acabou ficando de vez ganhando um espaço imensurável na minha vida. Obrigado Ana.

Agradecer também ao meu amorinho Witória Maia, por sempre me socorrer quando precisei e por ser essa pessoa atenciosa e amorosa.

E sou imensamente grata a você que está aqui comigo, que tirou um tempinho e leu minha obra, que deu uma chance e veio aqui conhecer o meu trabalho, sou grata do fundo do meu coração.

GRATIDÃO!

Jess Lisley

Outras Obras!

Frágil Coração.

Já imaginou sua vida ser virada ao avesso?

Raissa Montenegro, uma bailarina no auge da carreira, descobre sofrer de uma grave cardiopatia congênita. Desde então, fechou o coração a sete chaves, excluindo de sua vida qualquer tentativa de aproximação.

Isaac Hale, um cardiologista de renome, sempre teve sua vida nos trilhos. Contudo, não contava que iria passar por tremenda decepção amorosa, sendo traído pela noiva e pelo próprio irmão. Decidido a deixar o passado para trás, resolve que chegou a hora de mudar.

Um belo espetáculo e uma memória jamais esquecida.

Uma única noite foi capaz de trazer a ambos notícias reveladoras e preocupantes. Uma lembrança poderá despertar em Isaac um sentimento perdido com o tempo?

Um coração ferido pela traição e o outro fragilizado pela doença...

Livro 1

Obstinado Coração.

Beatriz Hale, uma mulher independente, determinada e dona de si, a grande paixão de sua vida é o ballet, paixão que herdou da mãe adotiva, por anos foi a estrela de uma grande companhia de dança, mas se afastou dos palcos depois de ter sofrido um grande trauma que mudou sua vida no mundo artístico.

Formada em Direito passou aos poucos a exercer a profissão, mas não abandonou totalmente a dança, vez ou outra visita a escola que estudou e arrisca alguns passos, e nessas visitas que passa a conhecer um cara vestido em um macacão de serviço que desperta aos olhos da moça um interesse

incomum.

Davi Adams um homem correto e trabalhador que está pagando por um crime que não cometeu, luta diariamente para manter a filha de 03 anos após a morte de sua esposa, e que acredita que nenhuma outra pode substituir a mulher que perdeu.

Um coração traumatizado e outro ferido pela dor da perda.

Duas vidas, dois mundos diferentes!

Livro 3

Siga a autora nas redes sociais e fique por dentro do que está rolando e quais serão seus próximos lançamentos.

Instagram:
@utora_jesslisley

[1] *MuayThay: Tipo de boxe Tailandês.*

[2] Enter: Tecla no computador que corresponde a entrar, confirmar, aceitar, enviar.

[3] Nerd: Pessoa muito inteligente que prefere estar estudando ou se dedicando a alguma atividade intelectual de seu interesse. (Fonte: <https://www.dicio.com.br> Acessado em 02/02/2020 às 14h)

[4] Hackear: Burlar a segurança de um sistema computacional, buscando acessar ilegalmente, sem a permissão do dono, um computador ou sistema computacional e informático. (Fonte: <https://www.dicio.com.br> Acessado em 02/02/2020 às 14h).

[5] "**The Unforgiven**" é uma canção da banda estadunidense de Thrash Metal Metallica, segundo *single* do álbum *Metallica* (também conhecido como *Black Album*), lançado nos Estados Unidos através da Elektra Records em 14 de novembro de 1992.

[6] Bolsa Clutch: Do inglês significa "agarrar", e é o nome dessa bolsa pequena. (Fonte: Blog De Salto Alto <http://1023.clicrbs.com.br/saltoalto/> Acesso em 02/02/2020 14h).

[7] Pitú: INFORMAL – BRASILEIRISMO, ataque nervoso ou histérico; chilique, faniquito. (Fonte: <https://www.dicio.com.br> Acessado em 02/02/2020 às 14h).

[8] Step: O pneu reserva, chamado popularmente no Brasil de **estepe**, é o pneu sobressalente que a maioria dos automóveis possuem obrigatoriamente como item de segurança. (Fonte: <pt.wikipedia.org> Acessado em 02/02/2020- 18h)

[9] Airbags: *Airbag*, também conhecido como bolsa de ar, almofada de ar ou erbegue, é um componente de segurança dos veículos automotores. (Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 03/02/2020- 18h)

[10] Tablet: tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque (*touchscreen*). É um dispositivo prático com uso semelhante a um computador portátil convencional. (Fonte: <https://www.significados.com.br/tablet/> - Acessado em 03/02/2020 – 10h)

[11] Vide referencia 3

[12] Vide referencia 7

[13] Roxette: é uma canção da dupla sueca Roxette, faixa título de seu álbum. A canção não soa como o título possa sugerir, uma vez que se trata de uma balada acerca de mágoa e amor. Lançamento em 1994 -Pop, Duração: 05h02min, Gravadora: EMI Records, ComposiçãoPer Gessle. (Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 18h).

[14] Neozine: medicamento cuja ação esperada é a sedação e melhora de quadros mentais, como por exemplo, a ansiedade em pacientes psicóticos e na terapia adjuvante para o alívio do delírio, agitação, inquietação, confusão, associados com a dor em pacientes terminais.(Fonte: <https://www.bulas.med.br/p/bulas-de-medicamentos/bula/3153/neozine+gotas.htm>. Acessado em 03/02/2020- 11h15minh)

[15] Chek in: palavra em inglês, que remete ao ato de dar entrada, abrir uma conta, confirmar presença em um local, registrar-se ou pedir o início de algum tipo de processo. (Fonte: <https://www.significados.com.br/check-in/> Acessado em 03/02/2020- 11h15min.).

[16] Cabideiro, tipo de cabide, para apoiar roupas.

[17] *Pelmên*: é um prato da culinária russa que pode ser encontrado em diversos países do leste europeu. Consiste num recheio de carne picada, envolvido por uma massa fina, feita de farinha e ovos, com leite ou água, resultando em pequenos pastéis com cerca de 2-3 cm de diâmetro e forma mais ou menos esférica.(Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 17h).

[18] Maitre:Maître d'hôtel, ou simplesmente Maître Anfitrião ou Gerente do restaurante, no ramo da hotelaria é o responsável por agendar as reservas, acomodar os clientes nos estabelecimentos e organizar as praças, garantindo a eficiência no atendimento e a satisfação do cliente lidando com as reclamações. (Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 17h).

[19] Croissant: Um croissant, em português, croassã ou croassão, é um pão de massa folhada em formato de meia-lua, feito de farinha, açúcar, sal, leite, fermento, manteiga e ovo para pincelar.(Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 17h).

[20] Craniectomia:Corresponde ao procedimento neurocirúrgico de remoção de parte da calota craniana devido a situações que aumentem a pressão dentro do crânio (inflamação, hemorragias, tumores, etc). Dr. Antônio Fernandes Cunha Simão.

[21] Check out: Check-out é o procedimento usado pelas agências de viagens e pela rede hoteleira para identificar a saída de um hóspede de um hotel.(Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 17h).

[22] Glock: Pistola fabricada pela empresa austríaca Glock Ges.m.b.H., que iniciou as suas

atividades em 1963, produzindo itens de metalurgia e plástico, como facas e coldres, comercializados, em parte, para o exército. (Fonte: pt.wikipedia.org Acessado em 02/02/2020- 17h).

[23] Muquifo: local sujo e em que falta ordem.(Fonte: <https://www.significados.com.br/check-in/> Acessado em 03/02/2020- 11h15min).

[24] Omoplatas: **Escápula** ou **espádua** é um **osso em forma de triângulo** localizado na parte superior do tórax, ou no ombro, que juntamente com a clavícula forma a cintura escapular, permitindo a união de cada membro superior ao tronco. (Fonte: <https://www.significados.com.br/omoplata/> Acessado em 17/02/2020 as 13h44minh)

[25] Tipagem Sanguínea: **Tipagem sanguínea** é um teste realizado por profissionais de saúde (geralmente por biólogos, biomédicos e farmacêuticos) para estabelecer qual tipo sanguíneo e fator Rh (positivo ou negativo) que um indivíduo possui. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tipagem_sangu%C3%ADnea Acessado em 17/02/2020 as 13h49minh)

[26] Bílis: **Bile, bílis, fel** ou **suco biliar** é um fluído produzido pelo fígado (produz cerca de um litro de bile por dia) e armazenado na vesícula biliar - capacidade de armazenar 20 - 50 ml de bile - e atua na emulsificação de gorduras

(Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bile> Acessado em 17/02/2020 as 14h19minh).